

UNIVERSIDADE FEDERAL DO CEARÁ
DEPARTAMENTO DE ENFERMAGEM
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ENFERMAGEM
MESTRADO EM ENFERMAGEM
ÁREA DE CONCENTRAÇÃO: SAÚDE COMUNITÁRIA

UFC	BIBLIOTECA UNIVERSITÁRIA
Nº. R 1399420.	
04 / 06 / 2001	

OK

EQUIPE DE SAÚDE MENTAL : SOCIOPOETIZANDO O HOSPITAL-DIA

Lia Carneiro Silveira

Orientadora: Violante Augusta Batista Braga

10.7368
55892
2001
ex. 2

Fortaleza

2001

UNIVERSIDADE FEDERAL DO CEARÁ
DEPARTAMENTO DE ENFERMAGEM
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ENFERMAGEM
MESTRADO EM ENFERMAGEM
ÁREA DE CONCENTRAÇÃO: SAÚDE COMUNITÁRIA

Lia Carneiro Silveira

**EQUIPE DE SAÚDE MENTAL : SOCIOPOETIZANDO O
HOSPITAL-DIA**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós -
Graduação em Enfermagem, do Departamento de
Enfermagem da Faculdade de Farmácia,
Odontologia e Enfermagem da Universidade
Federal do Ceará, para a obtenção do título de
Mestre em Enfermagem, Área de Concentração
Saúde Comunitária, Linha de Pesquisa
Enfermagem e Estudos Teóricos e Históricos das
Práticas de Saúde.

Orientadora:
Profa. Dra. Violante Augusta Batista Braga

Fortaleza

2001

UNIVERSIDADE FEDERAL DO CEARÁ
DEPARTAMENTO DE ENFERMAGEM
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ENFERMAGEM
MESTRADO EM ENFERMAGEM
ÁREA DE CONCENTRAÇÃO: SAÚDE COMUNITÁRIA

S589e

Silveira, Lia Carneiro

Equipe de saúde mental: sociopoetizando o hospital-dia / Lia Carneiro Silveira. – Fortaleza, 2001.

128 f. : il.

Orientador (a): Prof. (a) Dr. (a) Violante Augusta Batista Braga.

Dissertação (Mestrado). Universidade Federal do Ceará. Curso de Mestrado em Enfermagem

1. Enfermagem Psiquiátrica. 2. Saúde Mental. 3. Sociopoética. 4. Esquizoanálise. I: Título

CDD 610.7368

EQUIPE DE SAÚDE MENTAL: SOCIOPOETIZANDO O HOSPITAL - DIA

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Enfermagem, do Departamento de Enfermagem da Faculdade de Farmácia, Odontologia e Enfermagem da Universidade Federal do Ceará, como requisito parcial para a obtenção do Título de Mestre em Enfermagem, Área de Concentração Saúde Comunitária, Linha de Pesquisa Enfermagem e Estudos Teóricos e Históricos das Práticas de Saúde.

Data da Aprovação: 06 /03 /2001

BANCA EXAMINADORA

Profa. Dra. Violante Augusta Batista Braga
(Orientadora)

Profa. Dra. Cláudia Maria de Melo Tavares

Profa. Dra. Sandra Haidée Petit

À Marinete

*A marinete, eu sei:
Transporta gente.
Gente que leva lembranças.
gente que deixa saudades, gente que vem a trabalho
e gente que vai atrás do sonho.
Gente que vive, sonha, sente...*

*E Marinete, quem foi?
Quando moça sonhou?
Que experiências viveu?
Tudo que sei é que sofreu.*

*Esta mulher de quem carrego os traços
Que nunca, nem num abraço,
Pôde meu amor entender.*

*E hoje eu tento ao descendente
Mostrar a figura já ausente
Mas que ele deve amar, mesmo sem conhecer.*

Agradecimentos

A Deus, por tudo;

Ao meu filho, Lucas, pelas palavras de carinho e pela paciência em dividir com a minha pesquisa o tempo que deveria ser dele;

À você, Kennedy, pela coragem de segurar minha mão durante a viagem de onde sempre se volta com os olhos ensangüentados;

Violante Augusta Batista Braga, amiga, muito mais que orientadora, por me permitir arriscar, experimentar;

Ao grupo-pesquisador: Eveline, Marluce, Petrônio, Auxiliadora, Vicente, Gabriela, Sílvia, Custódio, Célia, Liduína, Gorete, Yolanda, Sérgio, Beth e João, por aceitarem enfrentar este desafio junto comigo;

À Fernanda Martins, por compartilhar comigo todas as dúvidas e certezas, erros e acertos, angústias e alegrias.

Aos meus pais e minhas irmãs, andarem comigo na estrada que veio dar aqui.

Às pessoas com quem tivemos a oportunidade de compartilhar o interesse pela sociopoética e esquizoanálise: Jacques Gauthier, Sandra Petit, Cláudia Mara, Valdênia, Rose, Sandro, Andréa, Rebeca, Marcílio, Antônio Rodrigues, Tonho, Wagner, Babi, Silvana, Shara, Gilda, Herci, Fabiano, Érica, Ernando, Tânia, Terezinha, Sandra Mara e, Eliane Dayse

A Eliany Oliveira, por me ter feito acreditar que era possível;

Às colegas da turma de mestrado, por todos os momentos intensos compartilhados;

À Rita, Mônica, Maria, Rolando, Julinho, Georgeline, Regina, Nira, Elma e outros amigos e amigas que estiveram presentes durante esse período de construção.

CAPES, ao Departamento de Enfermagem e ao Programa de Pós-graduação em Enfermagem da Universidade Federal do Ceará pelo apoio técnico e financeiro;

*“Deste-me inocentemente a mão, e por
que eu a segurava é que tive coragem
de me afundar. Mas não procures
entender-me, faze-me apenas
companhia. Sei que tua mão me
largaria se soubesse “*

(Clarice Lispector)

SUMÁRIO

RESUMO

1 JUSTIFICANDO O OBJETO DE ESTUDO: UMA VIAGEM AO FORA	10
2 TRAJETÓRIA DA ASSISTÊNCIA À PESSOA EM SOFRIMENTO MENTAL VERSUS PERCEPÇÃO DESSE SUJEITO: HISTÓRIAS QUE SE ENTRECRUZAM.....	17
3 CONSTRUINDO UMA MÁQUINA DE PESQUISAR (OU O ENCONTRO ENTRE ESQUIZOANÁLISE E SOCIOPOÉTICA).....	32
4 QUEM CONTA UM CONTO AUMENTA UM PONTO.....	47
4.1 A Negociação.....	50
4.2 A Formação do grupo – pesquisador.....	52
4.3 As Oficinas.....	56
4.3.1 A Primeira oficina: caminhando pelos lugares socio-míticos.....	57
4.3.2 A Segunda oficina: desenhar, pintar, criar outros lugares.....	64
4.3.3 A Terceira oficina: estranhar para conhecer.....	66
4.3.4 A Quarta oficina: o corpo pensa.....	69
4.3.5 A Quinta oficina: com a palavra o grupo-pesquisador.....	70
4.3.6 A Sexta oficina: com a palavra o grupo-pesquisador (parteII).....	75
4.3.7 A Sétima oficina: entre o 8 e o 80 há 72 possibilidades.....	82
5 FILOSOFICANDO.....	88
6 FECHANDO UMA PORTA, ABRINDO JANELAS.....	109
7 REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	116
SUMMARY.....	122
ANEXOS.....	123

RESUMO

As políticas de saúde mental no Brasil tem se transformado consideravelmente nas últimas décadas. Após o movimento da reforma psiquiátrica, a estrutura dos serviços de saúde mental deixou de ser restrita ao hospital de internamento psiquiátrico e passou a compreender uma rede. Esta é composta por serviços variados de acordo com níveis de assistência, entre eles o hospital-dia. Realizamos este estudo, partindo do princípio de que, não basta mudar as estruturas físicas, se isso não vier acompanhado de uma mudança no nosso modo de perceber e, conseqüentemente, agir perante a loucura. De acordo com os pressupostos da psiquiatria democrática italiana, a "produção de vida", é o instrumento dos profissionais de saúde da reforma psiquiátrica. Para possibilitarmos essa produção de vida àqueles que assistimos, precisamos, antes de tudo, permitirmo-nos experencia-la dentro de nós mesmos. Precisamos questionar e descristalizar nossos próprios papéis para que só assim possamos abrir espaço para a produção de vida das pessoas em sofrimento mental. Objetivamos, no presente estudo, apreender as possibilidades de construção da prática da assistência ao indivíduo em sofrimento mental dentro dos novos serviços. Para atingirmos esse objetivo, entendemos ser necessário identificar linhas de fuga e territorializações possíveis para a equipe de saúde mental, além de criar espaços que possibilitem a auto-análise. Como referencial teórico-metodológico, utilizamos a sociopoética e as idéias de filósofos da linha esquizoanalítica. A produção dos dados da pesquisa deu-se através da realização de oficinas com a equipe de saúde mental de um hospital-dia da rede pública de serviços de Fortaleza. Através da metodologia utilizada, percebemos que, o grupo-pesquisador, no desenrolar das oficinas, soube mostrar como o processo de construção da prática da assistência em saúde mental está acontecendo em sua realidade. Foi possível identificar linhas de fuga, tantas e tão variadas, que seria impossível apreender todas elas. Entretanto, durante o processo, o grupo pesquisador abriu-se para as passagens que essas linhas provocam. Acelerá-las e multiplicá-las, essa é a tarefa que fica. Todo esse processo possibilitou a criação de espaços para auto-análise, deixando evidente a importância dos mesmos para a permanente construção na equipe. Entendemos que essa foi a principal contribuição desta pesquisa para a equipe de saúde mental. No entanto, ainda é pouco. Para que a equipe possa trabalhar os processos institucionais, as tecnologias enxertadas no processo de socialização, os afetos provocados pelo trabalho interdisciplinar e as freqüentes desterritorializações produzidas pelo contato com a loucura, é necessário que a auto-análise seja um processo contínuo. Realizamos, também, uma descrição de todo o processo de pesquisa com uma metodologia sociopoética, visto esta ser uma metodologia inovadora e ainda pouco divulgada na enfermagem. Apesar disso, ressaltamos a importância, para a enfermagem, de metodologias que estimulem a criatividade, a análise das implicações e a visão da subjetividade enquanto processo. Nós, enfermeiras, trabalhamos a todo momento com corpos. Não só corpos físicos, mas também afetivos, libidinais, entre outros. O que faremos desses contatos é uma questão, acima de tudo, ética. Temos um compromisso com a produção de vida daqueles a quem prestamos assistência.

Capítulo 1

J **USTIFICANDO O OBJETO DE ESTUDO: UMA VIAGEM AO FORA**

*" Viver é super-difícil
o mais fundo
está sempre na superfície "
(Paulo Leminski)*

1 JUSTIFICANDO O OBJETO DE ESTUDO: UMA VIAGEM AO FORA

Percebo como impossível construir uma explicação para minha escolha da assistência à pessoa em sofrimento mental como objeto de estudo, sem antes tentar, ainda que superficialmente, fazer uma análise das implicações¹ que me levaram a escolher este recorte da realidade. Vale inclusive questionar o que me levou a optar pelo campo da saúde mental, entre tantos outros possíveis, para uma recém – graduada em enfermagem.

Sinto-me impelida a começar essa discussão pelo fascínio que o fenômeno da loucura me causa. Não se trata de uma apologia. Conheço de perto os sofrimentos impingidos contra aqueles que ousam romper com a barreira da racionalidade. Mesmo assim, ela me atrai. Talvez pela falta de regras, pela imprevisibilidade, pelas infinitas possibilidades dentro do caos.

Acho que isso começou na minha infância. Não sei qual foi meu primeiro contato com a loucura, mas lembro que a minha avó era diferente das outras pessoas. Parecia uma criança grande e não tinha os mesmos direitos que os outros adultos. As pessoas lhe diziam o que fazer, seu quarto era separado, ela não participava das conversas. Mas ela dançava comigo. Isso me deixava maravilhada: um adulto que ligava o rádio e começava a dançar no meio de toda aquela formalidade presente na casa do meu avô. Eu pensava: quando crescer vou ser igual a ela. Depois, não sei bem como, acabei descobrindo que isso era loucura. Talvez tenha sido isso: a loucura e o prazer de dançar na hora mais imprópria tenham se tornado sinônimos no meu imaginário.

Mas o tempo se encarregou de me mostrar também o lado negro dessa história. Durante a disciplina de enfermagem psiquiátrica, ainda na graduação, conheci de forma nua e crua a loucura, assim como a nossa sociedade a tinha delimitado, ou seja, dentro de um hospital psiquiátrico. Ali, descobri um mundo que me chocou.

¹ De acordo com Lourau (1993), quando se fala em implicação com a pesquisa, está se levando em consideração que a neutralidade e a objetividade não existem. O pesquisador encontra-se, antes, submerso no conjunto de condições da pesquisa. Condições políticas, éticas, materiais, libidinais e com toda a rede de instituições com as quais está relacionado. Mais adiante retomaremos a discussão sobre a importância da análise das implicações.

As pessoas pareciam desprovidas de qualquer identidade, como se tivessem sido produzidas em série. As roupas (se é que se pode chamar aquilo de roupa) todas iguais, a não ser pelos buracos aqui e acolá. Com certeza tinham o único propósito de cobrir as partes do corpo que acreditamos serem perigosas demais para estarem expostas. Onde fica a necessidade de se sentir bonito, de ser aceito? O odor característico desse lugar também me chamou a atenção. Parece que eu já o conhecia de algum lugar bem distante. Cheiro de vida parada. Também parecia não haver tempo naquele lugar. Ou melhor, havia um tempo sim, mas este não era marcado por relógios. O que ditava o passar das horas eram as obrigações; hora do café, hora de andar no pátio, hora do almoço, hora de ir ao banheiro, hora de dormir. Como se todos que estivessem ali sentissem necessidade de fazer essas coisas nas mesmas horas. Ainda vale ressaltar a ociosidade presente ali. Se nós aqui fora, que associamos vida e produção, muitas vezes nos questionamos sobre qual o sentido de estar no mundo, imagine como não deve parecer tudo sem sentido para aquelas pessoas que estavam ali sem ter nada para fazer.

A divisão por sexo também me chamou atenção. Onde fica a necessidade de amar, de desejar? Na ala masculina pude conhecer algo próximo a um campo de concentração. Um grande galpão com um banco de alvenaria que vai de uma ponta a outra da parede, de frente para o portão onde sempre tem um auxiliar de enfermagem – carcereiro, vigiando. Alguns deitam no chão, outros ficam sentados com o olhar perdido, a maioria anda para lá e para cá sem objetivo. No pavilhão feminino vi dezenas de mulheres, postas ali para vagarem, sem filhos, a dizer coisas sem sentido. Não pude evitar de fazer uma associação entre aquelas mulheres e a minha avó. Será que ela também tinha passado por tudo aquilo? Andei me informando sobre isso e descobri que sim. Que ela havia passado por vários internamentos e que talvez a situação talvez até tivesse sido pior pois naquele tempo eram freqüentes práticas mais agressivas como o eletrochoque. Isso me impressionou bastante. Lembram que eu queria ser igual a ela?

Várias observações podem ser feitas acerca desse meu relato, desde interpretações psicanalíticas até a taxação de sentimentalismo barato. Na verdade não são elas que me interessam mas, sim, a conclusão de que as forças desejanter embutidas nessa engrenagem, me despertaram questionamentos que hoje

perpassam esse estudo. Para que tipo de prática eu fui formada? Como profissionais que passam anos se preparando para exercer uma prática humanística, ainda que predominantemente biológica, podem aceitar a desumanização exercida nesses locais?

Devo assumir que não é sem medo que escrevo sobre esses fatos e sentimentos aqui. No meio acadêmico, tão acostumado aos problemas de pesquisa assépticos e ao estilo de redação absolutamente técnico, fica realmente muito difícil se expor. Até agora, passei por dois momentos de completa rejeição ao meu projeto: um foi a fase de redação da justificativa do estudo e o outro, logo após o exame de qualificação, quando um dos membros da banca sugeriu que eu aprofundasse minha análise das implicações. Agora consigo perceber o que esses dois momentos tinham em comum. Era justamente a dificuldade de escrever sobre os aspectos subjetivos envolvidos na minha opção por desenvolver essa pesquisa. Devo estar ficando louca (será que agora consigo realizar meu desejo infantil de ser igual a minha avó?) mas depois de escrever e deletar várias vezes esses parágrafos, acabei decidindo que eles iriam permanecer na redação final de minha dissertação. Afinal posso apoiar-me na palavra de um pesquisador de renome para fazer isto : *“...o amor e a loucura são ‘engrenagens’ imprescindíveis às mudanças.”* (Lourau, 1993)

Dando continuidade ao caminho que percorri até o mestrado, logo após a graduação, tive a oportunidade de exercer o cargo de professora substituta da disciplina de enfermagem psiquiátrica da Universidade Federal do Ceará. Ali, pude ter contato com um olhar diferenciado sobre a problemática da pessoa em sofrimento mental, perpassado pelos conceitos da já então propagada reforma psiquiátrica. Ainda assim, a pergunta continuava insistentemente me perseguindo: O que nós, enquanto profissionais da saúde podemos fazer para melhorar as condições de vida dessas pessoas?

Hoje, quando vivemos o momento de desconstrução/reconstrução da assistência ao doente mental, esta pergunta volta ainda com mais ênfase, como se sentisse que é este o momento, é esta a oportunidade que temos de redirecionar nossa prática, livrando-a das máscaras de vigia e carrasco ou de submissão que muitas vezes temos assumido ao longo dos anos.

Se lembrarmos da proposta de desinstitucionalização italiana, veremos que mudar os muros físicos do manicômio não é suficiente se isso não vier acompanhado de uma mudança no nosso modo de perceber e, conseqüentemente, agir perante a loucura. De acordo com os pressupostos da psiquiatria democrática italiana, a "produção de vida", é o instrumento dos profissionais de saúde da reforma psiquiátrica. Para possibilitarmos essa produção de vida àqueles que assistimos, precisamos, antes de tudo, permitirmo-nos experienciá-la dentro de nós mesmos. Precisamos questionar e descristalizar nossos próprios papéis para que só assim possamos abrir espaço para a produção de vida das pessoas em sofrimento mental.

A princípio, pensamos ser possível realizar este estudo visando focalizar apenas a assistência de enfermagem. Entretanto, para que as ações desenvolvidas assegurem o reconhecimento do usuário² como um ser bio-psico-social, respeitando suas singularidades, entendemos ser necessário que sejam implementadas tendo em vista uma concepção da equipe como um todo. Inclusive superando a simples multidisciplinaridade, pois esta, de acordo com Nunes (1995), é entendida como sendo apenas uma justaposição de disciplinas, sem, necessariamente, um trabalho em equipe e em colaboração.

Concordamos com Lima (1993, p.172) quando esta afirma que a radicalidade da experiência direta com a loucura tira do lugar o terapeuta, "*...já não somos mais enfermeiros, médicos, psicólogos, terapeutas ocupacionais; somos talvez uma outra coisa ainda sem nome.*"

Percebemos então a importância de se sistematizar o trabalho da equipe em saúde mental de acordo com uma perspectiva que supere a fragmentação do conhecimento, incentivada em uma sociedade onde são marcantes o corporativismo, a competitividade e extrema especialização, trabalhando assim, numa perspectiva interdisciplinar.

Segundo Nunes (1995, p.98) a interdisciplinaridade tem despontado na atualidade como uma temática bastante discutida e, em alguns momentos, analisada. Certamente, essa necessidade de reintegração dos conhecimentos adquiridos por diversas disciplinas, está associada a uma necessidade de superar o

² O termo "usuário" é utilizado aqui em substituição do termo paciente. Seu significado está relacionado com a condição do mesmo ser considerado o usuário de um serviço de atenção.

incentivo à especialização crescente e à fragmentação do saber, característico do modo de produção capitalista. Para o mesmo autor, no caso da saúde,

"... a busca de ações integradas na prestação de serviços, ou a associação entre docência e serviço, ou a questão da interface entre o biológico e o social passa pelo campo genericamente denominado de relações interdisciplinares. Trata-se da tentativa de sair da compartimentalização, que estaria presente também na pesquisa, procurando dar uma resposta aos problemas de saúde que regra geral não são disciplinares." (Nunes, 1995, p.98)

No âmbito da saúde mental, ao desenvolver-se ações em equipe, deve-se ainda ter em mente que o indivíduo alvo dessa assistência tem particularidades que precisam ser levadas em consideração. O trabalho desenvolvido por esses profissionais é uma contínua exposição ao desconhecido, onde é preciso, no dizer de Pelbart (1990, p.136),

"...fazer do acaso um campo de invenção e de imprevisibilidade, de não recortar o desconhecido com o bisturi da racionalidade explicativa. (...) isso tudo implica, naturalmente, inventar uma nova relação entre corpo e linguagem, entre a subjetividade e a exterioridade, entre os devires e o social, entre o humano e o inumano, entre a percepção e o invisível, entre o desejo e o pensar."

Assim, desponta como importante ferramenta para a equipe de saúde mental o conceito de interdisciplinaridade, sendo esta entendida como *"o trabalho desenvolvido por diferentes especialidades intencionalmente envolvidas em arranjos de equipes formais que maximizam oportunidades para trocas educativas e dedicação na execução das tarefas"*. (Scherer & Campos, 1997)

Percebe-se entretanto, que o fato de profissionais de áreas diferentes estarem atuando em um mesmo espaço físico não significa, necessariamente, que estes estejam atuando de maneira integrada. Para Nunes (1995, p.105), o verdadeiro trabalho interdisciplinar só é alcançado quando:

- "1) se consegue incorporar o resultado de várias disciplinas;*
- 2) se consegue tomar de empréstimo de outras disciplinas certos instrumentos e técnicas metodológicas e esquemas conceituais, a fim de fazê-los integrarem e convergirem depois de terem sido comparados e julgados."*

Ainda quando falamos em interdisciplinaridade, queremos ressaltar a importância do agregamento, também, do saber do próprio indivíduo do cuidado, considerando que este detém sobre a sua existência um conhecimento muito mais amplo sobre si mesmo do que qualquer especialidade é capaz de ter.

Sendo assim, perguntamo-nos: neste momento de desconstrução /reconstrução, quais as possibilidades de atuação dos profissionais de saúde dentro dos novos serviços? Ou para utilizar um linguajar próprio do referencial que rege este estudo: que linhas de fuga e que territorializações são possíveis para estes profissionais nesse momento de modificação dos serviços?

Partindo destes questionamentos, objetivamos apreender as possibilidades de construção da prática da assistência ao indivíduo em sofrimento mental dentro dos novos serviços. Para que possamos atingi-lo, entendemos ser necessário identificar linhas de fuga e territorializações possíveis para a equipe, além de criar espaços que possibilitem o exercício da auto-análise.

Capítulo 2

T **RAJETÓRIA DA ASSISTÊNCIA À PESSOA EM SOFRIMENTO MENTAL VERSUS PERCEPÇÃO DESSE SUJEITO: HISTÓRIAS QUE SE ENTRECruzAM.**

“Ah, quem escreverá a história do que poderia ter sido?

Será essa, se alguém a escrever,

A verdadeira história da humanidade.”

(Fernando Pessoa)

2 TRAJETÓRIA DA ASSISTÊNCIA À PESSOA EM SOFRIMENTO MENTAL VERSUS PERCEPÇÃO DESSE SUJEITO: HISTÓRIAS QUE SE ENTRECruzAM.

A construção deste trabalho, deriva, principalmente, de uma visão particular do que é (ou do que vem sendo) a assistência ao indivíduo em sofrimento mental. Digo "do que vem sendo", por que é exatamente imbuída nesta percepção que estou desenvolvendo este estudo. Acredito que há uma constante construção desse saber, o qual como todos os outros, não existe dissecado, recortado do conjunto de acontecimentos que o cerca, mas, sim, submerso numa rede composta por fatores dos mais variados, desde políticos e econômicos, subjetivos, libidinais, entre outros.

A forma pela qual esta assistência vem sendo desenvolvida, tem estado, historicamente, associada à forma como a loucura é percebida. Sendo assim, se quisermos contextualizar a abordagem ao indivíduo em sofrimento mental, temos necessariamente que nos reportarmos à história desse próprio sujeito.

A história da loucura já tem sido contada por diversos autores e por ângulos reconhecidamente diferentes. Dentre estes, é imprescindível ressaltar o trabalho de Foucault (1979), "A História da Loucura na Idade Clássica", o qual soube construir com minúcia os vieses micropolíticos das modificações ocorridas na forma de perceber este objeto.

Atualmente, quando nos referimos ao que chamamos "doença mental", tendemos a pensá-la como objeto de estudo e intervenção de determinados saberes, entre estes, a psiquiatria, a psicologia e a enfermagem psiquiátrica. Entretanto, vale ressaltar, que nem sempre foi assim. É apenas em determinado momento que a história da loucura vai encontrar a história da assistência a essas pessoas, pois, nem sempre a loucura foi percebida como fenômeno que requisesse alguma forma de atenção, na concepção terapêutica da palavra, ou mesmo foi representada de modo único, atribuindo-se a ela vários conceitos e determinações.

A desrazão, segundo Pelbart (1990, p.133), é entendida como sendo uma dimensão essencial em várias épocas, representado "*a estranheza, a ameaça, a alteridade radical, tudo aquilo que uma sociedade enxerga como sendo seu limite,*

seu contrário, seu outro, seu além". O autor afirma, ainda, que nem sempre coube ao louco a tarefa de representar a desrazão. Houve épocas em que essa dimensão era percebida na natureza, no sagrado, na arte, entre outros.

Algumas vezes, a experiência com essa dimensão, era até mesmo considerada privilégio, como na Grécia Antiga. De acordo com Pelbart (1989), filósofos como Sócrates e Platão ressaltaram a existência de uma forma de loucura tida como divina. Afirma, inclusive, que os antigos utilizavam a mesma palavra (manikê) para designar tanto o "divinatório" como o "delirante". Era através do delírio que alguns privilegiados podiam ter acesso a verdades divinas. Isso não quer dizer que estas pessoas fossem consideradas normais ou iguais, mas, sim, que eram portadoras de uma desrazão que habita

"... a vizinhança do homem e de seu discurso, permitindo um trânsito ritual que não desqualifica nem seu portador nem sua palavra. Ao mesmo tempo, porém, uma distância sem mediação possível: distância inapelável do sagrado, reverência perplexa às forças do mundo, exterioridade da loucura em relação ao sujeito, estranheza da mensagem que ele porta. (...) A loucura não é o Outro do homem (do qual ele possa se assenhorar), mas simplesmente o Outro." (Pelbart, 1989, p. 42)

Fuganti (1990) diz que Platão dividiu o mundo em dois: "mundo das idéias", que constituía um plano divino; mundo das essências, dos modelos superiores; e "mundo das aparências", representado pela matéria, os corpos sensíveis, sendo este último uma região inferior. A conexão entre estes dois mundos não podia ser feita de qualquer maneira. Era preciso um tipo especial de relação estabelecida por um tipo especial de desejo ou amor e de pensamento. Segundo o mesmo autor,

"Na Grécia arcaica, a produção da verdade esteve ligada a três tipos de discurso ou de delírios: o do poeta, o do adivinho (ou profeta) e o do rei de justiça (ou sacerdote). É surpreendente e ao mesmo tempo fantástico para nós, acostumado que estamos a opor verdades à loucura, constatar que a verdade para esses gregos era produzida justamente pela loucura." (Fuganti, 1990, p.22)

Até aqui, existe a concepção do homem como imagem de uma idéia perfeita e infinita onde reside a verdade, a qual o homem tem que esforçar-se para atingir. E a loucura é uma dos meios para atingi-la.

Na Antigüidade Clássica, ocorre um corte entre experiência mística e consciência crítica, sendo que, a esta última, passa a ser atribuída a posse da verdade. Foucault (1972, p.17), em sua fascinante História da Loucura, nos mostra

como este corte pode ser percebido através da crescente dissociação entre imagem e escrita observada nesse período:

"Entre o verbo e a imagem, entre aquilo que figurado pela linguagem e aquilo que é dito pela plástica, a bela unidade começa a se desfazer. Uma única e mesma significação não lhes é imediatamente comum."

O autor afirma, ainda, que com o fim do simbolismo gótico, a imagem é liberada da sabedoria e da lição que a ordenavam e começa a gravitar ao redor de sua própria loucura, através de uma abundância de significações, de uma multiplicação do sentido por ele mesmo.

"O sentido não é mais lido numa percepção imediata, a figura deixa de falar por si mesma. Entre o saber que a anima e a forma para qual se transpõe, estabelece-se um vazio. Ele está livre para o onirismo."
(Foucault, 1972, p.18)

Obras representativas dessa época como as do pintor Hieronimus Bosh (Nau dos Loucos, A Tentação de Lisboa e o Jardim das Delícias) mostram animais, caras grotescas, pássaros de pescoço alongado. Estas figuras fascinam, encarnando a loucura em forma de tentação, expondo o mundo com tudo que nele existe de impossível, de fantástico, de inumano. Estas imagens, ainda que carregadas de fantasmas, exercem sobre o homem do séc. XV, muito mais poder de atração do que a própria realidade. De acordo com Foucault (1972, p.22),

"Quando o homem desdobra o arbitrário de sua loucura, encontra a sombria necessidade do mundo; o animal que assombra seus pensamentos e suas noites de privação é sua própria natureza, aquela que porá a nu a implacável verdade do inferno."

Por outro lado, na escrita, a loucura atrai, mas, não fascina. *"Tudo nela é uma superfície brilhante: não há imagens ocultas."* (Foucault, 1972, p.23) A loucura é dominada pelo saber e está associada aos pecados da gula, da luxúria e da soberba, desembocando num universo inteiramente moral.

"Enquanto Bosh, Brughel e Dürer eram espectadores terrivelmente terrestres, e implicados nessa loucura que viam brotar à sua volta, Erasmo observa-a a uma distância suficiente para estar fora de perigo; Observa-a do alto do seu Olimpo, e se canta seus louvores é porque pode rir dela com o riso inextinguível dos deuses." (Foucault, 1972, p.25)

Assim, essa brecha entre experiência mística e consciência crítica, foi aberta durante a Renascença, acentuando um vazio entre o trágico e o crítico que nunca

mais será preenchido. A loucura já não é mais porta-voz da verdade divina e em pouco tempo passará a ocupar o lugar de representante simbólico do mal.

Até o final da Idade Média, a figura do excluído, do representante do castigo divino era caracterizada pelo leproso. Com o fim das Cruzadas e a ruptura com os focos orientais de infecção, a lepra se retira deixando aberto um espaço que vai reivindicar um novo representante. Alguns séculos depois, essas estruturas de exclusão social serão ocupadas pela figura do louco.

No imaginário da Renascença, a forma de excluir o louco era expulsá-lo de suas cidades de origem através de barcos que transportavam esses estranhos passageiros, escorraçando-os de cidade em cidade, além de levá-los a uma peregrinação em busca da salvação. Por outro lado,

"(...) confiar o louco aos marinheiros é com certeza evitar que ele ficasse vagando indefinidamente entre os muros da cidade, é ter certeza de que ele irá para longe; é torná-lo prisioneiro de sua própria partida." (Foucault, 1972, p.12)

Entretanto, apesar de que, desde a Idade Média, já existiam mecanismos de exclusão do louco, ainda não é aí que a loucura vai ser percebida como um fenômeno que requisesse um saber específico. Surge a necessidade de um espaço que abrigue o louco, mas, não ainda medicalizado. De acordo com Foucault (1972), o início da definição desse espaço pode ser representado pela fundação do Hospital Geral em Paris, em 1656. A partir daí começam a ser criados por toda a Europa

"...estabelecimentos para internação que não são simplesmente destinados a receber os loucos, mas toda uma série de indivíduos bastante diferentes uns dos outros, pelo menos segundo nossos critérios de percepção: encerram-se os inválidos pobres, os velhos na miséria, os mendigos, os desempregados opiniáticos, os portadores de doenças venéreas, libertinos de toda espécie, pessoas a quem a família e o poder real querem evitar um castigo público, pais de família dissipadores, eclesiásticos em infração, em resumo todos aqueles que, em relação à ordem da razão, da moral e da sociedade, dão mostras de alteração." (Foucault, 1975, p.78)

Entretanto, estes estabelecimentos não se destinam a tratar estas pessoas, mas, visam simplesmente retirar do convívio social pessoas que não se adaptam a ele.

É só o séc. XVIII que vem definitivamente marcar a apreensão do fenômeno da loucura como objeto do saber médico, caracterizando-o como doença mental e,

portanto, passível de cura. É o século das Luzes, onde a razão ocupa um lugar de destaque, pois é através dela que *"o homem pode conquistar a liberdade e a felicidade social e política"* (Chauí, 1998, p.48). Ocorre uma valorização do pensamento científico e é em meio a esse contexto que as casas de internamento passam a ser asilos, ou seja, ocorre o surgimento do hospital como espaço terapêutico.

Para Foucault (1979, p.103), essa medicalização do hospital não se deu visando *"...uma ação positiva sobre o doente ou a doença, mas simplesmente uma anulação dos efeitos negativos do hospital"*, pois com o amontoado de pessoas nas casas de internamento, gerou-se uma desordem propícia ao aparecimento de doenças as quais poderiam ser espalhadas para o restante da cidade.

Para garantir seu funcionamento, o modelo hospitalar necessitava da instauração de medidas disciplinares que viessem a garantir a nova ordem. Assim, surge uma arte de delimitação deste espaço físico pois,

"A disciplina é, antes de tudo, a análise do espaço. É a individualização pelo espaço, a inserção dos corpos em um espaço individualizado, classificatório, combinatório." (Foucault, 1979, p.106).

Surgiram também outras técnicas disciplinares que se apoderavam de variáveis como tempo, linguagem, vigilância, entre outras. De acordo com Nicácio (1989, p.93)

"O espaço físico, as formas de comunicação, a organização do tempo, a vigilância e o controle constante e sobretudo as relações que se estabelecem com o sujeito internado e seu corpo transmitem a condição de objeto à qual está submetido - sem voz, sem direitos, juridicamente inábil, incapaz e perigoso, o louco se configura em não-cidadão."

Os princípios de vigilância constante e registro contínuo, de forma que nenhum detalhe escape a esse saber, são também fundamentais: *"Não basta olhá-los às vezes ou ver se o que fizeram é conforme a regra. É preciso vigiá-los durante todo o tempo da atividade e submetê-los a uma perpétua pirâmide de olhares."* (Foucault, 1979, p.106).

Como instituição total, o hospício institucionaliza, também, as relações lá exercidas, tornando-se um mundo à parte, afastando cada vez mais o indivíduo de suas relações exteriores. O discurso que alimenta esse sistema, percebe os loucos

como seres perigosos e inconvenientes que, em função de sua "doença", não conseguem conviver de acordo com as normas sociais. Retira-se então do louco, todo o saber acerca de si próprio e daquilo que seria sua doença, ao mesmo tempo em que se delega ao especialista todo este saber. Assim, cria-se a polaridade: de um lado, o louco portador de um discurso que é sempre irreal, sintomático de sua patologia; do outro, o médico psiquiatra ou outros profissionais "psi" que podem afirmar a verdade da loucura e dominá-la.

Instauram-se então relações de poder que funcionam perpassando toda a estrutura manicomial. Este poder não é um poder verticalizado no sentido Estado - indivíduo, mas, sim, como caracteriza Foucault (1979), um poder disciplinar (micro - poder) que não tem um começo nem um fim, mas que se estende entre as relações; que não pertence a alguém, a um ocupante de uma posição hierarquicamente superior, mas que se impõe através da disciplina dentro do próprio cotidiano visando fabricar indivíduos.

Para Pelbart (1989, p.61) o fato de que com a medicalização *"o alienismo tenha acorrentado o homem à sua loucura de um modo novo, não quer dizer que ele acolheu uma diferença, mas que, através de um controle, ele conjurou seus perigos e inventou um novo modo de apropriação"*. O modelo asilar, hospitalocêntrico, instaurou-se então como quase exclusiva modalidade de atendimento aos doentes mentais. O autor ressalta, ainda, que

"... o alienismo teve que vestir a roupagem médica para legitimar-se enquanto ciência. A colcha de retalhos que costurou para si não foi capaz de ocultar a violência pedagógica e moralizante que constituía sua natureza mais íntima. Quanto ao resultado de seu esforço cientificizante, só pode ser visto como uma estridente ironia do destino. Ao tentar dar um substrato anatômico à categoria recém-criada de doença mental, aspirando ao reconhecimento da comunidade médica e científica, tudo que o psiquiatra conseguiu, em suas circunvoluções edificantes, foi mostrar, ao contrário, que o patológico é fruto da civilização. Ao buscar um corpo para a loucura, encontrou a história. Ao invés de uma explicação material, recorreu, majoritariamente, ao menos por certo tempo (o período histórico que nos ocupa), a uma derivação cultural." (Pelbart, 1989, p.224)

De acordo com Amarante (1995, p.29), somente no período pós-guerra desponta um cenário propício para o surgimento dos movimentos reformistas da psiquiatria na contemporaneidade. Começam a surgir em vários países,

questionamentos quanto ao modelo hospitalocêntrico, apontando para a necessidade de reformulação.

Alguns destes movimentos, apesar de afirmarem que o hospital precisava de uma reformulação, justificavam a necessidade da existência do mesmo como recurso terapêutico fundamental. Exemplos dessa corrente são as comunidades terapêuticas e psiquiatria institucional. Outros, colocavam em questão "*...o próprio dispositivo médico psiquiátrico e as instituições e dispositivos terapêuticos a ele relacionados.*" (Amarante, 1995, p.29) Entre estes, podemos citar as experiências de Franco Basaglia nas cidades italianas de Gorizia e Trieste, as quais tinham como principal referência a defesa da desinstitucionalização.

O contexto do surgimento destes movimentos é bastante revolucionário, onde as lutas de 68 agitam toda a Europa. A marca característica desse período são as múltiplas manifestações que revelavam o sonho de transformar o mundo. Observou-se uma sucessão de acontecimentos que viriam promover a revisão de todos os conceitos e preconceitos existentes na sociedade moderna, intervindo na política, nas artes, na moda, nos valores, nas relações de gênero e no comportamento. (Camargo, 1978). Nas palavras de Nicácio (1989, p.94):

"Maio de 68, difícil de definir, mas talvez possível de decifrar através de tantos dos seus grafitos - "sejamos realistas, que se peça o impossível". As lutas estudantis e operárias imprimem profundas marcas e fraturas ao questionarem as formas de existência social; questionando-se a qualidade de vida, as relações de poder, a relação do Estado de classe e as instituições, a ciência e o papel delegado aos técnicos. "

A proposta de desinstitucionalização vai além da simples substituição do manicômio por serviços alternativos. Kinoshita (1987) afirma que o termo "desinstitucionalizar" tem sido amplamente utilizado durante a estação de reformas psiquiátricas ocorridas na Europa e nos Estados Unidos, embora assumindo diversos sentidos. Para os "reformistas" seria modernizar os aparatos do circuito psiquiátrico; para os grupos radicais seria a abolição de todas as instituições de controle social; para os administradores era, sobretudo, um programa de racionalização de recursos com a redução dos leitos psiquiátricos. Mas, ainda para o mesmo autor,

"A experiência italiana não se identifica com nenhuma dessas perspectivas, embora contenha elementos de todas. O percurso dos

inovadores italianos parte da hipótese que 'o mal obscuro da psiquiatria está em haver separado um objeto fictício abstrato, a 'doença', da existência global complexa dos pacientes e do corpo da sociedade. Foi sobre esta separação artificial que se construíram um conjunto de aparatos científicos, legislativos, administrativos (a Instituição, portanto), todos referenciados exclusivamente à doença. E é esse conjunto de aparatos que cumpre desmontar, desinstitucionalizar, para retomar contato com a existência dos paciente, enquanto existência doentia." (Kinoshita 1987, p.78)

De acordo com Rotelli & Amarante (1992) uma importante questão desse momento diz respeito ao conceito de "doença mental" o qual vai dar lugar a uma nova forma de perceber a loucura enquanto "existência-sofrimento" do sujeito em relação com o corpo social. Para os autores,

"De doença mental para existência - sofrimento, o fenômeno psíquico deixa de ser um mal obscuro que afeta as pessoas e passa a ser um fenômeno complexo, histórico, em estado de não-equilíbrio. Instrumento de reconstrução da complexidade do fenômeno, a existência-sofrimento reorienta o objetivo da psiquiatria, passando da 'cura' para a produção de vida, de sociabilidade, de subjetividades." (Rotelli & Amarante, 1992, p.52)

No Brasil, a atenção específica ao doente mental teve início com a chegada da Família Real. Amarante (1994) afirma que, em virtude das várias mudanças sociais e econômicas ocorridas e para que se pudesse ordenar o crescimento das cidades e das populações, fez-se necessário o uso de medidas de controle, entre estas, a criação de um espaço que recolhesse das ruas aqueles que ameaçavam a paz e a ordem social.

De acordo com Miranda (1997, p.85),

"A vinda da Família Real para o Brasil, impõe ao Rio uma classe social até então inexistente. A preocupação com a loucura exposta nas ruas era um tema que interessava a corporação médica, mas que foi gestado e desenvolvido na grande preocupação da Corte com a 'metropolização' das cidades do império."

Inicialmente, essa "limpeza das ruas" era conseguida através da exclusão dos loucos e vagabundos nos porões das Santa Casas de Misericórdia onde o cuidado era prestado por escravos, voluntários e religiosas. Só a partir de 1830 é que se começa a questionar o encarceramento do louco nesses hospitais. Entretanto,

"O repúdio é publicamente dirigido à questão organizacional do hospital: a forma como está estruturado não possibilita o domínio

médico sobre a loucura, um alcance sobre ela e a produção de um saber/poder decorrentes" (Miranda, 1997, p.86)

Assim, começa um processo de medicalização do espaço hospitalar seguindo os moldes europeus, que culmina com a criação do primeiro hospício brasileiro em 1852. O Hospício Pedro II, como foi chamado, era subordinado à Igreja e sem caráter médico.

A assistência era prestada por freiras que, segundo Fraga (1989), foram as precursoras da enfermagem no Brasil. Por volta de 1890, com a proclamação da República, o Hospício Pedro II é desvinculado da Santa Casa de Misericórdia e passa, então, a ser dirigido por médicos. Esta decisão é condizente com a concepção nascente na Europa (e importada pelo Brasil) de que a loucura é uma verdade médica. *"Como qualquer doente, o louco vai precisar de cuidados, apoio, remédios, criando-se sobre ele um corpo de conceitos: a teoria psiquiátrica, que vai passar a instrumentalizar esta prática clínica"* (Miranda, 1997, p.85)

Tendo o hospital psiquiátrico como cenário e o isolamento como principal técnica, o psiquiatra passou a necessitar de um profissional que servisse de vigilante e ao mesmo tempo seguisse suas instruções quanto ao tratamento. *"O 'enfermeiro' é um agente situado entre o guarda e o médico do hospício, devendo estabelecer entre aquele e o doente a corrente do olhar vigilante."* (Miranda, 1997, p.88) Assim, no ano de 1890 foi criada a Escola Profissional de Enfermeiros e Enfermeiras visando sistematizar a formação de enfermeiros para atuarem no espaço asilar.

Percebemos, então, o enfermeiro psiquiátrico assimilando acriticamente o discurso médico, legitimando-o enquanto saber hegemônico. O surgimento dessa categoria profissional aqui no Brasil se deu, de acordo com Miranda (1997), como instrumento de efetivação do poder médico sobre a loucura. Para levar a cabo a tarefa de vigiar e punir, fez-se necessário a presença de um profissional que estivesse em contato permanente com o louco, pois a vigilância contínua e o registro periódico são as principais estratégias de funcionamento desse poder e o enfermeiro, o perfeito executor dessas atividades. Para a autora,

"Toda a violência e agressividade do hospício são descontadas na conta do desempenho agressivo e violento do enfermeiro, a quem cabe por herança secular o serviço sujo das pequenas e cotidianas atrocidades do espaço asilar: amarrar, conter, gritar, ofender, impor-se pela robustez física, proibir, aplicar medidas terapêuticas"

psiquiátricas prescritas, tudo em nome da pseudo ordem do hospital.
(Miranda, 1997, p.91)

Para Fraga (1989) o saber da enfermagem dentro desse processo, esteve sempre subordinado a algum poder hegemônico: à Igreja no período monárquico e ao poder médico no período republicano. Em ambas as situações, a assistência esteve orientada pelos mesmos princípios de exclusão social. Vários autores têm feito referência ao papel do enfermeiro enquanto representante dos interesses da instituição de assistência, em detrimento de uma atenção que vise realmente o bem estar do paciente (Almeida & Rocha, 1989; Martins, 1987; Silva, 1986).

Percebemos que o Brasil copiou da Europa a forma de lidar com os seus loucos, importando, também, os seus mecanismos de poder. Apesar disso, aqui, a lógica de funcionamento dos manicômios teve características próprias. Num país subdesenvolvido, com um modelo de assistência à saúde centrado na prática curativa, individual e assistencialista, foi fácil transformar a doença mental em uma mercadoria bastante rentável (Amarante, 1994).

Por volta da década de 60, a Previdência Social passa a comprar leitos psiquiátricos em hospitais particulares, desencadeando, assim, uma verdadeira "caçada ao ouro". De acordo com Delgado (1997) a taxa de crescimento anual dos leitos psiquiátricos no Brasil entre 1976 e 1980 foi maior que a de qualquer outro país do mundo: *"Para psicose, internação. Para o alcoolismo, internação. Para a terrível angústia banal do dia-a-dia, internação. Para o desemprego, a crise familiar, a inadaptação à selva urbana: internação nos hospícios pagos pelo INAMPS."*

Ao se associar à lógica do capital (lucro), à lógica do modelo manicomial (poder disciplinar), não fica difícil perceber que a "assistência" limitava-se ao mínimo que fosse preciso para manter os loucos sob dominação sem precisar gastar muito. Na década de 70, não suportando a busca desenfreada pelo lucro dos empresários da saúde, a previdência social entra em crise, mostrando a ineficiência deste modelo e apontando para a necessidade de reformulação, abrindo espaço para o questionamento do modelo de assistência à saúde.

Vale ressaltar que estes questionamentos vieram à tona em meio a um quadro sócio-político e econômico específico, caracterizado pelo fim do "milagre

econômico". Ocorre uma abertura lenta e gradual, após anos de ditadura, que permite a entrada em cena de novos atores políticos, dando vez a manifestação das

" (...) críticas e denúncias dos trabalhadores de saúde mental e outros setores da sociedade civil sobre a violência contra os pacientes, o abandono do qual estes são objeto e as precárias condições de 'assistência' dos hospitais psiquiátricos." (Aguiar, 1995, p.26)

É importante destacar a eclosão do movimento dos trabalhadores da Divisão Nacional de Saúde Mental no Rio de Janeiro o qual teve grande repercussão e influenciando na estruturação de movimentos de trabalhadores de saúde mental em vários pontos do país.

Em continuidade a esse processo, foram realizadas, em 1987 e 1992, Conferências Nacionais de Saúde Mental, as quais possibilitaram a delimitação dos objetivos da reforma psiquiátrica brasileira atual. Esta tem como principal referência a experiência Italiana e as idéias de desinstitucionalização de Franco Basaglia. Visando a superação do modelo hospitalocêntrico, são propostos serviços substitutivos para a atenção à pessoa em sofrimento mental. Entre as estruturas propostas podemos citar:

Centros de Atenção Psicossocial - espaço terapêutico intermediário entre a hospitalização e a comunidade que visa auxiliar a reintegração social desse indivíduo, oferecendo, também, assistência psicoterápica, atividades artísticas, culturais e recreativas.

Hospital-dia - é a opção indicada para manter o paciente em tratamento concomitantemente com seus vínculos familiares, comunitários ou empregatícios.

Pensão protegida - na pensão protegida o paciente é denominado hóspede ou pensionista e tratado com um maior enfoque sobre a parte sadia de sua personalidade, sem a burocracia administrativa do hospital convencional, dirigida por orientadores com atmosfera semelhante à doméstica e com suporte de uma equipe técnica.

São propostas importantes, também, a criação de leitos psiquiátricos em hospitais gerais para pacientes em crise e o atendimento ambulatorial onde são prestados cuidados de emergência e avaliada a situação do doente.

Com base nesse novo modelo, o relatório final da 2ª Conferência Nacional de Saúde Mental (Ministério da Saúde, 1994, p.11) divulga como marcos conceituais norteadores da assistência em saúde mental, o respeito à cidadania e à atenção integral, onde o processo saúde/doença mental seja

"... entendido a partir de uma perspectiva contextualizada, onde qualidade e modo de vida são determinantes para a compreensão do sujeito, sendo de importância fundamental vincular o conceito de saúde ao exercício da cidadania, respeitando - se as diferenças e as diversidades."

O ponto de vista da atenção integral visa compreender que a complexidade das questões que envolvem o campo da saúde mental, exige a construção coletiva das práticas e saberes cotidianos, o que veio pôr em evidência novos saberes na área da saúde mental como terapeutas ocupacionais, psicólogos, assistentes sociais, etc. definindo assim a equipe de saúde como multiprofissional, integrada e articulada com outros setores da sociedade.

Ao nível legislativo surgiu a necessidade de modificar a arcaica legislação vigente baseada no Decreto Lei n.º 24.599 de 03 de julho de 1934. Assim, em 1989, é apresentado o Projeto de Lei 3.657-A/89 do Deputado Paulo Delgado (PT-MG) que dispõe sobre a extinção progressiva dos manicômios prevendo sua substituição por serviços alternativos.

Na realidade, o que se tem observado é a dificuldade de implantação das propostas da reforma psiquiátrica. Entendemos que esta dificuldade está associada principalmente a resistências por parte dos donos de hospitais que não querem perder um negócio lucrativo, da família que teme assumir um fardo antes entregue aos hospitais e até da comunidade que prefere esconder a enfrentar a loucura.

O Ceará acompanhou esse processo de reestruturação na assistência ao doente mental, contando com a aprovação da Lei n.º 12.151 de autoria do Deputado Estadual Mário Mamede espelhada no Projeto de Lei 3.657-A/89 do deputado Paulo Delgado. A lei cearense proíbe a construção e ampliação de hospitais psiquiátricos no estado, bem como a contratação de novos leitos nos referidos hospitais; define o estabelecimento de planificação para a instalação e funcionamento dos serviços alternativos de atendimento e estabelece também importantes medidas quanto à internação compulsória de doentes mentais.

Atualmente o Ceará conta com sete CAPS, um em Fortaleza e seis no interior (Quixadá, Canidé, Iguatu, Cascavel, Icó e Juazeiro) e quatro hospitais - dia sendo três na capital e um no município de Sobral. Entretanto, a assistência ao doente mental continua sendo prestada basicamente em hospitais psiquiátricos, dez ao todo, destes sete estão localizados em Fortaleza. Entendemos que essa concentração de instituições hospitalares atua como um dos pontos de resistência à implantação dos novos serviços na capital.

Concordamos com Braga (1998, p.36), quando a autora firma que

"Qualquer processo de mudança cria situações e barreiras de toda ordem. Não ocorre diferente com a proposta de Reforma Psiquiátrica do Ceará, pois a mesma requer modificações não só de ordem estrutural mas, também, política, cultural, técnica e ideológica."

Apesar da complexidade do desafio, podemos afirmar que, no estado do Ceará as modificações vêm ocorrendo.

Capítulo 3

CONSTRUINDO UMA MÁQUINA DE PESQUISAR (OU O ENCONTRO ENTRE ESQUIZOANÁLISE E SOCIPOÉTICA)

*“Deixe-me dizer,
com o risco de parecer ridículo,
que o verdadeiro revolucionário
é movido por grandes sentimentos de amor”*

(Che Guevara)

3 CONSTRUINDO UMA MÁQUINA DE PESQUISAR (OU O ENCONTRO ENTRE ESQUIZOANÁLISE E SOCIOPOÉTICA)

Numa tentativa de superar a visão organicista recebida durante minha formação acadêmica, e procurando focar a situação de desigualdade sócio-econômica que o nosso país atravessa, a princípio pensei estar no referencial marxista a melhor forma de focar a questão do atendimento às pessoas tidas como desviantes ou mentalmente anormais em nossa sociedade. Até então, acreditava que minha função enquanto profissional de saúde era, basicamente, agir como defensor dos direitos destas pessoas na busca de superar a dominação a que estas são submetidas.

Entretanto, ao elaborar o projeto desta pesquisa, pude perceber que a loucura (e a relação com ela), em toda sua complexidade, apesar de fortemente influenciada pela dimensão sócio-econômica, escapava a essa única via de aproximação. Faltava algo. Não bastavam referenciais macro-estruturais ou, na melhor das hipóteses, particulares. Concorro com Gadelha (1998, p.45) quando este afirma que o referencial teórico marxista,

"...parece incapaz de desenvolver uma 'escuta' ou um 'olhar', aptos a captarem os processos moleculares que animam (ou habitam) os fenômenos sobre os quais voltam sua atenção; de outro, quando muito ele consegue captar somente um dos aspectos que marcam a oposição entre noções de molecular e molar, qual seja, aquele que marca a distinção entre o 'pequeno' (captado no sentido de particularidade), e o 'grande' (no sentido de totalidade)."

Afinal, a dualização do homem em sujeito psicológico e sujeito produtivo foi uma consequência da hegemonia do discurso positivista que precisa ser contestada. Foi aí que entrei em contato com a Análise Institucional ou, falando de forma mais ampla, com o "Movimento Institucionalista". De acordo com Barembliitt (1998, p.11)

"O Movimento Institucionalista é um conjunto heterogêneo, heterológico e polímorfo de orientação, entre os quais é possível encontrar-se pelo menos uma característica comum: sua aspiração a deflagrar, apoiar e aperfeiçoar os processos auto-analíticos e autogestivos dos coletivos sociais"

O próprio nome que o autor usa para designá-lo, "Movimento Institucionalista", pretende indicar que não se trata de uma escola, de uma teoria,

mas sim, de um ajuntamento de conceitos provenientes das mais variadas esferas do conhecimento. Tampouco se trata de uma colcha de retalhos onde tais conceitos são justapostos. Na verdade, como diria Rolnik (1987), os conceitos são capturados de forma antropofágica, misturados e digeridos para inventar direções de concepção. Assim, na sua gênese conceitual, o institucionalismo vai se nutrindo de saberes e linhas teóricas bastante heterogêneas, onde podemos nos deparar com idéias de Marx, Freud, Sartre, Heidegger, Kant, Nietzsche, entre muitos outros.

Dentro do Movimento Institucionalista, destaca-se uma corrente denominada esquizoanálise a qual é considerada por Baremlitt (1998) como sendo a porção mais extremista do institucionalismo. Foi justamente nessa facção que encontrei a peça que faltava para me guiar nesse caminho desconhecido que é o da loucura. Ali, deparei-me com a expressão do pensador francês Gilles Deleuze (1998, p.28): *"Uma psiquiatria materialista é a que introduz a produção no desejo e, inversamente o desejo na produção"*. Era exatamente o que faltava, era essa porção indizível, mas sempre presente nas entrelinhas da abordagem da loucura que sempre escapava à teoria exclusivamente marxista.

Até então, o desejo vinha sendo conceituado pela psicanálise como sendo diretamente associado à falta, apoiado na teoria do complexo de Édipo e da castração . Se desejo, desejo sempre algo que me falta. O *sócius* é percebido como um organismo sistêmico *"composto como um todo, como um objecto global e completo"* (1968, p.358) e o sentido da vida consiste em vagar a procura desse objeto nunca encontrado, o objeto do desejo.

De acordo com Deleuze & Guatarri (1968), esse maquinário da psicanálise não surge por acaso. Antes, ele surge no seio do capitalismo como a "arte de uma classe dominante":

(...) essa prática do vazio como economia de mercado: organizar a falta na abundância de produção, fazer vacilar todo o desejo pelo medo de falhar, fazer depender o objeto de uma produção real que se supõe exterior ao desejo (as exigências da racionalidade), enquanto a produção do desejo passa para o fantasma (e só para o fantasma)" (1968, p.32)

Ora, o que seria capaz de fazer com que hordas inteiras de seres se mantivessem subordinados a uma minoria que extorque destes o sangue em forma de mais-valia? O que faria com que essas pessoas se mantivessem em total

obediência mesmo sem o uso da força, da censura ou do autoritarismo? E o que seria capaz de fazer com que as pessoas passassem a acreditar que elas realmente precisam de toda a parafernália produzida em grande escala pela indústria para levarem uma vida com qualidade?

A resposta para tudo isso estaria no medo da falta; o sentimento de culpa e incapacidade gerados pela sensação de ser um eterno necessitado. Exemplos disso não nos faltam. Basta olhar à nossa volta para ver que, apesar de vivermos num sistema dito democrático, temos nossos direitos negados constantemente e permanecemos num estado letárgico, chegamos inclusive a aceitar e a naturalizar os fatos. Capitalismo e psicanálise aparecem, então, como engrenagens imbricadas numa máquina celibatária destinada a estagnar o processo do desejo. O desejo psicanalítico vem para autenticar a lógica da falta da qual o capitalismo precisa para se manter funcionando.

Frente a tudo isso, a esquizoanálise aparece com uma dupla tarefa, sendo uma negativa e a outra positiva e, a primeira necessária para a realização da segunda e as duas executadas ao mesmo tempo. A tarefa negativa diz respeito à destruição: *“Destruir, destruir: a esquizoanálise tem que passar pela destruição, fazer toda uma limpeza, toda uma raspagem do inconsciente. Destruir o Édipo, a ilusão do eu, o fantoche do super-ego, a culpabilidade, a lei, a castração.”* (1968, p.325)

Para a esquizoanálise, o desejo é o próprio produtor do social. Ocorre uma ruptura com a concepção freudiana segundo a qual o desejo está associado à falta e à representação. (Guatarri & Rolnik, 1999) Aqui, o desejo é visto como processo, podendo ser conceituado como "produção desejante", processos de subjetivação, ou ainda como "agenciamento".

“Ao desejo não falta nada, não lhe falta o seu objecto. É antes o sujeito que falta ao desejo, ou o desejo não tem sujeito fixo; é sempre a repressão que cria o sujeito fixo. O desejo e seu objecto são uma só e mesma coisa: a máquina enquanto máquina de maquinar.” (Deleuze & Guatarri, 1966, p.31)

De acordo com Rolnik (1987) o início dessa produção se dá dos contatos entre os corpos. Não apenas corpos humanos, mas de linguagens, saberes e

percepções. Desses contatos surgem os afetos, intensidades ou forças desejanter. Para Deleuze (1998, p.73),

"Os afetos são devires: ora eles nos enfraquecem, quando diminuem nossa potência de agir e decompõem nossas relações (tristeza), ora nos tomam mais fortes, quando aumentam nossa potência e nos fazem entrar em um indivíduo mais vasto e superior (alegria)".

Para que os afetos se expressem, criamos delimitações, territórios. Estes por sua vez são temporários, porque o contato com outros corpos gera novos afetos que não se encaixam nesses territórios criando, então, linhas de fuga. Sendo assim, uma linha de fuga é uma desterritorialização. Mas aqui, não se deve confundir fugir com esquivar-se,

"(...) fugir não é renunciar às ações, nada mais ativo que uma fuga. É o contrário do imaginário. É também fazer fugir, não necessariamente os outros, mas fazer alguma coisa fugir, fazer um sistema vazar como se fura um cano. (...) Fugir é traçar uma linha, linhas, toda uma cartografia. Só se descobre mundos através de uma longa fuga quebrada." (Deleuze, 1998, p.49)

Entretanto, a desterritorialização nunca pode ser total. A linha de fuga não deve conduzir a uma auto-destruição, mas sim, encorajar a construção de novos territórios. Segundo Rolnik (1987), o mundo atual, com suas amplas e variadas possibilidades de contatos com corpos, agiliza o processo de desterritorialização. A olho nu, no âmbito macropolítico ou molar, só enxergamos as territorializações. É preciso um olhar micropolítico ou molecular para que possamos perceber as transversalidades.

O conceito de produção também adquire conotação diferente da concepção marxista. Segundo Gadelha (1998, p.64),

"Se há um modo de produção, hoje é melhor entendê-lo como múltiplo, envolvendo processos que de modo nenhum podem ser reduzidos apenas ao econômico - econômico no sentido que envolve a produção distribuição e consumo das riquezas."

Portanto, não se pode falar apenas em produção de bens de consumo, mas também em produção libidinal, produção semiótica, entre outras.

Aqui, deparamo-nos com a tarefa positiva da esquizoanálise. Ela consiste exatamente em:

"(...) descobrir no sujeito a natureza, a formação ou o funcionamento de suas máquinas desejanter, independentemente de qualquer interpretação. O que é que são as tuas máquinas desejanter, o que é

que fazes entrar e sair das tuas máquinas, e como é que funcionam, quais são teus sexos não humanos?" (Deleuze & Guatarri, 1968, p.337)

Ainda, segundo os autores esquizoanalistas, deve-se dar atenção especial à maneira como essa produção desejante ocorre no modo de produção capitalista. Para manter-se funcionando, o capitalismo utiliza-se dessas máquinas desejantes para garantir sua hegemonia, modelizando formas de subjetividade às quais os indivíduos têm que se encaixar. Guatarri (1996) caracteriza bem essa produção quando afirma:

"Esquemáticamente falando, eu diria que, assim como se fabrica leite em forma de leite condensado, com todas as moléculas que lhe são acrescentadas, injeta-se representações nas mães, nas crianças - como parte do processo de produção subjetiva" (Guatarri & Rolnik, 1999, p.25)

Assim, após essa leitura, aquilo que considerávamos subjetivo toma uma conotação diferente. Não se trata mais de uma subjetividade psicologizada, individualizada e natural. É antes uma "subjetividade maquínica" que literalmente produz o real. Como afirmam Deleuze & Guatarri (1966, p.34), *"... o desejo produz real, ou a produção desejante mais não é do que a produção social."*

Procuramos desencadear as potências criadoras adormecidas, despertar as linhas de fuga e as territorializações possíveis para os profissionais de saúde mental dentro dos novos serviços. Entretanto, se vamos tratar de propiciar um espaço para a produção de subjetividade, não gostaríamos de desembocar no que Guatarri & Rolnik (1999, p.16) chamam de "produção de subjetividade capitalística", ou seja, o mecanismo através do qual o capitalismo produz exatamente indivíduos, *"indivíduos normalizados, articulados uns aos outros segundo sistemas hierárquicos, sistemas de valores, sistemas de submissão..."* Apesar de saber ser impossível fugir completamente à isso.

Esta forma de produção de subjetividade não se limita apenas ao nível individual, mas, estende-se ao âmbito social e até inconsciente e,

"... produz inclusive aquilo que acontece conosco quando sonhamos, quando devaneamos, quando fantasiemos, quando nos apaixonamos e assim por diante. Em todo caso, ela pretende garantir uma função hegemônica em todos esses campos." (Guatarri & Rolnik, 1999, p. 16)

Guatarri comenta ainda que é possível desenvolvermos modos de produção singulares, numa recusa a esta serialização de indivíduos. Este "processo de singularização" leva a construção de uma subjetividade singular através da produção de novos modos de sensibilidade, modos de criatividade e de relação com o outro.

Após toda uma delimitação do problema de pesquisa, fui tomada por outra interrogação: como conseguir num processo de pesquisa abordar um processo tão dinâmico como o é a produção desejante? Como conseguir capturar a efervescência que agita os fenômenos moleculares? Ora, se o desejo é processo de produção, não poderíamos aproximarmo-nos do campo de pesquisa em busca de "coletar" dados que já estariam prontos a nossa espera. Concordo com Gadelha (1998, p.76) quando este afirma que não se busca afirmar uma *"verdade sobre o ser (...) como se houvesse aí uma essencialidade que pudesse ser generalizada para todos os lugares, todos os tempos e circunstâncias..."*

Optei por tentar desenvolver aquilo que Rolnik (1987) chama de "cartografar". Para esta autora, a cartografia difere das formas convencionais de investigação à medida que não pretende explicar ou revelar nada. Não procura criar mapas, ou seja, estabelecer verdades.

"O mapa delinea o contorno dos territórios tais como foram estabelecidos", cobrindo apenas o visível. A cartografia, por outro lado, *"é um método com dupla função: detectar a paisagem, seus acidentes, suas mutações e, ao mesmo tempo, criar vias de passagem através deles. A cartografia se faz ao mesmo tempo que o território."* (Rolnik, 1987, p.06) Para o cartógrafo, não há uma verdade a ser revelada. O que há são intensidades, afetos buscando expressão. Foi exatamente nessa perspectiva que busquei realizar este estudo.

Entretanto, abordar um fenômeno de acordo com determinada visão exige, conseqüentemente, que se delimite de que forma essa abordagem será feita. Como estamos lidando com um processo dinâmico de vida, produção e desejo, enveredei pelas teias da sociopoética em busca dos instrumentos necessários para operacionalizar meus objetivos. De acordo com Gauthier (1999, p.13),

"A sociopoética é uma prática e uma teoria da pesquisa e do ensino/aprendizagem que pretende analisar criticamente a realidade social, ao desvelar o inconsciente de classe, de grupo, de gênero, de cultura e subcultura, de faixa etária que atravessa as pessoas e os

grupos (...) deve, basicamente, proporcionar a expressão da transversalidade dos desejos e poderes que agem, de maneira inconsciente, na vida social."

Acredito que a sociopoética possa introduzir no árido terreno da pesquisa, um pouco da fertilidade da arte. Quem sabe até uma busca pela superação daquela falha entre experiência mística e consciência crítica referida por Foucault na História da Loucura. O importante é o cuidado que se deve ter ao fazer essa conexão. Se a arte entrar na pesquisa, que supere a função estética e atue como um verdadeiro dispositivo.³ Ou como diz Bandeira (1975, p.95):

*"Estou farto do lirismo comedido
Do lirismo bem comportado
Do lirismo funcionário público com livro de ponto de expediente,
protocolo e manifestações de apreço ao Sr. diretor (...)
- Não quero mais saber do lirismo que não é libertação."*

Encontramos⁴ na sociopoética a caixa de ferramentas que nos possibilitou construir os dispositivos necessários para mergulhar nesse espaço, sem no entanto congelá-lo. Os dispositivos são montagens ou artifícios que propiciam o surgimento de inovações, de diferenças, de singularidades. Para Gauthier *et al* (1998, p.97) são eles que abrem caminho para o simbólico, para a superação das neuroses institucionais. "Sob a ação do analisador, fala-se (simboliza-se) agora no que era proibido, desconhecido, (...) Assim, um grupo até agora subordinado pode se tornar sujeito." Para isso, alguns pontos são indispensáveis. Gauthier (1999, p. 11) cita alguns deles:

⇒ *"a importância do corpo como fonte de conhecimento;*

⇒ *a importância das culturas dominadas e de resistência, das categorias e dos conceitos que elas produzem;*

⇒ *o papel dos sujeitos pesquisados como co-responsáveis pelos conhecimentos produzidos;*

³ De acordo com Gauthier (1999, p. 13), um dispositivo "se caracteriza por um (ou uns) lugar (es), um (ou uns) tempo (s), ritmos, pessoas, objetos, dinheiro, tarefas, que permitem 'objetivar', isto é, tornar visível o que era escondido na vida ordinária."

⁴ A primeira pessoa do plural, aqui, faz referência a mim e a Fernanda, colega de mestrado que também utilizou a metodologia sociopoética. Falamos mais sobre esse encontro no artigo SILVEIRA, L. C.; MARTINS, F. C. C. L.; BRAGA, V. A. B. *A Enfermagem nas Teias da Sociopoética in Políticas de Saúde, Saúde Mental e Interdisciplinaridade: Avaliação e Métodos org.* FRAGA, M. N. O., BRAGA, V. A. B. & SOUZA, A. M. A., Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2001

⇒ *o papel da criatividade de tipo artístico no aprender, no conhecer e no pesquisar;*

⇒ *a importância do sentido espiritual, humano, das formas e dos conteúdos no processo de construção dos saberes.”*

Esses pressupostos rompem com outros já bastante arraigados na cultura ocidental. Afinal, além da mente, o corpo também pensa? As culturas dominadas não são completamente destituídas de saber? Os sujeitos de nossa pesquisa podem ir além de simples fornecedores de dados? A arte e a espiritualidade podem produzir conhecimentos? A sociopoética vem para dizer sim a todas essas questões.

Do ponto de vista epistemológico, a sociopoética foi gerada num encontro entre a pedagogia do oprimido, a análise institucional, a escuta mitopoética e a educação simbólica. Da pedagogia do oprimido, herdou o método do grupo-pesquisador; da análise institucional, roubou a idéia de dispositivo. A educação simbólica veio para mostrar que, educar e pesquisar, deveriam proporcionar mais prazer, respeito consigo e com o próximo e, acima de tudo, mais felicidade. A escuta mitopoética de René Barbier, também está presente para lembrar que

“o pesquisador ou professor deve aprender a escutar as falas e os silêncios que ritmam os processos de criação em cada ser. Pois estes ritmos pertencem integralmente ao processo de produção de conhecimento”.(Gauthier, 1999, p.14)

A exposição que fazemos até aqui, é baseada principalmente nas leituras que viemos realizando. Mas esta, com certeza, não foi nossa principal fonte de aproximação com a sociopoética. Primeiramente, ela chegou até nós de forma muito intuitiva, como algo que se insinua encaixar em nossos objetivos, sem que conseguíssemos explicar, ao certo, o porquê. Mesmo assim, fomos seguindo a trilha e, quando nos demos conta, tínhamos encontrado uma forma extremamente prazerosa de fazer pesquisa. Nesse caminho, fomos encontrando pessoas, pensamentos, afetos, experimentando a construção de um conhecimento multiforme que recheia a sociopoética. Entre todas essas experiências, destacamos a oportunidade que tivemos de conhecer pessoalmente o criador da sociopoética Jacques Gauthier, e fazer parte de uma grupo-pesquisador que, juntamente com ele, desenvolveu uma pesquisa sociopoética.

O mais relevante dessa vivência não foi um simples contato com alguém que vinha apresentar verdades, mas sim, a possibilidade de experienciar, na prática (ou na pele) o que é sociopoética. Das marcas que esta experiência deixou, a mais significativa foi a conclusão de que sociopoética não se aprende apenas pelo ritual acadêmico usual. Não se conforma em ser retórica. Sociopoética é vida e como tal, exige de quem nela se aventura, a ousadia de vivencia-la.

Com base nesses pressupostos, iniciei minha construção. Escolhi como local para realização do estudo um hospital-dia da rede pública de Fortaleza. Esta escolha deu-se devido ao fato de este ser um dos novos serviços propostos pela reforma psiquiátrica, por ter convênio com a Universidade Federal do Ceará como campo de pesquisa e, ainda, por já ter tido contatos anteriores com a equipe por ocasião do acompanhamento do estágio das disciplinas de Enfermagem Psiquiátrica e saúde mental. No decorrer das disciplinas teóricas do mestrado, tive também a oportunidade de realizar dois trabalhos junto a este hospital-dia, o que me proporcionou uma maior aproximação com o serviço. Um deles, intitulado “Equipe de saúde mental do hospital-dia: produzindo a interdisciplinaridade” (Martins; Silveira & Braga, 2001), permitiu um envolvimento mais aprofundado com a equipe, além de ressaltar a importância de um trabalho desenvolvido através de técnicas criativas. (Apesar de, nesse momento, ainda não trabalhar com uma metodologia explicitamente sociopoética)

O referido hospital-dia foi criado em 1993 em instalações anexas a um hospital de internação psiquiátrica tradicional. Constitui-se num recurso intermediário entre a internação total e o ambulatório e tem por finalidade prestar atendimento a pessoas portadoras de transtornos psicóticos não-orgânicos, na faixa etária de 16 a 60 anos.

Oferece atendimento médico, de enfermagem, psicológico, além de atividades expressivas, esportivas, comunitárias, familiares e domiciliares, realizadas de segunda à sexta-feira por uma equipe multidisciplinar composta por 15 membros, sendo 09 do sexo feminino e 06 do sexo masculino. A maior parte dos profissionais tem nível superior incluindo médico, psicóloga, enfermeiro, assistente social, educador físico e terapeuta ocupacional. Os profissionais de nível médio são compostos por auxiliares de enfermagem (03) e auxiliares de terapia ocupacional

(02). Dos 15 membros da equipe, 09 atuaram ou continuam atuando no setor de internamento integral do complexo hospitalar.

De acordo com documentos fornecidos pela equipe, o objetivo do serviço é favorecer a reestruturação interna do portador de transtorno psicótico não orgânico, possibilitando a melhoria de suas relações sócio – familiares, buscando a diminuição de internações e favorecendo sua reintegração social.

Programei a realização do contato com o hospital para averiguar a disponibilidade dos profissionais para participar da pesquisa com intuito de formar o que Gauthier (1999, p.41) chama de "grupo-pesquisador". Nesta forma de pesquisa, ocorre uma ruptura com o tradicional processo de relação pesquisador/objeto de estudo. Os sujeitos da pesquisa participam desde a produção dos dados até a análise e divulgação dos mesmos. Tornam-se

"... verdadeiros co-pesquisadores, parceiros e parceiras dos facilitadores da pesquisa, tanto na construção do conhecimento como nas decisões que se deve tomar para que o próprio processo de pesquisa chegue até sua conclusão."

Os trabalhos foram realizados em forma de oficinas que deixaram fluir todos os pré-requisitos para se trabalhar com sociopoética, como a sensibilidade e a criatividade, visando assim, o alcance dos objetivos, além de proporcionar à equipe do hospital-dia um espaço para a reflexão de sua prática.

A proposta inicial de temática sugerida ao grupo foi "produção de subjetividade no hospital-dia". Entretanto, como poderemos observar durante a descrição do processo, a equipe é que decide se a proposta do pesquisador é realmente significativa.

Os dados foram compostos por todo o material produzido pelo grupo durante as oficinas incluindo textos, pinturas, fotos, e outras formas de expressão. Outra técnica utilizada foi a do "diário coletivo de pesquisa" o qual, segundo Gauthier (1999), compreende um instrumento onde os integrantes do grupo-pesquisador têm a liberdade de colar, escrever, desenhar durante o período de realização da pesquisa.

A análise dos resultados foi realizada de acordo com os momentos de análise propostos pela sociopoética. De acordo com Gauthier (1999b, p.34) este processo inicia-se com a análise do grupo-pesquisador, onde o mesmo

“...comenta os dados produzidos por cada um dos participantes da pesquisa”. Esse comentário, em que se exprimem as referências de vida dos membros do grupo (e, às vezes, os referenciais teóricos trazidos por um ou dois deles), permitem reflexões e interrogações. Os facilitadores participam discretamente deste momento. Sensíveis à fala do grupo como se fosse uma fala sagrada, os facilitadores respeitam ainda mais esse grupo ao ousar, em seguida, contrapor sua fala, afirmar sua diferença.

Entendemos que a expressão do grupo neste momento, vai muito além de uma simples comunicação. Ao contrário, como dizem Deleuze & Guatarri (1995b, p.17),

“A linguagem não é informativa nem comunicativa, não é comunicação de informação, mas - o que é bastante diferente - transmissão de palavras de ordem, seja de um enunciado a outro, seja no interior de cada enunciado, uma vez que um enunciado realiza um ato e que o ato se realiza no enunciado”.

Ao partirmos desta concepção de linguagem, se acreditamos que o ato de falar implica intervenção e criação, fica claro que, ao invés de interpretar, o que vai interessar é a propiciação de um espaço onde as possibilidades de produção se multipliquem.

Na análise sociopoética, Gauthier *et al* (1999) identifica ainda quatro momentos distintos: o momento viril, o mulheril, o infantil e o filosófico.

⇒ No momento “viril” os dados são estudados de acordo com “a lógica dominante a qual os machos da nossa espécie estão acostumados: dividir, cortar, classificar, em escolhas bem diferenciadas e exclusivas.”

⇒ O momento chamado “mulheril” é absolutamente oposto ao viril pois

“... proporciona passagens, alterações progressivas de um em seu contrário: oferece uma visão geral, ou gosto global dos processos intelectuais em curso no grupo pesquisador muito desabitado. Fluidez sempre e em todos os lugares. Alterações, transformações, ligações tanto eficientes como secretas.” Gauthier et al (1999, p. 153)

⇒ O momento “filosófico sugere uma interpretação a partir dos grandes temas da filosofia em nossa cultura.

⇒ O “infantil” é o momento da disseminação (assim como as crianças que invadem todos os lugares). “O pensamento se torna cada vez mais singular, mais complexo, diferenciado, multirreferenciado.” As pessoas “...experimentam concretamente o que pensam, o que o grupo pensa, e reconhecem que cada pensamento é irreduzível.” É também o momento em que surgem poemas, músicas e danças que são espontaneamente dados ao grupo,

“porque tocamos seu pensamento-afeto. A proposta da sociopoética considera esses acontecimentos também muito significativos, e não apenas des-à-côtés, os ‘restos’, ou efeitos colaterais da pesquisa. Energia vital, devires inesperados, fugas transversais estão no coração da produção do conhecimento.” (op cit., p. 155)

Ressaltamos que o nosso processo de pesquisa foi perpassado por todos esse momentos. Não de forma estática onde poderíamos dizer: “estamos vivendo um momento viril, agora passamos ao mulheril “. Acho até que a palavra “momento” nesse contexto, deve se abster da noção de temporalidade linear. Eu diria que na verdade esses momentos são fluxos, que não têm começo nem fim e que muitas vezes até se sobrepõem e se misturam dando origem ainda a outros “momentos”.

Outro ponto a ser destacado, é que a riqueza dos dados produzidos e do processo mesmo de produção destes dados, abre espaço para um leque enorme de possibilidades de análise e seria inclusive um desperdício analisá-los sob uma única ótica. Levando tudo isso em consideração é que resolvemos seguir o conselho da sociopoética e brincar com os dados, experimentá-los ou, em outras palavras, fazer como diz Deleuze (1998, p.11):

“(...) tratar um livro como se escuta um disco, como se vê um filme ou um programa de televisão, como se recebe uma canção: qualquer tratamento do livro que reclamasse para ele um respeito especial, uma atenção de um outro tipo, vem de outra época e condena definitivamente o livro. Não há questão alguma de dificuldade nem de compreensão: os conceitos são exatamente como sons, cores ou imagens, são intensidades que lhe convêm ou não, que passam ou não passam. Pop’ filosofia. Não há nada a compreender, nada a interpretar.”

Pensando assim foi que ao chegar neste momento de escrita, resolvi optar por duas formas de análise dos dados. A primeira, seria uma forma de privilegiar a própria vivência de realizar uma pesquisa sociopoética, onde faríamos uma descrição de todo o processo. Acredito que esta, além de ser uma forma de resgatar tudo que foi vivido, é também uma oportunidade de ajudar outras pessoas que

queiram se aventurar por este caminho. O momento que predomina aqui é o “mulheril”, pois tenta oferecer uma visão geral dos processos intelectuais vividos pelo grupo pesquisador. Mas, com certeza, por várias vezes o leitor vai ter a impressão de ter visto uma criança passar correndo. Não se assuste, é só um fluxo infantil invadindo o grupo.

A segunda forma que utilizei foi a de, através da análise do grupo-pesquisador, criar categorias para este estudo. Nesse momento, estou dando ênfase ao que a sociopoética propõe quando fala da importância de se utilizar das categorias e dos conceitos que o grupo-pesquisador produz. Como diz Gauthier (1999, p. 39) *“traçamos, ou prolongamos linhas que vão de uma experiência para outra, sem temer a heterogeneidade, pois perdemos a crença de que os seres humanos fossem homogêneos”*. Aproveito ainda o mesmo autor para dizer que

“Nenhuma teoria nem mito desvelará a verdade ou o sentido escondido na realidade pesquisada. Não somos portadores da luz da verdade frente à escuridão da vida. Experimentamos nossas ‘verdades’ provisórias com as ‘verdades’ de outros (...)” (op cit, p.39)

Esta segunda estratégia aproxima-se mais do momento “viril” de análise, visto a exigência do corte, da classificação e da categorização. Entretanto, farei o possível para não deixar que este seja uma análise rígida, sufocante. Proponho-me a uma mesclagem com um pouco do momento filosófico, para que idéias de pensadores do desejo como Deleuze, Guatarri, Foucault, Gauthier, entre outros, ajudem a fazer passar correntes de ar.

Outra consideração que gostaria de fazer, diz respeito à pessoa gramatical que utilizo ao redigir o relatório final desta pesquisa. Em alguns capítulos, faço uso da primeira pessoa do singular; nos outros, da primeira pessoa do plural. Sei da importância da padronização gramatical na produção das dissertações. Não foi por desconhecer esta regra ou por simples conveniência que transitamos entre o “Eu” e o “nós”. Se isto acontece é que, no início, quando escrevia sobre algumas de minhas implicações, simplesmente não consegui fazê-lo na primeira pessoa do plural. Talvez fossem abordagens por demais íntimas para que conseguisse desindividualizá-las.

Podia, então, ter optado por escrever toda ela na primeira pessoa do singular. Mas, aí, deparei-me com outro obstáculo: as vozes que forma se somando

durante todo o processo forma tantas, que simplesmente não conseguíamos mais individualizar aquilo que já era polifônico. A relação com a orientadora; as vivências em parceria com Fernanda, colega de mestrado que desenvolvia sua pesquisa utilizando o mesmo referencial teórico; a construção coletiva com o grupo pesquisador; tudo isso fez percebermos que:

“Como cada um de nós era vários, já era muita gente. Utilizamos tudo que nos aproximava, o mais próximo e o mais distante. Distribuímos hábeis pseudônimos para dissimular. Por que preservarmos nossos nomes? Por hábito, exclusivamente por hábito. Para passarmos despercebidos. Para tornar imperceptível, não a nós mesmos, mas o que nos faz agir, experimentar ou pensar. E, finalmente, por que é agradável falar como todo mundo e dizer o sol nasce, quando todo mundo sabe que essa é apenas uma maneira de falar. Não chegar ao ponto em que não se diz mais EU, mas ao ponto em que já não tem qualquer importância dizer ou não dizer EU. Não somos mais nós mesmos. Cada um reconhecerá os seus. Fomos ajudados, aspirados, multiplicados.” (Deleuze & Guatarri, 1995a, p. 11)

Deleuze & Guatarri conseguem nesse parágrafo explicar, claramente, o que quero dizer. Sendo assim, transitarei por estes pronomes durante essa construção.

Capítulo 4

Q

QUEM CONTA UM CONTO AUMENTA UM PONTO

“O plural de nó somo nós”

(Alessandro Sales)

4 QUEM CONTA UM CONTO AUMENTA UM PONTO

Neste capítulo, tentei descrever todo o processo de pesquisa: como foram feitos os contatos, como foi a formação do grupo pesquisador, como foram realizadas as oficinas e a análise do grupo-pesquisador. A primeira interrogação que surge é quanto à viabilidade de se fazer uma descrição apurada e sem distorções dos fatos. Prefiri concordar com o provérbio popular que diz: “quem conta um conto aumenta um ponto”, pelo menos o seu ponto de vista. Disso não podemos fugir. Optei, então, por passear nesta descrição de forma bem fluida, ora, dentro, ora fora, ora entre, e assim tentar costurar o que foi vivido.

Para realizar a reconstrução do processo, recorri ao uso do material produzido pelo grupo, do meu diário de pesquisa e, também, de flashes de memória que vão surgindo à medida que escrevo. Só uma coisa me faz falta nesse momento: o diário coletivo de pesquisa. Até começamos a fazer uso desse recurso nas primeiras oficinas, mas, um dia, misteriosamente, o diário desapareceu. Sempre deixava o diário no hospital para que, se alguém quisesse fazer algum registro durante a semana que se seguia oficina, pudesse fazê-lo. Um dia, quando cheguei ao hospital, não o encontrei em lugar algum. A equipe também procurou, mas não encontrou. Ficamos até agora sem saber o porque desse desaparecimento.

Como já citei anteriormente, o primeiro contato com a equipe de profissionais do hospital-dia foi durante a realização de uma oficina sobre interdisciplinaridade, atendendo às necessidades de uma disciplina do programa de pós-graduação em enfermagem. Após o desenvolvimento desta, a equipe expressou o desejo de abrir outros espaços para discussão e que, a forma de trabalhar com a criatividade e com a sensibilidade, tinha sido muito interessante. Fui, inclusive, contactada por um dos membros da equipe que nos sugeriu realizar um trabalho de supervisão, pois a organização hospitalar não fornece esse acompanhamento aos profissionais. Em resposta a esse pedido, ressalttei que no momento estava cursando o mestrado e que ficaria difícil atender a esta demanda. Entretanto, discutimos a possibilidade de, através da realização de outras oficinas, estar criando um espaço para a discussão no grupo.

Preparei um projeto e entrei em contato com a psicóloga e com o coordenador do hospital. Entreguei uma cópia do projeto e solicitei que eles o lessem e discutissem a viabilidade de realização. Acredito que esse foi um momento difícil, tanto para a equipe, como para mim. Apesar de todos os contatos anteriores, a equipe assumiu uma postura um tanto reticente. A possibilidade de se expor, de servir de cobaias e terem suas vidas perpassadas por uma pesquisa que não trouxesse nada a eles fazia com que as pessoas olhassem com suspeita a minha proposta. Em outro momento, o coordenador da equipe inclusive expressou isso: "estamos cansados de abrir o hospital-dia como espaço de pesquisa e depois não termos nenhum retorno."

Quanto a mim, senti muito medo. Medo de não ser aceita. Incorporei a pesquisa a tal ponto que um não a ela seria, também, um não a mim. Sinto-me, ainda, insegura quanto a essa nova forma de pesquisar. Não é fácil despir-se da capa de proteção que a objetividade e a suposta neutralidade da ciência hegemônica atribui ao pesquisador. Lidar com o imprevisto, com o desconhecido assusta, mas, também, atrai bastante.

Outra coisa que percebi acontecer durante essa fase, foi uma espécie de descompasso entre mim e minha pesquisa. Quando iniciei o projeto, estava vivendo na minha vida pessoal uma fase de intensa desterritorialização. Estava realmente disposta a mexer em estruturas que de tão solidificadas não me permitiam a mínima mobilidade. "Um pouco de possível senão eu sufoco...", diria Deleuze.

Aqui, mais do que nunca, comecei a sentir na pele como as dicotomias que a razão ocidental nos impõe não existem. Não sou subdividida em um ser profissional e outro pessoal. Esses dois aspectos da mesma pessoa se misturam e se confundem. As experiências vividas no âmbito profissional, as leituras, as discussões, influenciaram profundamente minha vida pessoal. Por outro lado, o processo profundamente transformador que estava vivendo na minha vida pessoal me levou a procurar formas mais instituintes de fazer pesquisa. Nesse momento inicial estávamos, eu e minha pesquisa, em sintonia.

Entretanto, enquanto meu projeto aguardava a fase de produção de dados pacientemente na gaveta, minha vida pessoal começava a reterritorializar-se. Encontramo-nos então num momento posterior na seguinte posição: eu tentando

reestruturar minha vida pessoal e meu projeto recheado de idéias instituintes. Devo reconhecer que isso ocasionou uma certa contradição que muitas vezes me fez experienciar uma resistência à pesquisa. Esse mesmo sentimento chegou inclusive a se manifestar em outros momentos da pesquisa, mas, aos poucos, fui conseguindo transitar melhor por essas diferenças.

Para Deleuze & Guatarri (1966), o princípio da comunicação dos inconscientes não é de forma alguma do domínio da célula familiar, do “papa-mamã”, como o quer a psicanálise. Mas, sim, da “...*comunidade do campo social enquanto objecto do investimento do desejo.*” Os autores afirmam ainda, que existem dois grandes tipos de investimento social: um segregativo e outro nomádico. Um polo “paranóico fascizante” que:

“...investe a formação de soberania central, que a sobre investe tomando-a a causa final, eterna, de todas as outras formas sociais da história, que contra-investe os enclaves ou a periferia, e que desinveste todas as figuras livres do desejo – sim, sou dos vossos, da classe ou da raça superior.” (Deleuze & Guatarri, 1966, p.288)

O outro, o polo esquizo – revolucionário que:

“...passa o muro e faz que os fluxos também passem, que monta suas máquinas e seus grupos em fusão nos enclaves ou na periferia, precedendo ao contrário do precedente: não sou dos vossos, sou desde sempre de uma raça inferior, sou um animal, um negro.” (Deleuze & Guatarri, 1966, p.289)

De acordo com os autores, ocorrem oscilações surpreendentes entre os pólos e muitas vezes, no meio de uma situação completamente arcaica, surge um poder revolucionário e inversamente, aquilo que era revolucionário pode cair no fascismo.

Se estivesse utilizando outra abordagem de pesquisa, provavelmente não estaria agora assumindo estes conflitos experienciados enquanto pesquisadora. Entretanto, os referenciais utilizados aqui, não só me permitem, como, inclusive, exigem que eu o faça.

O cronograma de realização das oficinas foi o seguinte:

12 de abril de 2000	Oficialização da proposta e apresentação do projeto à equipe
19 de abril de 2000	Obtenção da resposta junto à equipe

03 de maio de 2000	Produção de dados
10 de maio de 2000	Produção de dados
20 de junho de 2000	Análise dos dados
27 de junho de 2000	Análise dos dados
04 de julho de 2000	Análise dos dados
18 de julho de 2000	Análise dos dados
25 de julho de 2000	Análise dos dados e encerramento

Podemos perceber aqui um espaço demais de um mês entre a realização destas oficinas. O fato se deu devido a dois motivos. Um deles foi a vinda do Professor Gauthier para ministrar um curso do qual participei. O segundo motivo foi que, logo depois do curso, tive que submeter-me a uma amigdalectomia. Estive em contato com o grupo-pesquisador na semana da cirurgia e expliquei o caso. Não sei dizer ao certo os efeitos dessa lacuna no desenvolvimento da pesquisa.

4.1 A Negociação

No dia 12 de abril de 2000, reuni-me com a equipe para expor o projeto e discutir com todos sobre a sua realização. Os presentes fizeram vários questionamentos, principalmente relativos a divulgação das informações, deixando claro que não gostariam de que os resultados da pesquisa acabassem expondo-os. Expus detalhadamente os objetivos e a forma como pretendia trabalhar através do grupo pesquisador. Após essa discussão, eles mostraram-se mais confiantes e interessados na pesquisa. Solicitei que na próxima reunião o grupo trouxesse uma resposta definitiva quanto à permissão para a realização e, caso positivo, apresentasse, também, uma proposta de temas, datas e horários mais adequados para a realização das oficinas.

Comentei, também, acerca das minhas inquietações e medos quanto a aceitação e realização da pesquisa. Após essa discussão, senti-me mais tranqüila por ter podido compartilhar esse momento com eles. Acho que falar abertamente foi

uma forma de mostrar que a proposta é de um trabalho em conjunto e não de uma avaliação do trabalho deles.

Dia 19 de abril de 2000, fui receber a resposta da equipe. A princípio esperei contar com a presença de 17 pessoas, mas, apenas nove compareceram. Preparei uma dinâmica para já iniciarmos a discussão sobre os tópicos a serem tratados nas oficinas, mas não pude realizá-la pois ao chegar lá, fui chamada a participar de uma reunião formal, onde estava presente, também, o diretor do complexo hospitalar. O mesmo me submeteu a uma argüição acerca do projeto. Tentei passar todo o processo de negociação que já vinha ocorrendo com a equipe pois ele demonstrou não ter tomado conhecimento, ainda, do assunto. Em seguida, ele sugeriu que as oficinas fossem realizadas fora do horário de trabalho da equipe, aos sábados. Questionou ainda qual seria a utilidade do projeto para a organização e para a equipe.

Antes mesmo que eu me pronunciasse, os próprios integrantes da equipe expressaram achar muito importante a realização da pesquisa para o crescimento profissional deles. Afirmaram, também que, como era algo importante para o aperfeiçoamento do trabalho, devia ser realizado durante o horário de serviço e não fora dele, como havia sugerido o diretor. Ficou decidido, então, que as oficinas ocorreriam nas primeiras e terceiras quartas feiras de cada mês, com uma duração de duas horas cada, iniciando no dia 03 de maio de 2000.

Sugeriram, também, por unanimidade, que o tópico a ser trabalhado devia ser relacionamento na equipe. A princípio, pensei que eles estivessem sugerindo uma discussão sobre interdisciplinaridade, como havíamos feito num trabalho anterior. Eles, no entanto, ponderam que não gostariam de abordar o relacionamento profissional e sim o relacionamento pessoal. Novamente a dicotomia na razão ocidental? Foi interessante observar como se deu a passagem dos fluxos por estas dimensões no decorrer do processo. Com estes pontos acertados, partimos para a elaboração da primeira oficina.

Percebi, também, que como o tema que eu tinha proposto era muito amplo, eles estavam fazendo um recorte dentro da produção da subjetividade para trabalhar o aspecto relativo ao relacionamento interpessoal. Como poderemos

observar depois, isso não impediu que vários outros aspectos da produção da subjetividade pudessem ser discutidos.

4.2 A Formação do grupo – pesquisador

O trabalho com grupos tem sido abordado por diversas correntes, cada uma com conceitos próprios. Sendo assim, achamos conveniente explicitar do que exatamente estamos falando quando nos referimos a grupo.

De acordo com Barros (1993, p. 98) as definições de grupo, freqüentemente encontradas, tendem a percebê-lo como uma unidade intermediária entre o indivíduo e a sociedade. Nestas correntes,

“... o grupo é um todo, é uma estrutura, é uma unidade, é um objeto de investigação. Entre um transcendentalismo psicologizante e um tecnicismo cientificista o grupo mantém-se sobretudo como unidade abstrata pairando acima dos indivíduos que o compõe.”

Se não trabalhamos numa perspectiva de indivíduo como unidade totalizante, mas sim de sujeito em constante processo de produção, não podemos entender o grupo como “grande indivíduo”. *“Se tomarmos para nós uma filosofia dos dispositivos, eis aqui um primeiro aspecto do qual se desfazer – o lugar do universal, do invariável.”* (op cit, p.99)

Para a mesma autora, um grupo não pode ser visto apenas na sua configuração molar; ele é, também, um emaranhado de linhas. Esta afirmação gera conflitos que podem inclusive ser observados no decorrer deste processo. Vimos muitas vezes que definir seu território enquanto sujeito e, ao mesmo tempo, ter que entrar em contato com o território do outro, perpassando, cruzando linhas, gera tensões. Afinal, onde termina o meu limite e onde começa o limite do outro ? Ainda mais se esses limites não são fixos, mas sim, constantemente deslocados.

Nem todos os integrantes da equipe do hospital-dia compuseram o grupo-pesquisador. Tampouco exigimos que fossem sempre os mesmos a participar das oficinas. Sendo assim, alguns não participaram de nenhum encontro e outros estiveram presente apenas em alguns momentos.

Na verdade, de acordo com nossos objetivos, não achamos ser pertinente quantificar, classificar ou nomear esses integrantes, visto que nossa proposta não é a de seguir uma linearidade ou buscar uma evolução. Como dizem Deleuze &

Guatarri (1997, p. 20), “... não nos interessamos pelas características. Interessamo-nos pelos modos de expansão, de propagação, de ocupação, de contágio, de povoamento. O que buscamos é exatamente ativar potências, operar passagens.” Para isso, não precisamos mais de indivíduos segmentados e cristalizados e entendemos que,

“A questão não é mais absolutamente a dos órgãos e das funções, e de um plano transcendente que não poderia presidir à sua organização senão sob relações analógicas e tipos de desenvolvimento divergentes. A questão não é a da organização, mas de composição; não do desenvolvimento ou da diferenciação, mas do movimento e repouso, da velocidade e da lentidão. (op cit, p.41)

Como um dos acordos feitos com a equipe foi o de garantir anonimato aos integrantes do grupo-pesquisador, a partir de agora iremos adotar nomes fictícios para designar os mesmos. O ideal seria que os próprios pesquisadores tivessem tido a oportunidade de escolher que nome o representaria. Entretanto, quando iniciamos esta parte da análise, algumas pessoas que participaram do grupo, já não estavam disponíveis.

Como veremos mais adiante, nosso trabalho foi realizado a partir de uma técnica sociopoética desenvolvida por Jacques Gauthier intitulada “Vivência dos Lugares Socio-míticos”. Os integrantes do grupo-pesquisador percorreram esses lugares, construindo-os, perpassando-os. Do encontro entre o grupo-pesquisador e os lugares socio-míticos surgiu uma espécie de grupo-pesquisador-animal, encontro de devires. Mas devir, dizem Deleuze & Guatarri (1997), não é imitar nem se identificar. Devir é experimentar potências, afetar e deixar-se afetar por fluxos nunca imaginados; é descobrir-se capaz de potências que acreditávamos estar fora de nossas possibilidades. Optamos, então, por associar um animal mitológico a cada pesquisador. O fato de ter escolhido seres mitológicos deve-se a amplitude de significações que eles nos sugerem, pela magia infantil que gira em torno deles, pela capacidade que esses tem de povoar nossos sonhos. Não há a menor pretensão de associar qualidade ou características entre os animais e as pessoas. Sendo assim, tivemos neste grupo os seguintes integrantes⁵:

⁵ A pesquisa dos animais mitológicos foi realizada nos seguintes endereços eletrônicos: O Caixote - os seres imaginários - Prólogo de Jorge Luis Borges - www.abordo.com.br/oaixote/seres_prologo.htm e Míthos - Sistema de Pesquisa Mitológica em Hipertexto - <http://mithos.cys.com.br>

Minotauro - metade touro e metade homem, nasceu dos amores de Pasifae, rainha de Creta, com um touro branco que Posêidon fez sair do mar. Dédalo, autor do artifício que permitiu se efetivarem tais amores, construiu o labirinto destinado a encerrar e a ocultar o filho monstruoso. Este comia carne humana; para seu alimento, o rei de Creta exigia anualmente de Atenas um tributo de sete mancebos e sete donzelas. Teseu decidiu salvar sua pátria daquele gravame e ofereceu-se voluntariamente. Ariadne, filha do rei, deu-lhe um fio para que não se perdesse nos corredores; o herói matou o Minotauro e pôde sair do labirinto. (Mitologia Greco-Romana)

Quimera - Era filha de Equídna de Tifon, e irmã de Cérbero. Tinha cabeça de leão, corpo de cabra e rabo de serpente. Alguns autores consideram a Quimera a personificação da tempestade: seu pelo simboliza a nuvem; sua cabeça de leão, com as faces escancaradas, lembram o trovão a rugir, e o seu rabo de serpente significa o raio. (Mitologia Greco-Romana)

Esfinge - Animal fabuloso com cabeça de mulher, asas de águia e corpo de leão, que habitava Tebas e devorava a todos os que não resolviam os seus enigmas. Édipo enfrentou-a e, tendo resolvido a questão que lhe foi proposta, fê-la desesperar-se precipitar-se no mar. (Mitologia Greco-Romana)

Fênix - Mito de origem egípcia, mas venerado também pelos gregos. Essa ave fabulosa vivia vários séculos. Como não tinha fêmea, o modo de perpetuar a espécie era queimar-se em uma pira de ervas mágicas. De suas cinzas renascia uma outra fênix. É o símbolo da imortalidade da alma e também do ano que renasce terminado o seu ciclo.

Pégaso - Cavalos alado nascido do sangue de Medusa quando decapitada pela espada de Perseu. Nele montado, este herói salvou Andrômeda, quase a ser devorada por um monstro marinho, e Belerofonte combateu a Quimera. Com uma patada, Pégaso, ao nascer, fez brotar a fonte Hipócrene (fonte do cavalo), onde os poetas iam beber inspirações. É ele o símbolo do estro poético; supõe-se transportar os poetas, através do espaço, para o monte Hélicon. Montar Pégaso significa fazer versos.

Tefnut - No começo havia o Grande Ele/Ela: Aton. Completo, Inteiro e Perfeito. Aton era tudo e nada - uma serpente orobórica mordendo a própria calda,

girando no vazio. Não havia nem altura nem profundidade, nem passado nem futuro. Tudo era uma escuridão eterna. Solitário e isolado em Sua perfeição, o divino desejava uma companhia. Aton, gerou então duas crianças louras com cabeça de leão. Shu, o filho, tornou-se o deus do ar. Tefnut, tornou-se a deusa da umidade. Ele era o ontem e ela era o amanhã. (Mitologia Egípcia)

Yara - significa "senhora das águas", também conhecida como mãe-d'água. A lenda conta que a mãe-d'água é uma bela mulher de longos cabelos loiros e olhos verdes, que vive em um palácio no fundo das águas, para onde atrai os jovens com quem deseja casar. (Lendas amazônicas)

Boto - Peixe do Rio Amazonas, transmutado em homem, e tido por incorrigível conquistador de mulheres. Torna-se caboclo alegre, forte e grande amigo de danças. Sempre, porém, de chapéu na cabeça, para que não vejam o orifício por onde respira. Na qualidade de boto, assalta as canoas que têm mulheres grávidas. É considerado o pai de muitas crianças que nascem por aquelas regiões amazônicas.

Bisáltide - Ninfa filha de Bisalto, também conhecida como Teófana. Netuno apaixonou-se por ela e levou-a para uma ilha deserta. Encontrados pelos inúmeros candidatos que a disputavam, o deus metamorfoseou a amante em ovelha e transformou-se em carneiro. De sua união nasceu o carneiro Crisómalos, nome que significa "pelo ou velo de ouro".(greco-romana)

Semiramis - Rainha lendária da Assíria e da Babilônia que excedia em glória e intrepidez ao seu esposo Nino. Depois da sua morte, subiu ao céu sob a forma de uma pomba, e recebeu honras divinas. (Mitologia Assíria)

Sereia - Ser mitológico, metade mulher, metade pássaro ou peixe. Muitos pintores e escultores as representaram como sendo metade mulher e metade peixe, imagem que ficou mais conhecida. Diz a lenda que as sereias, habitando os rochedos escarpados entre a ilha de Capri e a costa da Itália, cantavam com tanta doçura, que as tripulações dos navios que passavam ali perto não podiam resistir ao encanto de vozes tão melodiosas. Eram atraídos e devorados por elas. Ulisses, herói de grande poema "Odisséia", só conseguiu salvar-se tapando os ouvidos com cera e fazendo-se amarrar ao mastro do navio. (Mitologia Greco – Romana)

Roca – Pássaro gigante da mitologia greco-romana que era capaz de transportar enormes cargas com seu bico.

Amaltéia - Cabra que amamentou Júpiter e que, em paga desse serviço, foi colocada no céu com seus dois cabritos. De um dos seus cornos, foi feita a cornucópia da abundância. (Mitologia Greco-Romana)

Unicórnio - Um cavaleiro branco, com as patas traseiras de antílope, barba de cabrito e um chifre longo e retorcido na testa, é a representação habitual deste animal fantástico. Leonardo da Vinci atribui a captura do unicórnio à sua sensualidade; esta o faz esquecer sua ferocidade e recostar-se no regaço da donzela e assim o aprisionam os caçadores.

Sátiro - Assim os chamaram os gregos; em Roma lhes deram o nome de *faunos*, de *pãs* e de *silvanos*. Da cintura para baixo eram cabras; o corpo, os braços e o rosto eram humanos e peludos. Tinham pequenos chifres na testa, orelhas pontiagudas e o nariz encurvado. Acompanharam o deus Baco em sua alegre conquista do Hindustão. Preparavam emboscadas às ninfas; deleitava-os a dança e tocavam destramente a flauta. Os camponeses os veneravam e lhes ofereciam as primícias das colheitas. Também lhes sacrificavam cordeiros.

4.3 As Oficinas

Uma vez formado o grupo-pesquisador, partimos para a execução das oficinas. É através delas que possibilitamos a produção e a análise dos dados da pesquisa. As oficinas têm uma estrutura própria que se repete em todos os encontros, como se fosse um ritual. Como diz Gauthier (1999b, p.33), *“Pensamos que a ritualização da pesquisa e do ensino é uma necessidade. Através do ritual, criamos um tempo-espaco diferente, com seus próprios ritmos, suas exigências fortes, seus prazeres, diferentes do da vida ordinária.”*

A importância desta organização, reside no fato de que, ao estar em grupo, temos que nos deparar com a imprevisibilidade, com o desconhecido, com respostas as quais não estamos acostumados, tanto dos outros como de nós mesmos. Daí a necessidade de se criar o que Deleuze & Guatarri (1997) chamam de *ritornelo*⁶. É

⁶ De acordo com o dicionário Aurélio, *ritornelo* é a repetição de um trecho musical, um estribilho. Deleuze & Guatarri (1997, p.132) fazem uso deste termo para designar aquilo que permite a delimitação de territórios:

aquilo que delimita um lugar seguro, um mínimo de previsibilidade, que vai permitir ao grupo-pesquisador entrar em contato com as forças do caos que começam a surgir: “(...) *é como o esboço de um centro estável e calmo, estabilizador e calmante, no seio do caos*” (Deleuze & Guatarri, 1997, p.116)

Entretanto, apesar de ser uma repetição, o ritornelo não visa a reprodução, mas, sim, a propagação de diferenças. “*É que um meio existe efetivamente através de uma repetição periódica, mas esta não tem outro efeito senão produzir uma diferença pela qual ela passa a um outro meio. É a diferença que é rítmica e não a repetição que, no entanto, a produz (...)*” (Deleuze & Guatarri, 1997, p.120)

Sendo assim, cada oficina é composta de dois momentos. O primeiro deles é dedicado ao relaxamento e o segundo pode ser de produção, ou de análise de dados, de acordo com o objetivo da oficina. Estes momentos, entretanto, não são estanques, visto que o próprio momento do relaxamento já é também produção de dados. De acordo com Gauthier (1999b, p.39), a importância do relaxamento deve-se ao fato de que “*Os membros do grupo-pesquisador devem conseguir abaixar o seu nível de controle consciente, a fim de que se expressem os saberes enterrados e submersos, os ventos raros, as lavas congeladas pela história coletiva e individual.*” A Segunda fase da oficina, pode ser de produção ou de análise dos dados. No nosso caso, foram realizadas duas oficinas de produção de dados e cinco de análise dos dados.

4.3.1 A Primeira Oficina: Caminhando pelos lugares socio-míticos

Iniciei a primeira oficina realizando uma discussão sobre nossas expectativas quanto à realização deste trabalho. Foi um momento de expor algumas dúvidas e reiterar o que realmente estava pretendendo. Reforcei que meu objetivo não é afirmar uma verdade, que não existiam respostas certas ou erradas, que era exatamente através da discussão que nasceriam os dados com os quais iríamos trabalhar. Os membros do grupo-pesquisador, também, se colocaram, ressaltando sentimentos como medo, ansiedade e curiosidade:

“Nós estamos esperando uma coisa que seja diferente e que seja bom para todos nós. A gente quer coisas novas. Que a gente saia da rotina, enriqueça nosso trabalho.” (Yara)

“Num sentido geral, chamamos de ritornelo todo o conjunto de matérias de expressão que traça um território, e que se desenvolve em motivos territoriais, em paisagens territoriais(há ritornelos motores, gestuais, ópticos)”

*“Eu tô curiosa. Tô um pouco temerosa, esperando que abra um espaço que eu espero que ajude nas coisas cotidianas do trabalho.”
(Roca)*

Outros ainda, insistiam em cobrar da minha presença ali uma verdade, uma direção. Davam a entender que esperavam um “treinamento” sobre relacionamento interpessoal:

*“Como é que eu vou saber me relacionar com uma pessoa se a gente não tem orientação ? Como é que você vai fazer isso?
(Minotauro)*

Tentei explicar novamente que minha presença ali tinha o intuito de facilitar o processo. Que iríamos partir do princípio de que as respostas que procurávamos deviam ser encontradas por nós mesmos. Com certeza, mesmo após esse momento, muitas dúvidas ainda restavam em todos nós. Inclusive em mim, que estava trabalhando pela primeira vez com essa abordagem e que esta muito ansiosa com o rumo que as coisas iriam tomar.

Em seguida iniciei a condução do relaxamento. Nesse dia, optei por utilizar uma técnica que já fosse ao mesmo tempo preparando para o momento seguinte. Então, pedi aos participantes que deitassem em colchonetes e, ao som de uma música suave, fui induzindo uma viagem por lugares imaginários. Pedi que observassem sua respiração, inspirando pelo nariz, bem devagar e expirando pela boca. Solicitei que eles iniciassem por um lugar do qual gostassem muito. Nesse lugar, os integrantes do grupo foram experimentando, cheiros, sons e sensações.

Terminado o “passeio”, iniciei uma discussão sobre aquele momento. Vendo agora tudo que aconteceu e com um pouco mais de experiência em sociopoética, acredito que, ter aberto espaço para esta discussão, neste momento, não se mostrou muito adequado. Teria sido melhor termos partido logo para a técnica de produção de dados, antes que o nível de racionalidade aumentasse e viesse interferir. Talvez isso tenha sido um efeito da minha ansiedade e vontade de saber o que eles estavam achando. Esta ansiedade foi inclusive percebida por alguns participantes que demonstraram isso em suas falas quando se referiram ao meu tom de voz e a velocidade com que conduzi o relaxamento, por exemplo:

“Não consegui relaxar (...) Nada, nada. Inclusive, você falando atrapalhou o meu repouso.” (Minotauro)

“Senti falta de o teu tom de voz ser mais suave, entende? Nesse momento do relaxamento eu tava precisando de algo mais suave,

como a música. Mas, assim, não que isso tivesse atrapalhado.”
(Esfinge)

“Eu achei assim o tempo curto do relaxamento e... Eu faço relaxamento com frequência né, e eu gostaria que tivesse sido mais longo. Foi rapidamente conduzido. A gente passa muito rápido de uma situação a outra. Não deu tempo para vivenciar mais plenamente.” (Roca)

Houve, também, interferências externas, como um celular que tocou, uma pessoa que bateu a porta, outra que se retirou. Mas, não consideramos isso negativamente. São sinais de que o mundo está vivo, incomoda e nós estamos mergulhados nele, não num laboratório. Outras pessoas, viajaram tão fundo nesse “passeio” que ultrapassaram o limite entre imaginação e realidade. Como por exemplo, no momento em que uma das participantes pergunta sobre o canto dos pássaros que ela ouviu:

“Eu queria saber se esse barulho de pássaros era lá fora ou era aqui. E pensei, assim, né: a gente fica tão leve que dá pra escutar até os pássaros.” (Almatéia)

Alguns, esperaram ir mais além; outros, realmente foram:

“Eu achei muito bom esse relaxamento. Eu consegui ouvir todo o comando de quem estava fazendo. Eu tava esperando mais coisas. Eu pensei que ela ia mandar a gente se transformar em alguma coisa. Na bolha, eu pensei que ia haver essa transformação.”
(Quimera)

“Eu não quis entrar nessa bolha. Na hora que eu encontrei a saída dessa caverna, eu não quis entrar na bolha. Eu queria mesmo era sair nadando, e saí nadando e fui bater na praia. Cheguei lá, deitei e consegui relaxar. No momento em que cheguei na praia, quando você tava falando da bolha, aí eu disse: não, eu vou entrar nessa bolha.... Mas aí foi muito bom ter saído de dentro da bolha.” (Esfinge)

“Na hora que ela mandou entrar na água, eu lembrei de uma propaganda que tem de uma criança. Eu não sei qual é a propaganda. Sei que tem uma criancinha novinha. Ela fica dentro d’água, nadando. Eu não sei se vocês já viram; todo dia passa. Um neném, né? Naquela coisa livre, bonita. Aí, na hora que ela me mandou sair, eu me senti assim: na arca de Noé. Quando Deus baixa as águas, manda primeiro uma pomba sair; a pombinha vai. Traz um ramo pra provar que o tempo tá seco. Que as águas estão baixas. Eu me sentí, também, assim. Passou essas duas coisas pela minha cabeça. Essa liberdade, né? Adorei ! (Almatéia)

Terminada a discussão, demos início a técnica de produção de dados chamada “Vivência de Lugares Socio-míticos”. Esta técnica foi inicialmente criada por Gauthier e, posteriormente, utilizada por outros pesquisadores. Em Gauthier & Santos (1999) os autores explicam que a referida técnica foi inspirada pelas culturas

indígenas do pacífico, as quais pensam em termos de lugares sócio-míticos. Gauthier (1999b) ressalta, ainda, que devido ao fato de esta ser uma forma de organização do pensamento estranha àquelas que os membros do grupo estão acostumados a usar, acaba sendo a

“(...) criação de um princípio diferente, inacostumado, para gerar a expressão da energia imaginativa das pessoas e do grupo. Sendo a forma inacostumada, é provável que emirjam conteúdos, expressões, imagens inacostumadas, inesperadas. O objetivo é ver o outro lado da vida, aquele que nossa formação teórica e, mais geralmente, nossa cultura nativa não permite enxergar.” (op cit, p. 41)

Para iniciar a técnica, utilizamos um formulário adaptado de Gauthier & Santos (1999) contendo perguntas que os participantes deveriam completar. O formulário (Anexo I) iniciava com a seguinte frase: No relacionamento pessoal nessa equipe, como é:

- A terra onde crescem minhas raízes?
- poço onde meu pensamento pode cair?
- A ponte que me permite sair das dificuldades?
- A falha entre mim e o outro?
- Os fluxos que nos atravessam?
- O cume de onde vejo tudo que acontece?
- O túnel onde existem relações secretas?
- O labirinto onde a gente pode se perder?
- O limite onde ficar?
- A gruta onde me escondo?
- O caminho por onde andar?
- A estrada por onde fugir?
- A galáxia onde morar?
- O rio onde nadar?
- O trilho por onde passa o trem?
- O arco-íris onde estou?

Cada participante recebeu uma cópia do formulário e foi convidado a responder como era o relacionamento interpessoal em cada um desses lugares. Apesar de acharmos que esse conjunto é muito amplo, optamos por colocar todos os dezesseis lugares no formulário e deixar que eles se sentissem a vontade para responder apenas aqueles que quisessem.

Quando todos terminaram, fizemos ainda uma discussão sobre a técnica. Ainda não era uma análise formal desses dados pois isso requer tempo e já estávamos quase esgotando o tempo daquela oficina. Mesmo assim, foi como um primeiro contato, um “experimental” que gerou várias discussões. A inquietação era evidente. O túnel onde existem relações secretas provocou risos e contradições. Afinal, ele existe ou não existe?

“Eu ri quando fui descrever o túnel. O túnel é tão secreto né? Será? Como é que esse túnel está sendo construído? Será que não podia ser mais colorido? Então, a gente parar pra pensar essas coisas de relacionamento interpessoal, em multidisciplinaridade, é uma coisa muito interessante. E outras coisas que no momento eu não to lembrada, mas, que tem muito a ver com como ela é desenvolvida. Eu não sei... Eu tô há pouco tempo na equipe. Eu acho que eu to vendo as coisas diferentes, né? Eu tô querendo me integrar, fazer parte da equipe. Eu não vi como se fosse assim. Eu acho que aqui é um lugar que eu vou percorrer.” (Tefnut)

A Esfinge acha que ele não é longo, que não vai longe. A Fênix diz que é uma passagem, geralmente escura; é fechada. Inicia-se um diálogo entre as duas e a Esfinge diz que para ela, a Fênix representa o túnel naquela equipe:

“Eu coloquei um representante desse pensamento aqui. A Fênix. Do túnel, né? Mas assim, com relação a essas coisas, quando ela fala que é super objetiva, racional. Então, tem, além das relações secretas (risos), das nossas relações secretas... Isso não quer dizer que tenha a ver com a equipe, né? Por que existe uma relação de afetividade entre a gente, né? Mas, coloquei, assim, o pensamento, por que de repente ele é secreto... o nosso pensamento. A gente expõe o que a gente sente vontade, confiança pra expor.” (Esfinge)

A Fênix abre possibilidades, multiplicidades, ocorre uma ruptura da dualidade que se havia estabelecido. Saímos das dicotomias bom/ruim, claro/escuro e o túnel agora é um canal vaginal:

“Ele é uma passagem. Mas ele é também uma passagem que lá dentro eu posso escolher fazer nele outra coisa né? Eu vou deixar riscado. Eu queria só expor, eu pensei tudo isso. O túnel é uma coisa que me sufoca, mas, é uma coisas que me dá passagem, né? Eu me

lembrei até, assim, do canal vaginal, por onde nasce alguém. Mas ele é escuro, apertado.”

E a Esfinge completa: “mas ele é gostoso...” (risos gerais). Nascimento, prazer, dor, vida. Tudo se abre no túnel e transborda.

Outras questões são levantadas. Começam a surgir, também, inquietações relativas as implicações do grupo com a escolha do tema. Afinal, nós temos mesmo problemas de relacionamento pessoal? A Roca resume na sua fala o emaranhado que se instalou:

“Eu acho assim, pra mim, fugiu um pouco a questão.. três coisas.. Não foi só a temática de relacionamento interpessoal da equipe. Teve, também, a questão do meu estágio no hospital-dia, a questão da residência médica. Eu não consegui fazer uma separação muito clara, mas, sobretudo, a questão do estágio no hospital-dia. Eu acho que passa muito por coisas, obviamente da relação interpessoal. Mas acho que o que acabou surgindo foi assim, uma mistura, né? Dessas duas coisas.” (Roca)

Outras pessoas vão introduzindo elementos que já de partida estouram com a delimitação do tema escolhido:

“Eu coloquei aqui uma coisa que fala do labirinto onde a gente pode se perder. Onde a gente tá sempre seguindo só o bom senso e não sabe agir, não sabe como lidar com o usuário ou com os outros e então vamos agindo pelo bom senso, com empirismo né? Então eu acho que essa terra é o meu conhecimento, o meu estudo, pra que a gente não possa tá o tempo todo seguindo o bom senso.” (Esfinge)

“Eu acho que se voltou muito pra questão profissional, pro trabalho que a gente desenvolve. Pra questão interdisciplinar, né? Eu não vejo tanto problema na questão das relações interpessoais. O que eu acho é quando a gente entra na questão profissional, sabe? Eu acho, assim, a relação profissional acaba se refletindo, é uma consequência da relação pessoal na relação intra-profissional. Eu acho que é mais ou menos nesse sentido. Em termos de disparidade, como é que a gente vai lidar com determinado problema profissional da saúde/doença mental? Então, o que eu acho é que fica: eu não vou poder ir mais senão vou invadir o terreno de alguém. Ele vai se sentir magoado por isso.” (Roca)

Surgem questões relativas ao desempenho profissional, à preparação dos profissionais, à relação com os usuários e até com relação à direção do hospital:

“E com relação ao túnel, eu acho que o túnel é muito mais clandestino com relação a lá, do lado de lá da instituição, do que do hospital-dia.” (Roca)

“A gente não pode ir além dos limites; eles impõe um limite, se você ultrapassar esse limite, pode acontecer alguma coisa contigo. Aí, o que é pior: não se diz claramente as coisas. Quando se diz

claramente, colocam-se dúvidas no final. Então a gente vai experimentando, até... (Esfinge)

Também foram se descobrindo pessoas lugares. Assim, a pessoa trilho é aquela que

"(...) tá sempre chamando a equipe pra gente seguir um caminho só, entendeu? Tem o cuidado de não estar passando dupla mensagem, dentro das normas, é o trilho." (Esfinge)

Mas por outro lado, acaba perdendo espaço por não se permitir viver outras experiências. A pessoa-rio está sempre aberta a colaborar e tem muita facilidade de se expandir, de crescer. Mas pra alcançar tudo isso, precisa ter mais confiança em si mesma. E tem, também, a pessoa-ponte que procura ajudar a todos a superar as dificuldades.

No meio dessa discussão, a Fênix, sem perceber, vira poeta. Logo ela que dizia ser muito objetiva e que isso dificultava a sua expressão. Descobrir-se possível de algo inesperado é maravilhoso. E ela falou:

*"O interessante é que
A terra onde nascem as raízes,
Podia ser o mar também
Em que profundidade está?
Será que ela existe?
O que vai acontecer?
E ele vai num crescendo entre eu e o outro,
E o arco-íris
Ele é a soma de tudo
Porque ele é a soma de cores, com harmonia." (Fênix)*

Estamos chegando ao final da primeira oficina, eu me sinto cheia de dúvidas, principalmente com relação ao meu papel ali: afinal, eu falo ou não falo? Eu devo ou não interferir? O fato de não ser integrante da equipe, me deixa constrangida, também. Como será que eles estão me vendo? Falo sobre as críticas e sugestões que eles fizeram; falo das minhas implicações. Mas, como diz a Fênix, *"nós não mexemos em feridas internas, mas, haverá outras oportunidades."*

Levei para casa os formulários que eles preencheram e passei os dados para um quadro onde cada linha corresponde a um lugar socio-mítico e cada coluna corresponde a um pesquisador. (Anexo II). O objetivo da construção deste quadro é

organizar os dados, sem alterá-los, para que, mais tarde, o grupo possa dar continuidade à análise.

4.3.2 A Segunda Oficina: Desenhar, pintar, criar outros lugares

Na semana seguinte ao desenvolvimento da primeira, realizei a segunda oficina. Seguimos a indicação de Gauthier (1999b, p.34) quando fala da importância de se utilizar sempre, pelo menos, duas técnicas diferentes de produção de dados, pois *“cada técnica dá uma forma específica aos conteúdos da pesquisa, isto é, produz dados diferentes.”* Optei por utilizar uma técnica artística, onde os pesquisadores pudessem explorar mais o aspecto plástico do que o escrito.

Iniciei o relaxamento com uma técnica para trabalhar a sensibilização do corpo. Sugeri que as pessoas tirassem os sapatos e começassem a caminhar formando um grande círculo. Primeiro, andando com toda a planta do pé; em seguida só com o calcanhar; depois com a ponta do pé; depois com um dos lados da planta e depois com o outro. Em seguida, parados e de olhos fechados, fomos sensibilizando cada parte do corpo, com movimentos circulares do pescoço, mãos, quadris e pés.

O segundo momento foi o da produção plástica dos lugares sócio-míticos. Entreguei ao grupo tinta guache, pincéis e papel. Solicitei que cada um criasse sua produção de um lugar socio-mítico (ou mais de um, se desejasse). Foi um momento lúdico, onde cada pesquisador teve a oportunidade de experimentar as tintas, criar cores, viajar nos lugares que tinham escolhido. Terminada a produção, cada pesquisador apresentou seu desenho. O Pégaso começou descrevendo o seu:

“Bom, é o seguinte: nesse desenho aqui, eu fiz ele, desenhei, comparando o hospital-dia com a atual situação, hoje, de Fortaleza. Ou seja, aqui é uma estrada, toda esburacada. E essa água que tá passando e essa ponte que é o elo, entendeu? tá vendo ó, a ponte quebrou e a água tá passando. Agora lá em cima é o céu. Claro que existe! E as pessoas, querendo e assim: como é que eu vou passar aqui, ó? Vai tentar passar por outro canto. E tão dialogando aí, por que eles querem passar. Isso são os funcionários querendo discutir como é que chega a esse elo que não tá existindo. É só isso. E o verde tá aí, né? Só que é umas plantinhas véia feia... (risos)”
(Pégaso)

“Eu vou falar do meu. O meu é baseado aqui, né? A terra onde crescem nossas raízes. É essa casinha aqui. Eu fiz baseada na minha infância que foi... Apesar de ter sido pobre, mas, foi rica. Rica

em liberdade. Aí tem uns matos , tem um colorido, tem o sol que eu admiro muito a cor amarela que, também, é a minha cor preferida. Aquela mistura ali de muitas cores ali eu me baseei na minha família que eu admiro muito.” (Almatéia)

“O meu eu fiz uma estrada, por que é muito pessoal com relação ao trabalho no hospital-dia, né? Assim “eu”.. Eu fiz uma estrada e nessa estrada, às vezes, eu me sinto muito insegura, duvidosa e acho que meio perdida, sem saber como fazer. Até que eu barrei ali, e tem que ter uma ponte para melhor saída. Mas, às vezes, eu fico muito temerosa do que eu devo e do que eu não devo. Então, ela é quase saindo da estrada, sabe? E isso me dificulta muito. Às vezes eu fico meio temerosa devido às reações e o que pode acontecer em relação a minha pessoa.” (Quimera)

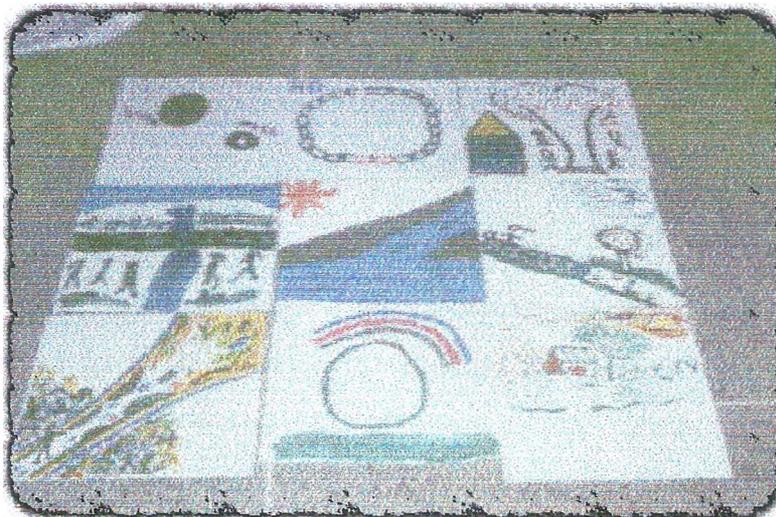


Figura 01 - desenhos produzidos pelo grupo pesquisador na oficina "desenhar, pintar, criar novos lugares"

“Mas que há sempre uma esperança, né? Acredito que depende de cada um. Tudo pode se transformar. Então, há verde que é a cor da esperança, e as cores do arco – íris, e existe as coisas tão paradas; ninguém sofreu um terremoto completo. Então, tá tudo alegre aí, falta só é aquecimento. E o preto ... eu acho que nem tudo tá perdido não.” (Yara)

“Eu fiz o meu, assim, quando eu comecei a ler esse... Por que eu não participei da primeira oficina, né? Me chamou atenção, assim, a confusão que as vezes..., principalmente relacionada a situação atual, né? Algumas dúvidas, e aí pensei em fazer um árvore, mas, achei que ficava difícil de representar o que eu tava pensando. E aí eu decidi fazer um caminho. Isso daqui, essas cores, assim, misturadas, são os pensamentos das pessoas. Eu acho que elas ficam meio confusas. E o hospital-dia, é aquele rapaz ali, tentando caminhar no sentido de um crescimento e que, também, apesar da confusão, sempre aparece uma expectativa e que as coisas possam melhorar, de que cada vez a gente possa ter menos obstáculos. E essa confusão sempre trazendo para dentro do hospital-dia. E, não tirando a confusão, mas, conseguindo que ela venha pra dentro do

hospital-dia e fique fazendo parte dos pensamentos do hospital-dia e esses pensamentos fiquem mais organizados.” (Boto)

“Eu coloquei um rio. No início eu pensei em fazer aquele símbolo que tem do “ying” e “yang”, que representa os contrários, né? Mas, aí eu vi: não, a equipe não tá nesse ponto, por que eles são harmônicos, né? Esse símbolo é harmônico. E coloquei a estrada e o rio, assim, que é como se a gente tivesse andando em paralelo. É.. em alguns momentos a gente até que consegue se encontrar e seguir o caminho juntos, seja pelo rio ou pela estrada. Mas, a maioria das vezes, sempre tá em paralelo, sem conseguir se encontrar. E o sol como sendo a disponibilidade, a energia que dá força pra se seguir o trabalho.” (Esfinge)

“A primeira coisa eu desenhei a terra. A terra tem que ser bem tratada. Se a terra não for bem tratada que será de nós. E o poço, poço profundo, se você tá se encontrando no escuro, você vai ter que sair né? E aí, eu queria dizer, também, que quando alguém entra em atrito, eu tenho medo que desequilibre aqui. (Sátiro)

Esta foi a nossa última oficina de produção de dados e, na próxima já iniciamos a análise destes.

4.3.3 A Terceira Oficina: Estranhar para Conhecer

Nesta oficina deveríamos começar a análise de dados, entretanto, tínhamos uma limitação devido ao tempo que dispúnhamos, o qual era apenas de duas horas. Após discutirmos isso em grupo, chegamos a conclusão de que seria melhor dividir o grupo em subgrupos e que cada um ficaria com as cópias do material produzido e que, durante a semana, cada subgrupo faria sua análise para, na oficina seguinte, apresentar ao grupo. Sendo assim, essa oficina destinou-se a realização de dinâmicas para efetuar a divisão dos subgrupos.

Na elaboração dessa oficina, além de dividir os subgrupos, levei em consideração a importância da multiplicação de pontos de análise do material produzido. Acredito que, quanto mais variadas as formas de abordar os dados, mais ricos serão as análises realizadas. Como diz Gauthier (1999b, p.31) *“É bom que os facilitadores da pesquisa apresentem análises e experimentações que rompam com o imaginário do grupo, em lugar de reforçá-lo.”* Isso quer dizer que estamos habituados com respostas prontas para cada problema que nos apresentam e estas, geralmente, fazem parte de um discurso hegemônico que muitas vezes reproduzimos, sem sequer nos questionarmos. Isso não é criação e sim reprodução. O que fazer para despertar, então, a potência criadora do pensamento? Estranhar para conhecer, essa foi a tática que escolhi.

Antes de começar a montar as dinâmicas que comporiam esta oficina, tive a oportunidade de conversar com Gauthier sobre esta pesquisa e comentei com ele que estava pensando em realizar com o grupo—pesquisador algum tipo de brincadeira, algo que se mostrasse mais lúdico e comentei sobre o “jogo da verdade”. Expliquei a ele que esta brincadeira consiste em formar um círculo com os participantes e colocar uma garrafa ao centro. Cada integrante do grupo teria a oportunidade de girar a garrafa e em seguida dirigir uma pergunta de sua escolha ao participante no qual a garrafa parasse. O interrogado, por sua vez, tem, obrigatoriamente, que responder a verdade não importando o conteúdo da pergunta. Ao ouvir esta explicação, Gauthier comentou: *“mas, estamos tão acostumados a exigirem-nos sempre a verdade! Por que você não cria então o Jogo da mentira?”*

Foi desta sugestão que nasceu a dinâmica que realizei, ou seja, “O Jogo da Mentira”. O funcionamento da brincadeira era idêntico ao do jogo da verdade acima descrito, mas, com uma única diferença: cada um teria que, necessariamente, responder com uma mentira. Este jogo se mostrou um gerador de tensão incrível. Foi muito profundo e mexeu com muita coisa. Por um momento pensei até que as coisas fossem sair do controle. As pessoas recusavam-se a mentir, ou então, passavam horas procurando a frase certa para dizer. Pareciam com medo de se traírem nas respostas ou de dizer algo que não convinha. Preferi não gravar esse momento seguindo a indicação do Gauthier de que isso poderia limitar a discussão. Fui apenas anotando algumas coisas que chamavam mais atenção. As perguntas giraram em torno do relacionamento na equipe, como por exemplo: você se sente bem aqui? O seu relacionamento com os colegas é bom? Você acha que essa equipe vai conseguir dar certo? O comentário da Fênix resumiu o que se passou naquele dia:

“A gente tá tão acostumado a mentir no dia-a-dia...mas na hora de mentir institucionalmente não é fácil mesmo!” (Fênix)

Devo reconhecer que organizei esta oficina objetivando, realmente, abalar, desmontar. Não desmontar para trazer uma outra forma de pensar já pronta. Mas, sim, proporcionar espaço para que novas formas de pensar surgissem. Não uma busca da verdade, mas, uma busca pela multiplicidade. Até então, o grupo tinha demonstrado já conhecer a fundo quais eram seus problemas; já sabiam o que estava errado. Avistavam também pontos positivos como união e companheirismo,

tudo dentro de uma perspectiva bastante moral e humanística. Mas não conseguiam passar daí. Parava-se sempre na dicotomia entre o bem e o mal:

“Primeiro, só sei desenhar casa e árvore. Então na casa eu quis representar a equipe, esses pontos pretos são todas as nossas dificuldades, né? E a árvore, também, é a equipe que dá bons frutos. Apesar de ter as dificuldades, as desavenças, mas, sempre dá bons frutos. E embaixo são os usuários, esperando alguma coisa de nós... (risos).” (Tefnut)

“Hospital-dia pra mim significa a união. Quer dizer, a corrente, sempre é união, a força, o trabalho, o vigor físico, o entendimento. Então, coisa melhor pra representar pra mim é o elo. Só que no hospital-dia, tá havendo isso, essa quebra de elo, por alguns, né? No entendimento. E algumas pessoas isoladas, que são esses dois elos ligados.” (Minotauro)

Como fazer, então, para entrar pelo meio? Para encontrar outras linhas que não fossem, necessariamente, a do bem e do mal? Talvez nesse momento Dionísio tenha invadido nossa pesquisa trazendo consigo o *“desejo de destruição, de mudança, de novidade, de futuro, de mudança”* (Nietzsche apud Gauthier et al, 1998, p.132).

Deleuze e Guatarri (1966, p.325), também, me disseram: *“Destruir, destruir: a esquizo-análise tem que passar pela destruição, fazer toda uma limpeza, toda uma raspagem do inconsciente. Destruir o Édipo, a ilusão do eu. O fantoche do super-ego, a culpabilidade, a lei, a castração...”* Só depois disso, é que poderemos passar para a tarefa positiva, ou seja, descobrir o funcionamento das máquinas desejanter. Em outras palavras,

“A tarefa da esquizo-análise é desfazer incansavelmente os eus e seus pressupostos, libertar as singularidades pré-pessoais que eles encerram e recalcam, fazer correr os fluxos que eles poderiam emitir, receber ou interceptar, estabelecer cada vez mais longe, dum modo cada vez mais fino e muito abaixo das condições de identidade, as esquizas e os cortes, montar as máqionas desejanter que recortam cada um de nós e o unam a todos os outros.” (Deleuze e Guatarri; 1966, p.380)

Dando seqüência ao “Jogo da mentira”, continuei brincando com o mistério, o medo e a incerteza, aplicando, como diz Gauthier et al (1998), uma outra “vivência lerversa”. A dinâmica “O Vampiro de Estrasburgo” descrita em Boal (1998). Escolhemos um “vampiro” para começar a brincadeira. Todos, inclusive o vampiro, devem andar aleatoriamente pela sala, de olhos fechados. O vampiro procura encontrar as outras pessoas e apertar-lhes o pescoço. Quem for atacado passa a

ser vampiro também. Tensão, gritos, risadas. Foi um ótimo momento para extravasar a tensão depois do instigante jogo da mentira. Em um determinado momento, quando todos estavam bastante misturados, interrompi a brincadeira solicitando que eles parassem onde estivessem. Com as pessoas que estavam mais próximas, formei, aleatoriamente, os subgrupos para a análise do material:

- Subgrupo 01 – Boto Minotauro e Almatéia
- Subgrupo 02 – Pégaso, Esfinge, Tefnut e Semíramis
- Subgrupo 03 – Sereia, Fênix e Unicórnio
- Subgrupo 04 – Quimera, Yara e Bisáltide

Cada subgrupo recebeu uma cópia do quadro construído com as respostas ao formulário dos lugares socio-míticos (Anexo II); uma cópia da transcrição das fitas gravadas durante as oficinas; além dos desenhos produzidos pelo grupo. Na próxima oficina deveriam trazer suas análises, apresentá-las e discuti-las com o restante do grupo.

4.3.4 A Quarta Oficina: O corpo pensa

Este deveria ser o dia em que as equipes apresentariam suas análises. Mas, acabamos logo descobrindo que não ia ser tão simples assim. O acúmulo de atividades, a dificuldade de sentar para discutir, entre outros problemas mostraram que apenas uma semana seria insuficiente para que todos os subgrupos terminassem suas análises. Como apenas um subgrupo tinha trazido algum material para apresentar, acordamos que realizaríamos mais três oficinas e que em cada uma delas pelo menos um subgrupo apresentaria suas análises.

Iniciei com o relaxamento utilizando uma técnica que trabalha o toque. Os integrantes foram divididos em duplas (cada um podia escolher com quem se sentia mais a vontade) e, enquanto um deitava num colchonete, o outro fazia uma massagem em todo o corpo do parceiro. A pessoa que recebia a massagem não podia oferecer resistência, nem realizar nenhum movimento, devendo apenas entregar-se. Escolhi realizar essa técnica por que ela favorece um contato físico maior entre as pessoas, fato que não costuma ocorrer, naturalmente, dentro dos muros de uma organização hospitalar. Além de ser um momento agradável, que produz um relaxamento profundo, ainda desperta o corpo para a pesquisa, pois, como diz Gauthier (1999b, p.15),

“O corpo de cada um de nós é uma forma da vida, que por ter uma história (pessoal e também coletiva, pois nossa sensibilidade, e sem dúvida nossa própria razão foram formadas desde a infância por toques, olhares, cheiros, palavras ditas, estórias, gotos) e raízes ancestrais ainda atuantes, vivas, irradiantes, sabe muitas coisas – algumas claras, outras escuras e outras claro-escuras. Assim podemos afirmar que o corpo pensa.”

Em seguida, deveríamos ter a apresentação da análise de cada subgrupo.



Figura 02 – Painel elaborado pelo subgrupo 02

Entretanto, apenas o subgrupo 02 trouxe a sua análise pronta. Eles trouxeram um painel com recortes representando os lugares sociomíticos. Para cada lugar, o subgrupo foi associando os problemas e soluções encontrados no hospital-dia. Este momento não foi gravado e ao final da apresentação, o grupo passou a impressão de não ter sido suficiente para eles mesmos aquela forma de análise. Pedimos, então, que na oficina seguinte eles trouxessem em apresentação escrita o que tinham posto no painel.

4.3.5 A Quinta Oficina: Com a palavra o grupo-pesquisador

Foi interessante observar que, neste dia, quando cheguei ao hospital, encontrei todas as equipes reunidas, empenhadas no seu material de análise. Foi até difícil convencê-los a irmos para a sala onde são realizadas as oficinas, tamanho o envolvimento em que eles se achavam naquele momento. Os subgrupos tiveram uma semana a mais para preparar sua análise de dados, e resolveram que apenas

um iria apresentar sua análise naquele dia. O subgrupo 01 apresentou uma análise de oito dos lugares socio-míticos trabalhados. Segundo eles, aqueles foram os lugares que eles conseguiram trabalhar no período de uma semana. Eles sugeriram apresentar estes que já haviam sido analisados e, na oficina seguinte, apresentar os outros. Como na próxima oficina, o Boto e o Minotauro estariam ausentes, a Almatéia ficaria responsável de concluir a apresentação. O grupo-pesquisador optou por não fazer relaxamento, pois o tempo de que dispúnhamos não estava sendo suficiente para ampliar as discussões.

O Boto começou falando, explicando que método eles tinham utilizado para realizar a análise.

“Eu vou falar o que a gente escreveu sobre esse material que você devolveu pra gente sobre o que a gente tinha produzido nas reuniões anteriores. O método que a gente utilizou foi de ler o material todo e depois ler cada categoria dessas e fazer uma interpretação utilizando o material e ressaltando os pontos em comum e as contradições.”
(Boto)

A seguir, temos análise realizada por este sub-grupo e exposto pelo Boto.

➤ ***A terra onde crescem nossas raízes***

“A gente pensou que isso seria a base, a expectativa, em relação ao hospital-dia. O que a gente viu é que havia uma boa expectativa em relação ao desenvolvimento do hospital-dia, de poder sentir algo seguro, de um campo fértil onde haja, também, a preocupação de que, se não tivermos o devido cuidado, essas possibilidades possam se perder, principalmente por descuido nosso. Uma pessoa colocou a união da equipe como principal terra, principal adubo, e o outro, no outro extremo, colocou o conhecimento dele como a base, a terra.”

➤ ***Poço onde meu pensamento pode cair***

“O ponto fraco do hospital-dia, o ponto de risco, a desestabilidade. O medo da desestruturação. A maioria do grupo reconhece a existência de um poço onde o hospital-dia pode cair, mas não identifica onde. Duas pessoas referem que este estaria nos atritos e que estes minariam a coesão da equipe. Outras duas reconhecem o poço, mas o colocam como enfrentável como superável, e que isso trará crescimento, evolução e que esse poço seria um teste para a equipe e que todos da equipe deveriam passar por este teste.”

➤ **A Ponte que permite sair das dificuldades**

“A gente colocou isso como um dos recursos para o enfrentamento das dificuldades. A ponte está identificada com a cooperação, a comunicação, o companheirismo. A equipe em alguns momentos sente essa ponte como frágil, como carente, que necessita de mais equilíbrio, de mais amarras, seria alguma coisa nesse sentido.”

➤ **A falha entre mim e o outro**

“O não poder perceber e lidar com o erro do outro, com as limitações, com as dificuldades do outro, a falha de comunicação. Isso aqui, chamou a atenção da gente, porque a falha sempre foi, ou na maioria das vezes, reconhecida como falha do outro. As palavras que foram usadas como por exemplo a arrogância, sempre colocada no outro. Outra pessoa colocou assim: é fácil, depende da boa vontade do outro. E se já tá vendo a falha no outro, ele é que já está sendo arrogante.”

➤ **O cume de onde eu vejo**

“Esse tópico, logo de início, nos trouxe um questionamento: Por que cume? Por que não o local de onde vejo? Porque quando coloca cume, já tá colocando o olhar de cima, então seria a pessoa estar se colocando, é olhar por cima do outro.” Nesse ponto, a Esfinge discorda:

“Eu percebi de outra forma, tipo assim: eu tenho coisa em mim que é a minha reflexão, minha auto-reflexão, e eu chamo isso de meu ‘eu observador’. Então, ele tá aqui ó, fora de mim, entende? Então é como se estivesse vendo de fora, do alto, o que tá se passando. Porque no momento em que a gente está em interação com o outro, a gente tá envolvido emocionalmente, a gente tá envolvido de qualquer forma e aí o ‘eu observador’ estando do alto, de fora observando aquilo, não queria dizer que ele é superior ao outro. Mas eu coloquei, não como de superioridade aos demais, mas sim como se o cume a gente aproveitasse pra ter uma visão maior do que tá acontecendo.” (Esfinge)

O Boto continua dizendo que concorda com a Esfinge, mas salienta a possibilidade de outras perspectivas construindo uma polifonia de sentidos:

“Acho que você tem razão nesse sentido, mas, que ..é.. muita gente, ou algumas pessoas, podem olhar as coisas de uma depressão e não do cume, né? Então, quando coloca ‘o cume de onde eu vejo’, tem alguma indução de olhar de cima ... alguma coisa assim.” (Boto)

A Esfinge completa dizendo que as perspectivas diferentes não anulam umas as outras. O Pégaso dá um exemplo que retrata bem a situação:

“Eu vejo aquilo ali como um jogo de dama. Você não tá vendo nada ali, mas, quem tá ali vendo diz: ô saída !, né? Então , ele é um observador, naquela posição que se encontra.” (Pégaso)

Em seguida, o Boto continua apresentando os resultados:

➤ **O túnel onde existem relações secretas.**

“A maioria não reconhece a existência desse túnel, um acha tentador e outro prejudicial. ‘É clandestino, escurinho, abafado e alegre’. Outros disseram: ‘não vejo isso aqui’; ‘não existem relações secretas’. É uma negação, né? Tanto que ficou até engraçado por que ficou contraditório. Uma pessoa aqui começa dizendo assim: ‘não deveria existir’ e termina dizendo assim: ‘tem que existir’:

“Não deveria existir esse túnel com essas relações, mas existe e isso é altamente prejudicial. Esse túnel é sufocante mas tem que existir.” (transcrição do quadro dos lugares-sociomíticos – Anexo II)

Quando o Boto faz a apresentação desse tópico, segue-se uma discussão sobre as relações privadas ou particulares entre os integrantes do grupo e sobre a influência disso no âmbito profissional.

“Que tem relações secretas.. acho que tem. Não tem porque negar. Cada pessoa no grupo se identifica com algumas pessoas. Isso não quer dizer que não exista união. (...) A minha relação secreta com a Fênix, ela ultrapassa a relação interpessoal na equipe. (Esfinge)

O Boto pergunta se isso é uma questão de “relações secretas” ou se apenas de maior identificação com uma ou outra pessoa. Algumas pessoas se manifestam sobre isso:

“Eu acho que ela é secreta em termos de afetividade, uma ligação de confiança, não em termos nem de trabalho. Mas, em termos de confiança própria. O que eu noto entre pelo menos vocês duas, né? vamos colocar isso nesse sentido. Tão muito ligadas, muito juntas. E isso existe mesmo! Não adianta negar, porque existe mesmo.” (Quimera)

“Não me incomoda, por que (risos) quando coloca a coisa de relações secretas, me passa uma história de, é ‘por debaixo dos panos’. E quando é um negócio ‘por debaixo dos panos’, não tem jeito de não atrapalhar o funcionamento da equipe. De não ser uma coisa de tá minando o alicerce. E eu não vejo que seja desse jeito, por isso que eu não considero relações secretas. Senão a gente não tava conversando tão abertamente disso aqui. Então, eu acho que é diferente. É cumplicidade! É amizade! É companheirismo! Eu acho que é diferente de relações secretas. (...) Muitas pessoas colocaram

que não existiam essas relações secretas. A interpretação que eu faço é que essas relações secretas não são nesse sentido de tá desestabilizando a equipe não. São coisas de cumplicidade, de companheirismo” (Boto)

“Se alguém chega pra mim e diz alguma coisa é, de outro, de qualquer um da gente. E se você vai passar e vai dar uma confusão muito grande, ela fica secreta, ela fica pra você e você tenta trabalhar as coisas de uma forma a não expor o personagem. Isso acontece muito da gente recorrer um ao outro pra ver como tomar algumas atitudes.(...) É uma coisa que é necessária e não que ela é secreta, que ela é imoral, é pejorativa; ou por que quero deter poder. Por que quando é secreta, é pra deter poder, é pra fazer picuinha, e isso não acontece. Nossas relações secretas..., sei lá..., às vezes eu tô tão despojada dessa história do feio, que eu acho que ela é bonita. Muitas vezes é pra melhorar, sabe? Na minha cabeça não cabe essa história do disse-me-disse, por que eu estouro logo ou então eu busco alguém. Busco sempre mais a Fênix ou o Boto. (Fênix)

➤ **O labirinto onde a gente pode se perder**

“Aí, a maioria das pessoas colocou: “a falta de conhecimento”. Seria o “não saber”, o desconhecer. Mas não ficou especificado se era saber técnico ou não. Mas há reconhecimento de que há um caminho para saída: bom senso, descobertas, coragem Então, se há esse desconhecimento, há uma coragem para buscar esse conhecimento. Há um crédito no bom senso e há a possibilidade de descobrir coisas maravilhosas. “

“Eu acho que isso foi mais da necessidade que a gente tem de tá conhecendo mesmo, pelo menos pra mim, assim ao nível científico, pra lidar com as questões que a gente lida no dia-a-dia. Eu percebo a equipe como ..., tendo o conhecimento.. é... Tipo assim, o poder, né? Quem tem conhecimento tem poder. Pelo menos isso eu não sinto aqui nessa equipe. Com relação a psicopatologia, o Boto, ele tem conhecimento a respeito da psicopatologia e é muito fácil, a gente sempre disse isso pra ele, ele consegue repassar as informações pra gente. Quer dizer, a gente tinha um grupo de estudo e ele clarificava mesmo as coisas e não ficava escondendo, essa coisa, de jeito nenhum. Essa coisa não existe, pelo menos da parte dele. (Esfinge)

➤ **O limite onde ficar**

“Há uma grande dúvida da equipe uns não reconhecendo os limites, outros queixando-se dos bloqueios causados pelos limites. Textualmente: ‘é indefinido, instituído’; ‘Até o tempo que puder existir’. Então, eu senti como uma coisa sem limite. ‘Procuro ver onde encontrá-los’; ‘Não sei, acho que estou bem’; ‘Falta de autonomia de poder ir além dos limites que impedem o crescimento’. Tem um bloqueio aí: ‘Quando ultrapasso o espaço do outro’; ‘É duvidoso, pouco claro e pouco firme’; ‘Onde me encontrar’. Então, acho que no final é uma busca de limites,

acho que muito mais busca de um norte do que de limite. Acho que não é nem um limite, mas, um caminho a seguir, um continente.”

“A gente, muitas vezes, quando leu essa papel aí percebeu que tem muita coisa contraditória. A mesma pessoa dizendo duas coisas diferentes, contraditórias num lugar, né? Então, ao mesmo tempo em que diz que tem que haver, diz que não há. Então, há muita contradição. Acho que é muito mais indefinição do que tá acontecendo.” (Esfinge)

4.3.6 A Sexta Oficina: Com a palavra o grupo-pesquisador (parte II)

Ficou decidido que nesta oficina ocorreria a apresentação de três sub-grupos: O sub-grupo 03, o sub-grupo 04 e também o sub-grupo 02 que, apesar de já ter feito uma exposição na Quarta oficina com um painel, escolheu fazer outras formas de análise do material produzido.

O sub-grupo 01, representado nesse dia pela Almatéia, disse que não havia trabalhado mais outras categoria, e que ficariam apenas coma análise das oito já apresentadas pelo Boto. Iniciamos então com a apresentação do sub-grupo 03, representado pela Fênix, que começou explicando que o grupo optou por trabalhar com pontos negativos e positivos extraídos do material:

➤ Os pontos negativos:

Na terra – fracasso, umidade (umidade por que está pantanosa), aridez, superficialidade.

No poço – medo, escuridão, negação, fofoca, atrito, falatório, desequilíbrio, mesmice, mediocridade, indiferença. É tenebroso, preocupante.

Na ponte – dificuldade, carência, fragilidade, de bambu, cansaço, desgaste.

Na falha – má comunicação, individualismo, vaidade, culpar o outro, incompreensão, arrogância, prepotência, desrespeito.

No fluxo – distorções de pensamento, ambivalência (ora bom, ora ruim).

No cume – crítica, pretensão e a inexistência.

No túnel – relações secretas, sufocante, não vejo, segredos, clandestino, abafado.

No labirinto – insegurança, desconhecido, dificuldades, falatório em locais inadequados, “bom senso”... esse bom senso aqui eu vou botar entre aspas pra ficar melhor, que é a questão do empirismo. Longo, cansativo, causa medo e é duvidoso.

No limite – indefinido, instituído, desconhece, falta de autonomia, empecilho, duvidoso, sem clareza e sem firmeza.

Na gruta – pensamento, insegurança, secreta, individual, medo.

No caminho – confuso, sem tropeço, busca, o que acredita, tortuoso e estreito

No arco-íris – é apagado, descolorido e sem brilho. Isso foi uma das coisa que chamou atenção, por que um arco-íris desse jeito inexistente. Por que a essência do arco-íris é a cor e o brilho. É a beleza.

Na estrada – sem saída, tenebrosa, insegurança e incerteza.

No rio – congelado, pedregoso, turbulento.

No trilho – rompimento, regras (regras aqui é rigidez), insegurança, problemas.

A galáxia – atrito, desorbitada, estagnada.

➤ **Pontos positivos:**

Na terra – enquanto lá tinha pântano e aridez, aqui ela é fértil, bem tratada, segura, poder de decisão recuperação, união e conhecimento. Os pontos positivos superam a história dos negativos.

No poço – alguém viu como evolução

Na ponte – cooperação, o outro, amigo, companheirismo, comunicação, elo entendimento reunião diálogo, segurança.

Na falha – é relativa, pode existir ou não. Foi a única coisa positiva que a gente conseguiu.

No fluxo – a boa vontade, solidariedade, fé, altos e baixos, superação, questionamento.

No cume – a introspeção, a auto-análise, o “Eu observador.”

No túnel – relativismo, nascimento, pensamento, alegria, estrada.

No limite – respeito ao outro

Na gruta – refúgio, crescimento, visível

No caminho – juntos, firme, segurança, experiências, florestas, terra, aberto, largo, seguro.

No arco-íris – é a soma das cores e pensamento, aqui e agora, construção por todos, é importante, é alegre e tem vivências.

No rio – alguém, oportunidade, profundo, felicidade, firme, pureza, leve, clareza, sereno.

No trilho – no meio do caminho, alerta, cuidado, sinalizado, superação.

Na estrada – não busco fugir, oportunidades.

Na galáxia – transformação, busca, apoio, compreensão, colorida, sinceridade, os outros, terra mágica.

Após a exposição dos pontos positivos e negativos encontrados no material produzido, o sub-grupo 03, ainda, apresentou uma análise do trabalho que vínhamos realizando com as oficinas. Esta análise eles fizeram por escrito e segue abaixo o texto na íntegra:

As oficinas de sociopoética

“O tema foi escolhido em reunião entre os membros da equipe, por unanimidade, provavelmente por ser a necessidade maior sentida. As relações humanas tem se revelado o “calcanhar de aquiles” dos grupos formais que se unem institucionalmente e não espontaneamente. O que ocorre nos grupos informais é que eles se unem por afinidade, e os institucionais por necessidade. Então, a gente está aqui, não por que a gente, a priori, quer assim, mas, por que a instituição precisa dos profissionais que estão aqui. O tema foi bem trabalhado, no sentido de ter dado oportunidade de revelação das angústias individuais e sua ingerência no cotidiano da equipe. Mexeu, bagunçou, balançou com o tempo.

A oficina serviu para mostrar que a equipe está em busca de evoluir, no momento em que seus membros se dispõem a revelar suas fragilidades, seus medos, inseguranças, provavelmente na tentativa de crescerem juntos.

Os pontos negativos estão descritos em maior número do que os positivos, revelando a necessidade de não mascarar as relações existentes. Isso é uma coisa boa. Então, se nossos pontos negativos foram mais aflorados, é por que a gente tá

querendo melhorar esses pontos negativos. Por que os positivos, nós só vamos reforçar.

O medo, a insegurança, o individualismo e as relações clandestinas são superados quando se revelam a boa vontade, a solidariedade, o companheirismo e a busca do certo.

*A terra é fértil, precisa de cuidados.
O poço pode ser transformado,
A ponte é o elo, é o outro;
A falha deixará de ser do outro, será nossa;
No fluxo buscaremos a superação.
O cume será a meta.
O túnel, o renascimento.
O labirinto, o desafio.
O limite, o respeito.
A gruta, o refúgio.
O caminho, novos horizontes.
O arco-íris, a soma de todos.
O rio, uma alternativa.
O trilho, mais um caminho.
A galáxia, um novo mundo: nós. “
(Texto produzido pelo sub-grupo 03)*

Em seguida, temos a exposição do sub-grupo 04. Na sua análise, este sub-grupo escolheu trabalhar com apenas três categorias as quais foram apresentadas num poster:

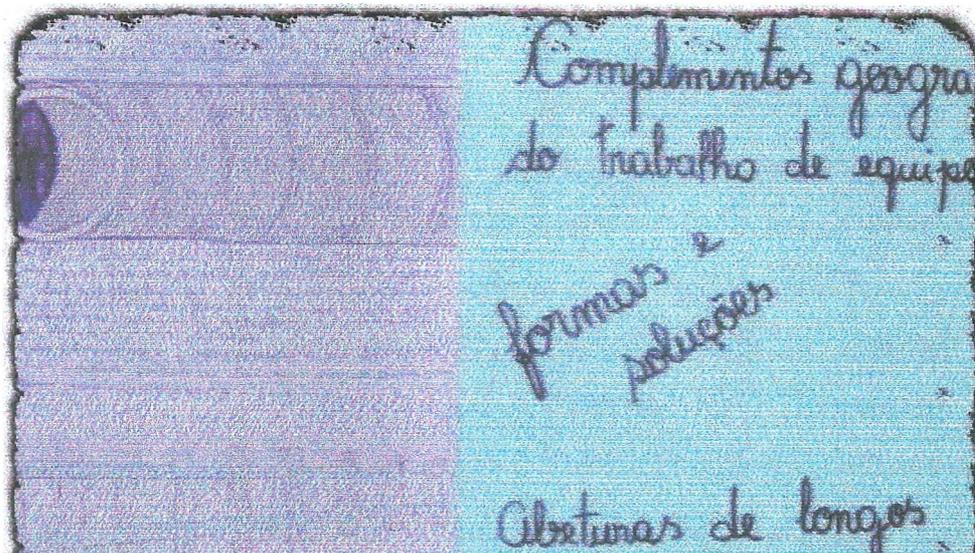


Figura 03 – Painel apresentado pelo subgrupo 04

“Complementos Geográficos do Trabalho de equipe – formas e soluções. abertura de longos caminhos.

A terra - apesar de ser fértil, precisa ser cultivada sempre, com os adubos necessários, assim como compreensão, afetividade, natural do crescimento humano relacionado a equipe a qual está precisando atingir o objetivo, que é recuperar os sais minerais perdidos, que são as falhas cometidas. Para um novo retorno. Recomeçar.

O túnel - é fechado por determinadas circunstâncias em que nos encontramos. Barreiras. A escuridão é o reflexo do medo. Em confrontos que são causados de alguma forma. Que são colocados, formam inconseqüências paralelas, persistentes que precisamos corrigir para dar um basta decisivo nesta situação. Para retornarmos a oferecer o que temos de melhor em nossa fabulosa equipe. Que revertendo essa situação, temos mais a oferecer.

O trilho – esse trilho aqui é o caminho da gente, por onde a gente percorre, a linha reta, aos longos caminhos a percorrermos. Deveríamos olhar para dentro de cada um de nós, para encontrarmos melhores formas de vivenciarmos nossas experiências, sadias, com mais respeito um para com o outro e coerência para restaurarmos a nossa sinalização da nossa linha reta e longa que é a nossa direção. Não podemos deixá-la descarrilhar. Que apesar de todo embaraço, nem tudo está perdido. Achamos que há retorno, sim.”

Em seguida temos a apresentação do sub-grupo 02:

“A Terra para ser fértil e produzir bons frutos, necessita de substâncias, adubos, vitaminas. Sem estes elementos necessários, torna-se árida, sem produção. Uma equipe interdisciplinar necessita, também, de entendimento, compromisso, companheirismo, cooperação, elementos essenciais para seu desenvolvimento.

Uma árvore, para se desenvolver em determinado solo precisa, também, de outros elementos imprescindíveis, como a luz do sol e a água. A luz do sol, para uma equipe com a visão interdisciplinar, pode ser a motivação; a água, a comunicação, que mantém a equipe unida, integrada, seguindo um só caminho.

Com todos estes elementos, a árvore e a equipe, podem crescer, produzindo frutos, atingindo objetivos. Até isto acontecer, surgem expectativas de como tudo ocorrerá. As pessoas envolvidas podem ficar apreensivas, estranhas como o desconhecido, com o tipo de resultado que será alcançado.

Muitas etapas são vividas e enfrentadas. Uma planta passa por processos, podendo ser atingida pela estiagem, pelo excesso de chuva, de vento, possíveis ataques externos (insetos, doenças, etc.), caracterizando, assim, sua fragilidade, dependência do meio em que vive. Um grupo de profissionais com objetivo comum enfrenta, tal como a planta, barreiras, obstáculos que, muitas vezes, podem transformá-la em algo improdutivo.

Muitas vezes, a falta de produção caracteriza a necessidade de reflexão, quanto as suas relações internas, definições de papéis, conscientização dos limites internos e externos do grupo.

A intervenção, qualquer que seja sua natureza, e a inovação em uma equipe, podem desestruturá-la, trazendo desta forma, insatisfação por parte de alguns componentes.

Porém, toda planta precisa ser podada para crescer frondosa, produzindo assim frutos sadios. Para tanto, a equipe necessita de confiança, coragem, perseverança de cada componente da equipe para perceber os limites internos e externos, tentando se modificar quando houver necessidade.”

Sobre a produção do texto descrito acima, a Esfinge fala o seguinte:

“A gente sempre trabalhou junto, nós três. Eu acho que foi uma descoberta. Isso aqui foi escrito por nós três. Teve palavras de todos. Em nenhum momento, a não ser na história desse trabalho aqui, que eu fiz em casa, né? Por que a gente pensava que tinha que ser entregue no outro dia, pronto. Mas a gente descobriu muitas coisas um do outro. O Pégaso trouxe todo o conhecimento dele da questão da biologia, a gente foi atrás dos livros, a gente pegou dicionário. Então, teve realmente um envolvimento. Se a Semíramis tivesse aqui também teria esse envolvimento. Eu acho que a gente não sentiu nenhuma dificuldade em tá realizando esse trabalho não. E assim, a gente comparou com uma árvore. Desde quando ela nasce até quando ela dá frutos. A gente comparou a equipe, assim. O que ficou muito claro pra mim foi a questão dos contrários. Sempre pontos positivos e pontos negativos. Tinha um que dizia uma coisa mas tinha outro que dizia outra coisa. E muitas vezes a gente emperra, a gente não consegue atingir nosso objetivo exatamente por ter pensamentos diferentes.” (Esfinge)

O sub-grupo 2 finalizou sua apresentação com a seguinte poesia:

*“Desejo
 Momento único
 De envolvimento e emoções
 De troca e interação
 Nascimento
 Espaço de vivências intensas
 De dor e prazer
 De intimidade e satisfação
 Crescimento
 Estado permanente
 De desenvolvimento e limitações
 De criatividade e impotência
 Maturidade
 Etapa deslumbrante
 De relacionamentos estáveis
 De segurança e estagnação
 Caos
 Tempo necessário para reflexão
 Para introspecção e questionamentos
 Para inseguranças e descobertas*

Para crescimento e maturação

Para estabilidade e equilíbrio

Deste novo SER que renasce!"

(texto apresentado pelo sub-grupo 02)

4.3.7 A Sétima Oficina: Entre o 8 e o 80 há 72 possibilidades

Agora chegamos a última oficina. Como todos os grupos já tinham apresentado suas análises, decidi encerrar com uma discussão final sobre tudo que foi trabalhado até agora. Programei fazer um relaxamento, em seguida um trabalho coletivo de expressão artística com materiais variados e fechar com uma discussão em grupo. Tínhamos discutido em oficinas anteriores que na última delas, repetiríamos a técnica de relaxamento que mais tivesse agrado. Sendo assim, preparei para o relaxamento a dinâmica do toque visto que no dia de sua realização, o grupo comentou ter sido muito bom e que gostariam de terem se demorado mais. Entretanto, por decisão do próprio grupo, tivemos que mudar os planos no decorrer da oficina.

Primeiramente, foi estranha a forma como as pessoas foram chegando e compondo o grupo. A sensação que tive era de que todos estavam muito desinteressados em participar. Começamos com mais de meia hora de atraso, e tive que chamar várias pessoas que ainda não haviam chegado para que pudéssemos iniciar. A Fernanda⁷ (que estava acompanhando esta oficina comigo), fez uma observação sobre isso dizendo que, para ela, as pessoas estavam dando a impressão de não estarem querendo que aquele fosse o último dia e, por isso, adotaram uma postura de diminuir o ritmo, como se, atrasando a oficina, houvesse ainda a oportunidade de haverem outros encontros.

Eu, particularmente, não havia feito essa observação, mas estava incomodada com a postura do grupo. Afinal, aquele estava previsto para ser o último dia e eu queria que tudo corresse bem.

Então, depois de todos reunidos, fiz a sugestão da técnica do toque para o relaxamento. Entretanto, várias pessoas começaram a se pronunciar dizendo que não gostariam de realizar aquela dinâmica. Pareciam estar sem ânimo de levantar

⁷ Fernanda Martins é colega de mestrado e também desenvolveu sua dissertação utilizando a sociopoética. Esteve presente na primeira e na última oficina realizadas no hospital-dia. Como já tínhamos desenvolvido um trabalho anterior no referido hospital, não foi difícil a sua inserção e participação.

da cadeira e começar. Pedi que eles fizessem sugestões sobre que técnica, dentro das que já tínhamos feito, deveríamos realizar hoje. Houve duas sugestões: a técnica do vampiro e a da viagem. Como a técnica do vampiro não foi utilizada com o objetivo de relaxar e sim de dividir os subgrupos no início do trabalho, acordei com o grupo que realizaríamos a “viagem”. Para mim, enquanto facilitadora, foi um pouco difícil, visto que eu não havia preparado nada anteriormente. Mesmo assim, resolvi realizá-la e utilizei como tema da viagem, todos os lugares socio-míticos com os quais já havíamos trabalhado. Depois que todos deitaram no chão, coloquei uma música suave e comecei a induzi-los a passear pelos lugares que eles já haviam criado.

Terminada a viagem, pedi que eles se sentassem, distribuí vários materiais (papel madeira, tintas, pincéis, recortes de revista, cola, tesoura, canetas, giz de cera, etc.) e pedi que agora, eles fizessem uma construção coletiva desses lugares em forma de trabalho artístico.

Quando finalizaram a construção, voltamos a nos sentar em círculo para fazer a apresentação desse trabalho e discutir alguns pontos finais como: implicações do grupo-pesquisador (apesar de estas já terem sido trabalhadas durante todo o processo); avaliação do processo e escolha de um título para o trabalho.

A discussão que se seguiu começou um pouco tímida. Cada um falando do seu desenho. Alguns representaram coisas muito bonitas, muito verde, muita paz:

“Essa estrada, com várias pessoas que somos nós, né? Desenhei flores do lado, porque eu vejo assim, tudo bonito, muito verde, muita planta. Desenhei um sol lá no fim. E a gruta, né? Essa parte que tá mal feita, mas, que pra mim era a gruta onde desce o rio, que o Pégaso desenhou um negócio preto, que pra mim foi um obstáculo. Mas, eu fiz umas gradezinhas do lado pra poder atravessar. Sabe? Pra poder vir pra dentro do terreno dele, que ele não queria, mas eu vou assim mesmo, nem que ele não queira, e também pra os outros. Eu liguei todos eles. Que desse pra eu ir pra todos os lugares. Por que eu me sinto assim, em todos os lugares dentro desse hospital, não me sinto sozinha, não. Me sinto junto com todos e eu acho que a gente tem que tá junto. Eu achei que ligando, assim, meu desenho a todos os outros desenhos, eu estaria juntando todo mundo.” (Sereia)

Eu botei: “as grandes mudanças fazem um novo plano para um melhor atendimento médico”. Então, “longe, é a palavra que não existe”. Então eu botei aqui; cultivamos nela uma plantinha que vai nascer, que ela tem ser cultivada, ela tem que brotar, ela tem que ser

explorada, ela tem que ser cuidada, e a ponte que as pessoas, que as pessoas passam de um lado pro outro, por que ainda tá esperando ela nascer; aqui ela já nasceu. É gostar, é procurar ver um novo dia, que apesar de todas as coisa que existem, das barreiras que tem, os atritos que existem e que não vai deixar de existir depois desse grupo, mas, que existe uma forma melhor de você ver as coisas. (Quimera)



Figura 03 – Painel produzido pelo grupo-pesquisador

“Eu coloquei esses pratos de comida aí. Não é que eu tivesse com fome não (risos). Mas é que eu acho que a gente tem que tá sempre se alimentando de alguma coisa, e principalmente de coisas boas, né? Naquele negócio ali, no morango, ali lá em cima, tem assim: um

gole de champagne primeiro. Eu acho que é, também, pra gente se sentir mais motivado. (risos) É isso! (Boto)

Mas, na sua fala, o Boto, também, introduziu um elemento de estranheza. Uma observação de que as coisas não estavam tão belas assim como estávamos tentando pintar:

“Hoje, assim, acho que desde de manhã, na hora que a gente chegou aqui pra começar a fazer esse trabalho de hoje, acho que não só eu, mas, um bocado de gente, eu tava olhando, tava todo mundo meio morgado, assim, né? Então eu tive uma certa dificuldade de me mobilizar pra ir fazer isso aí. Mas, eu não sei..se é assim... por mim. Vou falar de mim. Eu não sei como é que foi pras outras pessoas; eu passei uma semana sem trabalhar, então, eu ainda tô meio chegando, sabe? E outra, que eu não sabia que a gente ia fazer esse grupo desde cedo. Então, eu ainda vinha no ritmo de fazer a reunião, depois eu ir aquecendo e depois entrava aqui, né? Num sei, foi uma coisa que me veio inicialmente. (silêncio) Num sei se tem, também, a história de hoje ser o último dia, né? E talvez as pessoas não tivessem a fim de terminar, né? Eu pelo menos acho que esse é um trabalho que tem muita coisa, ainda, pra ser vista e pra ser feita. Eu num sei se sendo o fechamento hoje se, né: ah!, não vamos fechar isso! Vamos botar mais pra frente.. “ (Boto)

De repente, em meio a tudo que estava fermentando ali dentro desde o começo do trabalho, pareceu ocorrer uma ruptura, uma quebra. Mas o ponto máximo, ocorreu, mesmo, quando a Fênix, que já vinha bastante estressada, acabou funcionando como catalisador dessa ruptura:

Agora, hoje, especialmente, eu cheguei péssima. No meu primeiro momento, eu não relaxei. Eu tava em cima duma montanha, quando tu mandou passar a ponte...eu voltei de novo sabe? (risos) E aí eu fiz uma salada danada; eu subi a serra do Araripe. Eu fiquei pior do que a Iracema tomando banho aqui na praia e tirando o sal no lpu. (risos) Mas, eu realmente não relaxei, eu não tava pra isso. Eu fiquei pensando, assim, por que eu voltei pra um momento meu. Não de questões pessoais, de questões profissionais. E, quando eu acordei... Quando acordei não, que eu já tava acordada, eu disse: Esfinge, eu quero ir embora daqui! (silêncio) e eu chorei na hora.... e aí, depois que eu terminei tudinho, foi exatamente por que nós não produzimos juntos. Nós produzimos cada um no seu lugar, cada um com seu sentimento. Inclusive a única pessoa que tentou permear foi a Sereia. E depois ela pegou na minha figura e eu disse: não, é desse jeito! Podia ter sido do jeito que ela queria, a gente tava produzindo junto! Eu acho que esse momento foi muito, muito individual. Foi um sentimento muito pessoal. Eu realmente achei. A revista que eu peguei (eu só peguei uma), e a cada vez que eu pegava a figura e mostrava a Esfinge, ela dizia: não foi a toa. Por que realmente meu sentimento era, assim, de desânimo total. Não é com a equipe. É com o trabalho. De repente eu tô achando assim super improdutivo, burocrática, chata. Tô afim de ir viajar de novo.. Viajar

essas estradas do Ceará... Por que eu tô me achando perdida..., na questão dos papéis mesmo. Tem hora que eu gostaria de não reclamar e não chamar a atenção do colega por alguma coisa. Sei também das dificuldades do outro, mas isso cansa. Cansa, também, você ouvir muita coisa e ficar engolindo. Então isso cansa a gente e eu tô cansada. (Fênix)

A Fênix quebrou o encanto. Não que isso fosse ruim. Muito pelo contrário, deu espaço ao grupo para sair da tentativa de manter a atmosfera de beleza, bondade e cordialidade que vinha imperando e partir para problematizar o que realmente estava incomodando.

O que antes era a raiz do problema, ou seja, o relacionamento interpessoal, começou a ser esquadrinhado, visto por outros ângulos e, quando nos demos conta, não havia mais uma "raiz", mas sim uma malha de acontecimentos, afetos e encontros que mostrava o funcionamento daquela equipe. No momento em que a equipe escolheu o tema "relacionamento interpessoal" para ser discutido, era como se eles dissessem: "nós não conseguimos nos relacionar bem e isso é o problema da equipe." Ao buscar outras perspectivas, a equipe pôde perceber a engrenagem que compõe o funcionamento, das pessoas, da equipe, do hospital-dia, da organização hospitalar. Mas, de maneira nenhuma, um funcionamento de peças compartimentalizadas e harmônicas das quais nós estaríamos destoando cada vez que não conseguíamos nos relacionar bem com o colega de trabalho, com o usuário ou com nós mesmos. Como afirmou a Fênix,

"(...) até essa ansiedade mostra que isso funciona. Por que se todo mundo chegasse aqui: 'ah, deu certo hoje! Eu vou embora, num pensasse e: 'ah, seja o que deus quiser amanhã!' Num precisava a gente tá nem aqui. Cada um se respeitava.' oi tudo bem?' Beijinho pra cá, beijinho pra acolá. Não é muito difícil não. O difícil é exatamente você buscar melhorar. É lógico que já que a gente tá aqui é porque tem essa resposta positiva. Se não a gente não estaria acreditando. É lógico que a gente cansa por que a gente quer melhor. Aliás tem horas que eu penso que a gente quer é o perfeito. Talvez seja essa a expectativa de produzir mais ou melhor do que a gente é capaz."

A última oficina que realizamos no hospital-dia não teve um desfecho, um final propriamente dito. As pessoas continuaram conversando por mais algum tempo, além do que havíamos estipulado. A sensação era de que a vontade de falar não havia se esgotado, que o processo não havia acabado. E continuamos assim, falando, falando...

Capítulo 5

F ***ILOSOFICANDO***

“O que é de grande valor em um homem é ele ser uma ponte e não um fim; o que se pode amar no homem é ele ser uma passagem e um acabamento”

(Nietzsche)

5 FILOSOFICANDO

Iniciarei aqui a segunda parte da análise do meu trabalho, a qual, diferentemente do capítulo anterior, onde me limitei a transcrever o processo e a análise do grupo pesquisador, pretendo incluir minha análise do processo e dos dados produzidos. Gostaria, antes de tudo, de esclarecer que não se trata de uma palavra final nem muito menos de uma síntese do que foi dito pelo grupo pesquisador. Não tenho nenhuma pretensão de homogeneizar as falas ou encontrar uma resposta às dificuldades apresentadas. É apenas a minha forma de perceber a realidade, uma voz a mais entre todas as outras que compuseram o nosso grupo-pesquisador.

No capítulo anterior, pudemos perceber a forma com que cada sub-grupo ratou os dados produzidos e como construíram suas análises. O ponto de partida, para todos eles foi o quadro de lugares socio-míticos (Anexo II) e a transcrição das fitas gravadas com as discussões do grupo. Utilizo-me agora, deste mesmo material para construir minha análise dos dados. Não posso deixar de levar em consideração algumas implicações que, certamente, estarão presentes durante minha abordagem.

Em primeiro lugar, institucionalmente, não faço parte da equipe que compõe o grupo pesquisador. Isso, por um lado pode me dar uma liberdade maior para comentar certos aspectos trabalhados que seriam mais delicados para alguém com vínculos institucionais. Por outro lado, como não compartilho com o restante do grupo o seu dia-a-dia na organização hospitalar, minha visão deve ser restrita a percepção de alguém que olha de fora.

Outro ponto a ser considerado, é que, apesar de ser alguém que olha de fora, também, tenho algumas “amarras” que vão direcionar meus pontos de vista, entre elas, o fato de estar ali como pesquisadora. O meu objetivo no grupo era, explicitamente, coletar informações para em seguida escrever minha dissertação. Isso se fez evidente em vários momentos, como por exemplo, na forma de registrar os dados. A opção por gravar a maior parte das oficinas nem sempre me pareceu conveniente. Com certeza teria preferido que as pessoas se sentissem mais a

vontade para falar. Entretanto, de que outra forma poderia garantir que minha memória não me trairia na hora de passar para o papel a produção do grupo?

Nesse momento em que vou dando corpo a dissertação, algumas das minhas implicações de pesquisadora, também, se manifestam. Provavelmente, não houvesse necessidade alguma de estar escrevendo este capítulo. Acredito que só a análise do grupo pesquisador fosse suficiente para dar conta daquilo que me propus nos meus objetivos. Mas, escrevo para obter um título de mestrado e isso cobra de mim que exponha minhas idéias. Tenho certeza que fiz isso no decorrer de todo o processo, desde a escolha do tema até a metodologia utilizada, tudo reflete o meu ponto de vista. Entretanto, se é realmente necessário ser mais explícita, o farei aqui. Sempre com a ressalva de que é apenas mais uma voz em meio ao grupo-pesquisador do qual fiz parte.

Ao iniciar essa parte da análise, parei para observar o material de que dispunha para elaborá-la. Percebi que tinha duas coisas: uma grande quantidade de dados produzidos ao longo das oficinas, e um terrível sentimento de impotência diante deles. Pensei no que poderia fazer: seria melhor categorizá-los? Em caso afirmativo, eu iria categorizar apenas as falas? Mas, isso limitaria demais o que surgiu no decorrer do processo. Deparei-me com a seguinte afirmação de Gauthier *et al* (1998, p.152):

“É importante pensarmos em termos de problemas para perdemos menos dados do que perdemos na análise das representações, quando categorizamos a partir do simples conteúdo da fala das pessoas.”

Ao olhar dessa forma os dados produzidos pelo grupo pesquisador, lembrei das considerações acerca do pensamento de Foucault, tecidas por Gilles Deleuze no livro chamado Foucault.

Segundo esses autores, o que vemos a nível macro, são os estratos e que estes,

“(...) são formações históricas, positivities ou empiricidades. ‘Camadas sedimentares’, eles são feitos de coisas e de palavras, de ver e de falar, de visível e de dizível, de regiões de visibilidades e campos de legibilidade, de conteúdos e de expressões.” (Deleuze, 1998, p.57)

Entretanto, o que é falado, dito e visto em determinado momento é apenas um recorte do mesmo. E este recorte costuma ser feito de fora, imposto como uma forma industrializada de moldar o sujeito, de atribuir-lhe uma identidade. Para fugir desse pensamento sujeitado e liberar o processo de criação é preciso efetuar um corte “*rachar, abrir as palavras, as frases e as proposições para extrair delas os enunciados...*” (Deleuze, 1998, p.61)

Essa extração se faz necessária por que um discurso traz em si enunciados que não são diretamente legíveis, que não são inteligíveis ao nível macro. Isso acontece, precisamente, por que as formações discursivas estão intimamente relacionadas com formações de poder,

“De modo que, estudando cada formação histórica, será preciso indagar o que cabe a cada instituição existente sobre tal estrato, isto é, que relações de poder ela integra, que relações ela mantém com outras instituições, e como essas repartições mudam de uma estrato ao outro.” (Deleuze, 1998, p.83)

Entretanto, o poder aqui não é visto apenas como repressor e dominador, em se exerce de acordo com uma hierarquia, de cima para baixo. Ele, antes, ansia todas as relações, incitando, suscitando. O poder, por si só, não vê e nem ouve, mas, com certeza, faz ver e falar, produzindo verdade. Existe, ainda, a função do poder de produzir uma vida que resiste ao próprio poder, pois, segundo Foucault,

“...os centros difusos de poder não existem sem pontos de resistência que têm de alguma forma, o primado – e que o poder, ao tomar como objetivo a vida, revela, suscita uma vida que resiste ao poder – e, enfim, que a força do lado de fora não para de subverter, de derrubar os diagramas. (Deleuze, 1998, p.101)

Dessa relação entre o saber (ver/falar) e o poder surge o terceiro eixo do pensamento de Foucault que é a relação consigo, a invenção de formas de se relacionar consigo, de produção de subjetividade. Como diz Deleuze (1998, p.113),

“A luta por uma subjetividade moderna passa por uma resistência às duas formas atuais de sujeição, uma que consiste em nos individualizar de acordo com as exigências do poder, outra que consiste em ligar cada indivíduo a uma identidade sabida e conhecida, bem determinada de uma vez por todas. A luta pela subjetividade se apresenta então como direito a diferença e direito à variação, à metamorfose.”

Saber, poder e si são três dimensões irreduzíveis, mas, em implicação constante onde,

“O Ser-saber é determinado pelas duas formas que assumem o visível e o enunciável em determinado momento, e a luz e a linguagem não são separáveis da ‘existência singular e limitada’ que têm sobre determinado estrato. O Ser-poder é determinado nas relações de força, as quais passam, ela próprias, por singularidades variáveis conforme a época. E o si, o ser- si, é determinado pelo processo de subjetivação.” (Deleuze, 1998, p.122)

Após toda essa análise, Deleuze, assim como Gauthier, afirma a importância de problematizar. Diz inclusive que pensar é já problematizar:

“Pensar é experimentar, é problematizar. O saber, o poder, e o si são a tripla raiz de uma problematização do pensamento. E, primeiramente, considerando-se o saber como problema, pensar é ver e é falar, mas pensar se faz no entremeio, no interstício ou na disjunção do ver e do falar. É, a cada vez, inventar o entrelaçamento, lançar uma flecha de um contra o alvo do outro, fazer brilhar um clarão de luz nas palavras, fazer ouvir um grito nas coisas visíveis. (...) Demais, em função do poder como problema, pensar é emitir singularidades, é lançar dados”. (Deleuze, 1998, p.124)

Com base nessas considerações é que construí essa análise dos dados, procurando identificar os enunciados, as relações de poder e as relações de produção de subjetividade, mas, procurando, ainda, encontrar os pontos de ruptura, acreditando que é lá que surgem as singularidades.

Partiremos da proposição do tema a ser abordado feita pelo grupo-requisador, ou seja, relações interpessoais na equipe do hospital-dia. Ao fazer esta escolha, o grupo reconhece haver um problema ao nível das relações pessoais e acreditam que esse é o principal entrave da equipe, no momento. Um dos membros afirmou:

“A história da escolha do tema, eu tava aqui no dia, eu acho que eu fui uma das pessoas que reforçou a necessidade disso, por que naquele momento que a gente chegou pra escolher aquele tema, a gente estava vivendo especialmente um momento de crise na equipe que tinha mais a ver com relacionamento pessoal, do que mesmo profissional, eu acho que ia bem além.” (Boto)

Para Fênix, esta dificuldade de relacionamento é característica dos grupos institucionais:

“Eu vou colocar, primeiro, a história do tema já que a gente tá nele. É como eu escrevi ali que é a história do calcanhar de aquiles de todos os grupos institucionalizados. Por que quando o grupo é espontâneo, a gente escolhe quem vai ficar. Mas a própria família já é uma instituição; quem nasce não escolheu. Então há uma dificuldade maior na instituição dos grupos. (Fênix)

O grupo identifica que a equipe está enfrentando problemas e atribui a ocorrência destes à fatores de ordem meramente pessoal. Num dos momentos em que nos reunimos para a escolha do tema da pesquisa, quando eles relataram querer trabalhar o relacionamento da equipe, eu perguntei se queriam retomar a pesquisa sobre interdisciplinaridade que havíamos começado anteriormente. O grupo, entretanto, foi categórico em afirmar que não se tratava disso, que a interdisciplinaridade abrange aspectos profissionais e que no caso deles, a necessidade maior seria de abordar o relacionamento pessoal.

Se alguma coisa não está funcionando corretamente, nós falhamos em algum lugar. Através desse raciocínio, o grupo se reconhece culpado pelos problemas enfrentados na equipe, sem, no entanto, levar em consideração a interferência de outros fatores. Para Guatarri & Rolnik (1999) esse sentimento de culpa, experienciado constantemente em nossa sociedade, não ocorre por acaso. Pelo contrário, ele é uma função característica da subjetividade capitalística, ao passo que nos mantém em um sentimento de inferioridade e de incapacidade quando nos comparamos aos modelos de identidade que se nos apresentam:

“A raiz das tecnologias capitalísticas de culpabilização consiste em propor sempre uma imagem de referência a partir da qual colocam-se questões tais como: ‘quem é você?’, ‘você que ousa ter uma opinião, você fala em nome de que? ‘o que você vale na escala de valores reconhecidos enquanto tais na sociedade?’, ‘a que corresponde a sua fala?’, ‘que etiqueta poderia classificar você?’ E somos obrigados a assumir a singularidade de nossa própria posição com o máximo de consistência. Só que isso é freqüentemente impossível de fazermos sozinhos, pois uma posição implica sempre um agenciamento coletivo. No entanto, à menor vacilação diante dessa exigência de referência, acaba-se caindo, automaticamente, numa espécie de buraco, que faz com que a gente comece a se indagar: ‘afinal de contas, quem sou eu?’ ‘Será que sou uma merda?’ É como se nosso próprio direito a existência desabasse.” (Guatarri & Rolnik, 1999, p.41)

Assim, esse mecanismo de culpabilização, acaba atuando de duas formas. Em primeiro lugar, fazendo com que assumamos como responsabilidade, estritamente pessoal, as falhas nos processos de socialização. E, em segundo lugar, faz com que, mesmo que consigamos identificar a exploração, a dominação ou outras agressões, nos sintamos completamente incapazes de ir contra e acabemos pensando que a melhor coisa a fazer é calar.

Outra observação feita pelo grupo, é que, muitas vezes, agimos mesmo como reprodutores dessa tecnologia de culpabilização, a medida que culpamos o outro pelos problemas enfrentados. Ou seja, **a falha entre mim e o outro é quase sempre do outro**. Assim, analisou um dos subgrupos:

“O não poder perceber e lidar com o erro do outro, com as limitações, com as dificuldades do outro. A falha de comunicação. Isso aqui, chamou a atenção da gente, porque a falha sempre foi, ou reconhecida na maioria das vezes como falha do outro, né? Então, as palavras que foram usadas é... arrogância, sempre colocada no outro. Outra pessoa colocou assim, é fácil, depende da boa vontade do outro. E se já tá vendo a falha no outro, ele já tá sendo arrogante, né? (Boto)

Noutros momentos, o grupo relatou algumas experiências do cotidiano que demonstram bem as consequências dessa conduta:

“Tem duas coisas. Uma é essa de as pessoas às vezes não terem o compromisso que algumas pessoas da equipe tem. Eu vou ser bem clara. Bem rápido: a história do café que nunca ficou definido pra gente. Então, metade da equipe, não dá o café. A outra metade cede. Então, na hora que cede, o outro tá sendo desrespeitado, já que o outro negou. Então, isso não é só com o café, é com intercorrência, que os usuários ficam deitados, a gente faz de tudo pra estimular e tem outras pessoas que dizem: ‘não, deixa ele deitado. Ele não quer ficar deitado?’. Então, sabe, essas coisa vai lhe cansando por que você vai se esforçando pra você fazer bem feito. Você passa o tempo inteiro produzindo, tratando bem, aí tem outras coisas que vão, sabe? Vai minando.” (Esfinge)

“Eu já passei o que a Fênix tá sentindo que é muito ruim você transferir pro outro. É desgastante, você vai lá, quer colocar as coisas em ordem e tem coisas que você vê que o outro não tá nem aí. Então, isso desgasta, que eu já passei por isso. Eu trabalho dentro de uma oficina com gente, que a gente sabe que trabalhar com gente é difícil, por mais sadio, por mais doente que ele seja, é difícil.” (Silvia)

Um dos integrantes, inclusive, reconhece que essa necessidade de procurar um indivíduo que possa ser culpado para os problemas experienciados pela equipe, acaba sendo nocivo para a própria relação com os colegas da equipe de trabalho:

“E aí, o que acontece? Eu fico cobrando das pessoas. Poxa, eu ganho pouco, e por que é então que as pessoas que ganham pouco, também, não tem compromisso como eu tenho? Hoje eu tava dizendo pra Tefnut: toda Terça-feira do mês tem que avisar o povo que é reunião de equipe. Por que na Quarta-feira tem reunião de família, e o povo num se lembra. Isso é um saco! Aí junta o outro que dá o café, que você acha que num deve dar; aí tem outro, aí vai juntando. Vai juntando e acaba nesse tédio mesmo que tá sequinho. E eu não queria que ninguém viesse, por que se alguém vier pra

*perto de mim, com certeza eu vou pisando e vou emaranhar.
(Esfinge)*

A própria binarização entre fatores pessoais e fatores profissionais, acaba se mostrando pouco apropriada na abordagem dos problemas do hospital-dia. De acordo com Deleuze & Guatarri (1996, p. 84) somos segmentarizados de três formas distintas: binariamente a todo momento a partir de grandes oposições duais como homem/mulher; adulto/criança entre outras. Somos também segmentarizados circularmente, em círculos que vão se alargando: “...*minhas ocupações, as ocupações do meu bairro, de minha cidade, de meu país, do mundo...*” E por fim, somos também segmentarizados linearmente, em linha reta: saímos da família para a escola, da escola para a profissão, sucessivamente. Esses segmentos vão nos individualizando, nos moldando. Os autores afirmam que essa segmentaridade se apresenta sob a forma dura e sob a forma flexível e ambas atravessam tanto os indivíduos como os grupos e sociedades. A diferença é que enquanto a segmentaridade dura vale por si mesma (binária), gira em torno de um centro (circular) e é sobrecodificada traçando segmentos determinados em sua substância, sua forma e suas correlações; a segmentaridade flexível por outro lado, procede por códigos e territorialidades, impedindo a ressonância do poder.

“Toda sociedade, mas também todo indivíduo, são pois atravessados pelas duas segmentaridades ao mesmo tempo: uma molar e outra molecular. Se elas se distinguem é porque não têm os mesmos termos, nem as mesmas correlações, nem a mesma natureza, nem o mesmo tipo de multiplicidade. Mas se são inseparáveis, é por que coexistem, passam uma para a outra, segundo diferentes figuras como nos primitivos ou em nós – mas sempre uma pressupondo a outra. Em suma, tudo é político, mas toda política é ao mesmo tempo macropolítica e micropolítica” (Deleuze & Guatarri, 1996, p.90)

É certo que em alguns momentos, fatores que ao nível macro podem parecer de ordem pessoal apareciam como problemáticos para a equipe. Inclusive, em vários momentos da realização das oficinas, características ou vivências pessoais vieram à tona e muitas vezes perdiam-se nos limites entre o aspecto pessoal e o profissional. Um exemplo disso, foi quando durante a discussão sobre o formulário dos lugares sociomíticos, dois integrantes do grupo começam a discutir sobre como uma característica pessoal de um deles interferia no seu trabalho:

“Ele tá sempre chamando a equipe pra gente seguir um caminho só, entendeu? Tem o cuidado de não estar passando dupla mensagem, dentro das normas, é o trilho. Agora, assim, tinha uma outra coisa,

que as vezes eu gostaria que tu saísse desse trilho, pra tu ter outras experiências, outras vivências.” (Esfinge)

“isso aí eu coloquei mesmo no trilho. Eu não me arrisco. Nunca saio desse trilho.” (Minotauro)

Ou ainda, quando numa das oficinas, ocorre uma discussão sobre o que seria o túnel das relações secretas dentro do hospital-dia. O grupo passa a analisar a relação de amizade entre duas integrantes da equipe:

“A minha relação secreta com a Fênix, ela ultrapassa a relação interpessoal na equipe. Talvez eu nem devesse ter colocado isso aí mas isso tinha a ver com a equipe e não com a minha relação de amizade com ela. (...) Que tem relações secretas.. acho que tem. Não tem porque negar. Cada pessoa no grupo se identifica com algumas pessoas, isso não quer dizer que não exista união. “ (Esfinge)

“Agora, isso necessariamente é “relações secretas” ou é identificação mesmo ? (Boto)

“Eu acho que ela é secreta em termos de afetividade, uma ligação de confiança, não em termos nem de trabalho, mas em termos de confiança própria. O que eu noto entre pelo menos vocês duas, Né, vamos colocar isso nesse sentido. Tão muito ligadas, muito juntas. E isso existe mesmo, não adianta negar porque existe mesmo. (Silvia)

“Quando coloca a coisa de relações secretas, me passa uma história de, é “por debaixo dos panos”, e quando é um negócio “por debaixo dos panos” não tem jeito de não atrapalhar o funcionamento da equipe. De não ser uma coisa de tá minando o alicerce. E eu não vejo que seja desse jeito, por isso que eu não considero relações secretas. Senão a gente não tava conversando tão abertamente disso daqui. Então eu acho que é diferente. É cumplicidade, é amizade, é companheirismo... eu acho que é diferente de relações secretas.” (Boto)

Noutro momento, um dos pesquisadores afirma que não consegue se concentrar nos aspectos profissionais da equipe durante a sessão de relaxamento que realizamos, pois encontra-se atravessando uma situação muito estressante de âmbito pessoal:

“É que eu tô com um problema na minha vida que é uma operação.. que é muito simples, mas eu não tenho coragem de fazer. (...) Eu nunca falei nada pra ninguém por que afinal de contas eu acho que isso aí é uma coisa minha mesmo, o meu caminho é outro sabe? É... o meu caminho é só mesmo, sei lá... coragem... procurar uma religião, uma coisa que me dê forças pra que eu tenha coragem. Por que eu sou muito fraco pra me operar. Mas o hospital-dia pra mim tá ótimo tá entendendo? Meu obstáculo pra mim é resolver meu problema. Para que eu posso servir mais ainda a equipe e os nossos usuários. (Pégaso)

Pode parecer que há aí uma contradição, que essas pessoas experimentam um conflito por que misturam problemas que são de ordem inteiramente diferente. Para Deleuze & Guatarri (1996, p.94),

“Diz-se erroneamente (sobretudo no marxismo) que uma sociedade se define por suas contradições. Mas isso só é verdade em grande escala. Do ponto de vista da micropolítica, uma sociedade se define por suas linhas de fuga, que são moleculares. Sempre vaza ou foge alguma coisa, que escapa às organizações binárias, ao aparelho de ressonância, à máquina de sobrecodificação (...).”

Foi exatamente o que ocorreu com o grupo. Num determinado momento, alguma coisa vazou. O grupo foi observando o que estava acontecendo e o que encontramos no final é algo que vai muito além dessa polarização pessoal/profissional. Ocorre uma ruptura. Como diz Deleuze (1998, p.31) *“há sempre um momento, ou locais, em que as séries começam a divergir e se distribuem em um novo espaço: é por onde passa o corte.”* A partir daí, *“...as coisas não são mais percebidas, as proposições não são mais enunciadas da mesma maneira”* (op cit., p.92)

Não demorou muito para que conflitos vivenciados no processo de institucionalização da equipe viessem a aparecer. Logo na primeira oficina, após a dinâmica de relaxamento, durante uma discussão sobre como o grupo visualizava o relacionamento pessoal na equipe, a Roca diz:

“Eu acho, assim, pra mim, fugiu um pouco a questão. Não foi só a temática de relacionamento interpessoal da equipe. Teve, também, a questão do meu estágio no hospital-dia, a questão da residência médica. Eu não consegui fazer uma separação muito clara, mas sobretudo a questão do estágio no hospital-dia. Eu acho que passa muito por coisas, obviamente, da relação interpessoal, mas acho que o que acabou surgindo foi, assim, uma..., uma mistura dessas duas coisas.” (Roca)

Ela afirma achar que fugiu a questão, mas talvez não saiba é que encontrou a linha de fuga que passa exatamente pelo meio da questão. Enfim, o que era uniaxial e unidirecional, começa a se multiplicar em várias direções. Um dos primeiros pontos que eclode é o que diz respeito ao preparo profissional. Alguns não se sentem suficientemente preparados para desenvolver suas funções no hospital-dia e chegam até a se culpar por isso. Se sentem frustrados, castrados nas suas potencialidades. Vários membros dizem que a falta de conhecimento é o **labirinto onde a equipe pode se perder:**

“Aí, a maioria das pessoas colocou: a falta de conhecimento. Seria esse labirinto aí né? Seria o “não-saber”. O desconhecer. (Boto)

“Eu coloquei aqui uma coisa é, que fala do labirinto onde a gente pode se perder. Onde a gente tá sempre seguindo só o bom senso e não sabe agir, não sabe como lidar com o usuário ou com os outros e então vamos agindo pelo bom senso, com empirismo né?” (Esfinge)

“(...) E a outra é o meu próprio desconhecimento de lidar com a questão de saúde mental. Realmente eu tenho essa dificuldade, e desde que eu cheguei no hospital-dia que eu digo dessa minha dificuldade, de relação mesmo com o povo. Uma coisa mais simples do mundo mas que fosse menos empírica, menos estressante. Por que você faz as coisas, e uma das coisas muito ruins que eu tenho, ou muito boa, eu não sei, é que eu tomo uma atitude aqui, e quando eu tenho dúvida, eu passo um tempão pensando se eu fiz certo ou se fiz errado. Isso é muito cansativo, sabe? Eu sei que ninguém é dono da verdade nem do saber, mas essa coisa tem me cansado ultimamente. Será que eu agi legal? Será que é minha culpa? Esse “será” é muito ruim, por que o “será” deve existir, mas quase sempre? Eu tô cansada” (Fênix)

“O meu eu fiz uma estrada. por que é muito pessoal com relação ao trabalho no hospital-dia né? Eu fiz uma estrada e nessa estrada as vezes eu me sinto muito insegura, duvidosa e acho que meio perdida, sem saber como fazer. Até que eu barrei ali, e tem que ter uma ponte para melhor saída. Mas as vezes eu fico muito temerosa do que eu devo e do que eu não devo.” (Quimera)

A falta de conhecimento remete, ainda, a um outro problema apresentado pelo grupo. Quase todos os profissionais do hospital-dia foram remanejados do setor de internação do hospital, sendo que alguns, trabalharam por muitos anos nesse tipo de serviço:

“E a gente não pode fugir é que, esse hospital-dia , é um hospital-dia que herdou, praticamente todo mundo ou leigo ou que trabalhava noutro tipo de serviço, onde tudo é muito mais complicado. Então assim, essa é uma experiência de fazer o hospital-dia com toda essa herança.” (Boto)

A forma de organização da equipe é diferente, a proposta de gestão é diferente, o relacionamento com os pacientes é diferente. Logo, não é estranho, que estes profissionais ao se depararem com um serviço do tipo hospital-dia e com as propostas da reforma psiquiátrica, enfrentem conflitos. A equipe reconhece que isso é uma dificuldade para encontrar o **limite onde ficar**:

“O limite onde ficar. Aí, o que foi que a gente colocou: há uma grande dúvida da equipe uns não reconhecendo os limites, outros queixando-se dos bloqueios causados pelos limites. Então, assim, acho que o que fica aqui é uma história de busca de limite, acho que muito mais busca de norte do que de limite.” (Boto)

Entretanto, não se trata, apenas, de uma simples transição entre os dois tipos de serviço. Isso é o que observamos no nível molar, mas, no nível molecular a transformação não é menos importante. Deleuze (1992) fala da ocorrência de uma transição entre as “sociedades disciplinares” e as “sociedades de controle”. As primeiras, foram amplamente estudadas por Michel Foucault e caracterizam-se, principalmente, por procederem sua organização através de grandes meios de confinamento disciplinares. O objetivo desses meios de confinamento é, basicamente, *“concentrar; distribuir no espaço; ordenar no tempo; compor no espaço-tempo uma forma produtiva cujo efeito deve ser superior à soma das forças elementares.”* (Deleuze, 1992, p. 219) O hospital de internamento psiquiátrico é um exemplo destes meios juntamente com a prisão, a fábrica, a escola e a família.

Ainda de acordo com Deleuze (1992, p.225), após a Segunda Guerra Mundial, começa a ocorrer uma crise generalizada de todas estas organizações e a *“implantação progressiva e dispersa de um novo regime de dominação”* (op cit, 1992, p 225), ou seja, as sociedades de controle. Estas, ao contrário dos meios de confinamento, não agem mais por moldes, mas, sim, por modulações, *“como uma moldagem auto-deformante que mudasse continuamente, a cada instante, ou como uma peneira cujas as malhas mudassem de um ponto a outro.”* Exemplos dessa forma de organização das sociedades são a setorização, os hospitais-dia, e o atendimento a domicílio. (op cit, 1992, p.221)

A equipe do hospital-dia está vivenciando essas transformações, chegando por vezes a experimentar as duas formas de organização no mesmo espaço de tempo. Por um lado, a relação com o complexo hospitalar, que ainda se dá nos moldes das sociedades disciplinares; por outro, a relação entre os membros da equipe e com os usuários, que se caracteriza mais como sociedade de controle. Essa transição, freqüentemente, deixa as pessoas confusas, pois já não sabem mais em que formação podem se encaixar:

“A outra coisa é o seguinte. É a história da presença do poder, do chefe. Essa semana que o coordenador saiu foi extremamente desgastante pra equipe por conta de que algumas pessoas só conseguem funcionar se tiver um chefe. Fora dele, ela foge, ela tem subterfúgios e ela pensa que engana, e não engana. É a história da ausência mesmo. Faltou autoridade máxima na cabeça daquela pessoa... por isso que naquela hora eu fiz aquela brincadeira assim. Eu mesmo disse assim: acaba a democracia, tem horas que ninguém

sabe lidar com isso, e aliás eu acho que a maior parte do tempo né? Por que quando tem uma pessoa que você acha que é condescendente, aí tem pessoas que abusam disso, na ausência dessa pessoa aí tripudiam sabe? (Fênix)

E com relação ao túnel, eu acho que o túnel é muito mais clandestino com relação a lá, do lado de lá da instituição do que do hospital-dia. (Roca)

“A gente não pode ir além dos limites, eles impõe um limite, se você ultrapassar esse limite, pode acontecer alguma coisa contigo. Aí, o que é pior: não se diz claramente as coisas. Quando se diz claramente, colocam-se dúvidas no final. Então a gente vai experimentando, até... (Esfinge)

“Até que alguém chegue e diga: você não pode, volte! Bom, a gente falou muito do túnel, e a gruta? (Fênix)

A forma de organização dos profissionais, também, muda. Trabalhar democraticamente e em equipe, não costuma ser uma prática nos serviços psiquiátricos tradicionais. Além do mais, como diz a Fênix,

“Todo mundo leva sua carga, sua bagagem de experiências, de conhecimento, de coisas de vaidade, e de solidariedade. E por isso, todos os grupos institucionais, tem dificuldades de relações entre pessoas, né?”

Surge uma dificuldade em estabelecer papéis, designar competências. São territorialidades que, ao entrar em contato umas com as outras, provocam desterritorializações e remetem para a formação de outras territorialidades. Afinal, o que cada um pode ou não fazer?

“Se eu não tiver capacitada pra resolver a situação dele, eu não resolvo. Mas se eu tiver eu resolvo. Existem ocasiões, que eu não consigo resolver, então eu passo pra pessoa que tenha mais capacidade do que eu. Eu sei reconhecer minha capacidade. Eu num tenho dúvida nenhuma, se eu mandar um paciente ir embora, eu não tenho nenhum medo do dr. Boto chegar ali na porta e mandar ele voltar por que foi eu que mandei não. Eu tenho medo, algumas vezes do motivo dele não ser suficientemente razoável pra ele poder ir. Quando eu tenho essa dúvida, eu encaminho pra outra pessoa que tenha mais poder do que eu. Se bem que todas as pessoas tem poder igual, mas tem pessoas que conseguem ir além de minha capacidade de entender. Então é essa a minha dúvida só. Se for uma coisa que eu possa resolver eu não tenho medo de que nenhum da equipe” (Sereia)

“Ele vai ter que esperar a pessoa do nível superior, ou o coordenador, ou a Esfinge, qualquer um. Por que eu mesmo não vou tá aqui na reunião sendo chamado a atenção por uma autoridade que eu acho que eu não tenho.” (Pégaso)

“Eu acho que você tem autoridade pra decidir como qualquer um. Agora, por ex, a ***** (usuária), a gente sabe que a ***** inventa mil

e uma história, e se ela disse: vou embora por que minha mãe disse que eu tinha que ir embora, vá investigar.” (Esfinge)

“Bom , eu acho que gente é a coisa mais difícil da gente lutar, como por exemplo, com mais de uma pessoa. É difícilimo, então, eu acho que a gente deve ter uma afinidade assim, um entendimento é... a equipe toda tentar se entender, e o que um achar ser debatido, ser discutido, e chegar a uma conclusão.. sem ter aquele medo, sem ter aquele segredo, e se tiver um segredo a gente tem que encarar né? Encarar conversar, discutir. Mesmo que a verdade doa na gente, a gente tem que se conscientizar que tem que ser a verdade. E as vezes eu erro, ou um colega meu, as vezes a gente pode admitir que errou. Mas a gente tem que se reunir e dizer é assim. É tipo o trabalho mesmo, tem que ser trabalhado e enfrentar, e a gente cai na real. Como as dificuldades que a gente tinha aí atras e a gente achava um bicho de sete cabeças e a gente foi enfrentando, através de que ? Das reuniões né? Dos esclarecimentos, e teve horas que doeu, teve horas que foi difícil, teve horas que teve aquele confronto todo, mas a gente chegou a uma conclusão que tá todo mundo se sentindo melhor, se sentindo bem. Se sentindo mais amigo, mais companheiro, confiando mais no outro. (Yara)

“Eu acho que se voltou muito pra questão profissional, pro trabalho que a gente desenvolve. Da questão interdisciplinar né? Eu não vejo tanto problema na questão das relações interpessoais, o que eu acho é quando a gente entra na questão profissional, sabe? Eu acho assim, a relação profissional acaba se refletindo, é uma consequência da relação pessoal na relação intra profissional. Eu acho que é mais ou menos nesse sentido. Em termos de disparidade...como é que a gente vai lidar com determinado problema profissional da saúde doença mental, então o que eu acho é que fica: eu não vou poder ir mais senão vou invadir o terreno de alguém. Ele vai se sentir magoado por isso. (Roca)

Outros fatores também contribuem para essa instabilidade de papéis expressada pelos pesquisadores. Uma delas é a própria formação acadêmica dos profissionais da área da saúde que não nos prepara para compartilhar saberes e caracteriza-se por ser, basicamente, organicista e compartimentalizada. Certamente, o incentivo á competitividade e o corporativismo, estimulado pelo modo de produção capitalista, também induz a uma fragmentação da equipe (Nunes, 1995). Tudo isso acaba por gerar um conflito nos profissionais os quais têm que atuar de uma forma diferente daquela para a qual foram preparados:

“Eu vou falar. Por que tudo isso aqui? o que tá acontecendo, na realidade? É a questão que tem momentos em que a gente até trabalha juntos, mas tem momentos que não, que é todo mundo isolado mesmo, né? Então por isso que eu fiz esse desenho aqui. Lá, o hospital mental (internamento) lá de onde eu vim pra cá, né? Aí, isso aqui é o hospital - dia, é a base saudável. Será que nós somos essa base saudável? Tem momentos que eu acho que não. (...) Quando chega um usuário pra mim e diz assim: eu posso sair mais

cedo? Eu fico sem saber o que dizer. Por que na realidade eu ainda não tô bem engajada. Então se tivesse, como a Quimera falou, todo mundo falando a mesma linguagem, era melhor. Todo mundo pensando.. claro que isso não existe né? Todo mundo pensar igual é a coisa mais difícil do mundo. (Tefnut)

O novo, o desconhecido costuma gerar medo. É como **o poço onde nosso pensamento pode cair**. Todas as nossas certezas ficam fora de lugar quando entramos um território novo, com o qual não estamos acostumados. É o caos. É ele que assusta o Unicórnio, quando afirma:

“primeira coisa, eu desenhei a terra. A terra tem que ser bem tratada. Se a terra não for bem tratada que será de nós? E o poço, poço profundo, se você tá se encontrando no escuro, você vai ter que sair né? E aí, eu queria dizer também que quando alguém entra em atrito, eu tenho medo que desequilibre aqui. (Unicórnio)

E um dos subgrupos escreveu:

“A intervenção, qualquer que seja sua natureza, e a inovação em uma equipe, podem desestruturá-la, trazendo desta forma, insatisfação por parte de alguns componentes.”

Além de tudo isso, a equipe de saúde mental ainda tem outra particularidade que contribui para afetar a estabilidade dos profissionais que é o contato com a loucura. O fato de estar trabalhando num serviço do tipo hospital-dia, cobra uma nova atitude do profissional, pois este não se encontra mais isolado do paciente pelas barreiras físicas e psicológicas impostas no manicômio. Como diz Lima (1996, p.166):

“Trabalhar nessas instituições é se propor um embate cotidiano com a loucura. Tirados os muros concretos, a violência, a objetivação dos internos, nos encontrávamos diante de sujeitos com sofrimento psíquico intenso e, muitas vezes, sem ferramentas para lidar com a situação.”

Essa tensão constante de ter que estar se deparando com coisas novas, para as quais não foram preparados, leva, algumas vezes, a situações extremas, onde o nível de desgaste e ansiedade se tornam insustentáveis:

*“Todo dia a gente tem que chegar aqui sorridente: bom dia! Pode tá boa, pode tá ruim, pode tá triste... o tempo inteiro a ouvir o seu ***** (usuário) me chamar de santa.. eu não agüento, eu não agüento mais...e eu tenho que ficar, linda e loira sorrindo pro seu *****. Cheguei hoje e disse: seu *****; por favor, não me chame de santa que eu não gosto! Sabe? então você ter o tempo inteiro que tá sempre bem, pros usuários. É isso que a Quimera tá colocando, que a gente tem que tá sempre se policiando, pra poder não explodir.” (Esfinge)*

“Eu fiquei pensando assim, por que eu voltei prum momento meu. Não de questões pessoais, de questões profissionais. E, quando eu acordei.. quando acordei não, que eu já tava acordada.. eu acho que a Fernanda ouviu quando eu disse: Esfinge, eu quero ir embora daqui! (silêncio) e eu chorei na hora.... e aí, depois que eu terminei tudinho, foi exatamente pro que nós não produzimos juntos.. nós produzimos cada um no seu lugar, cada um com seu sentimento. Inclusive a única pessoa que tentou permear foi a Sereia. E depois ela pegou na minha figura e eu disse : não, é desse jeito! Podia Ter sido do jeito que ela queria, a gente tava produzindo junto! Eu acho que esse momento foi muito, muito individual. Foi um sentimento muito pessoal, eu realmente achei.. a revista que eu peguei, eu só peguei uma e a cada vez que eu pegava a figura e mostrava a Esfinge, ela dizia: não foi a toa. Por que realmente meu sentimento era assim de desânimo total. Não é com a equipe, é com o trabalho. De repente eu tô achando assim super improdutivo, burocrática, chata. Tô afim de ir viajar de novo.. viajar essas estradas do Ceará... porque eu tô me achando perdida.. na questão dos papéis mesmo. Tem hora que eu gostaria de não reclamar e não chamar a atenção do colega por alguma coisa, sei também das dificuldades do outro..mas isso cansa. Cansa também você ouvir muita coisa e ficar engolindo. Então isso cansa a gente e eu tô cansada.” (Fênix)

“Eu botei aquele “tédio” ali que é o que tá acontecendo comigo. Pra onde eu vou eu tô com tédio mesmo, não tô com saco de fazer, certo? Mas vem de uma longa história. Primeiro: depois que começou essas histórias aí da produtividade e que a gente não pode mais fazer nada. Então, todo dia eu vou embora daqui quatro e meia, cinco horas da tarde. Eu só chego em casa dá tempo resolver minhas coisas e dormir. Quando eu me vejo, eu já tô aqui de manhã cedo de novo. Sabe a coisa desgastante mesmo, quando você se vê você tá dentro do hospital. Você não pode sair. Se tiver de sair você tem que sair no seu horário de almoço e é agoniado pra poder tá aqui. Ou então escondido dentro dos carros do hospital pra não baterem seu ponto. Sabe? (Esfinge)

Mas, o próprio grupo reconhece que desses momentos limites, podem, também, surgir a criação, a inovação, a busca de novos **caminhos por onde seguir:**

“E até essa ansiedade mostra que isso funciona. Por que se todo mundo chegasse aqui: ah, deu certo hoje. Eu vou embora, num pensasse e ah, seja o que deus quiser amanhã, num precisava a gente tá nem aqui. Cada um se respeitava, oi tudo bem, beijinho pra cá, beijinho pra colá, não é muito difícil não. O difícil é exatamente você buscar melhorar. É lógico que já que a gente tá aqui é porque tem essa resposta positiva. Se não a gente não estaria acreditando. É lógico que a gente cansa por que a gente quer melhor. Aliás tem horas que eu penso que a gente quer é o perfeito. Talvez seja essa a expectativa de produzir mais ou melhor do que a gente é capaz. Mas eu acho que a equipe melhorou. Embora, é lógico, melhorou pelo menos no verniz. (Fênix)

“Mas há reconhecimento de é... de um caminho para saída. Tem outra palavra aqui que eu não sei o que é. Bom senso, descobertas, coragem.. Então, se há esse desconhecimento, há uma coragem pra buscar esse conhecimento. Há um crédito no bom senso e há a possibilidade de descobrir coisas maravilhosas. Foi o que a pessoa colocou aqui.” (Boto)

“Caos

Tempo necessário para reflexão

Para introspeção e questionamentos

Para inseguranças e descobertas

Para crescimento e maturação

Para estabilidade e equilíbrio

Deste novo SER que renasce!” (subgrupo 02)

“Isso é assim, o momento em que algo é criado mesmo, eu acho que a gente tá criando constantemente. ..e eu acho que antes de ser gerado, existe esse desejo de se gerar e que nessa geração vai haver conflitos, mas vai haver também coisas prazerosas e aí vem o nascimento com um novo mundo a descobrir. Se utilizar daquilo que foi criado. E aí vem a maturação, vem o desenvolvimento, vem a estagnação, pro que aí você vê que já fez tanta coisa e aí diz..ah não já tô cansado mas aí vem o caos, que acho que tá em todas essas etapas.. o desequilíbrio ele tem que tá presente para que novas coisas sejam realizadas, sejam surgidas. Então foi assim superprazeroso fazer. O que eu senti falta foi que a gente ficou muito em metáforas e tá dizendo aqui. A terra ela tem substâncias, tem vitaminas, pois quais são elas? Pra mim ficou faltando isso, de colocar uma coisa concreta.. objetiva. O Pégaso aí ele tem muita coisa a acrescentar”. (Esfinge)

Superadas a culpa, a sensação de impotência que essas dificuldades provocam, começam a surgir novas descobertas, podemos criar novas territorialidades. Potências criadoras adormecidas são trazidas à tona como **fluxos que nos atravessam**:

“E assim né.. a gente sempre trabalhou junto, nós três. Eu acho que foi uma descoberta. Isso aqui foi escrito por nós três. Teve palavras de todos. Em nenhum momento, a não ser na história desse trabalho aqui, que eu fiz em casa né? Por que a gente pensava que tinha que ser entregue no outro dia, pronto. Mas a gente descobriu muitas coisas um do outro. O Pégaso trouxe todo o conhecimento dele da questão da biologia, a gente foi atrás dos livros, a gente pegou dicionário. Então teve realmente um envolvimento se a Semiramis tivesse aqui também teria esse envolvimento. Né eu acho que a gente não sentiu nenhuma dificuldade em tá realizando esse trabalho não. E assim, a gente comparou com uma árvore. Desde quando ela nasce até quando ela dá frutos. A gente comparou a equipe assim. O

que ficou muito claro pra mim foi a questão dos contrários. Sempre pontos positivos e pontos negativos. Tinha um que dizia uma coisa mas tinha outro que dizia outra coisa. E muitas vezes a gente emperra, a gente não consegue atingir nosso objetivo exatamente por ter pensamentos diferentes, e tá .. as outras pessoas..por exemplo, a questão do almoço que ficou diferente do que uma equipe queria..até hoje...tá engasgado, por que quem conseguiu foi a equipe que sugeriu que seja todo mundo igual. E a gente tem que enfrentar e a gente baixa a cabeça por que foi o outro que decidiu. A maioria que conseguiu, apesar de não ter sido o meu desejo. (Esfinge)

Noutro momentos, uma das pesquisadora afirmou ser extremamente objetiva e que tem muita dificuldade em se expor, em demonstrar sua subjetividade. Para surpresa de todo o grupo e dela mesma, logo após essa declaração, ela se expressa de forma bastante poética sobre as relações dentro da equipe:

*"O interessante é que
A terra onde nascem as raízes,
Podia ser o mar também
Em que profundidade está?
Ou, se ela existe,
O que vai acontecer?
E ele vai num crescendo entre eu e o outro,
E o arco-íris
Ele é a soma de tudo
Porque ele é a soma de cores, com harmonia."*

(Fênix)

Descobrir-se forte e capaz é importante para despertar a vontade de crescer. Sentir-se valorizado e merecedor de respeito, faz com que sintamos mais segurança na hora de reivindicar nossos direitos:

"E assim, a questão do salário mesmo. Aí, em busca de um caminho ali... Eu quero ganhar muito dinheiro. Eu quero ganhar o quanto vale meu trabalho, e eu não tô tendo esse retorno. Então, eu tenho um monte de coisas pra pagar, um monte de coisa pra resolver e não posso. Por que o que eu ganho... Eu acho que eu me dou, assim. E aí, o que acontece? Eu fico cobrando das pessoas. Poxa, eu ganho pouco, e por que é, então, que as pessoas que ganham pouco, também, não tem compromisso como eu tenho? (Esfinge)

"E outra coisa que eu sinto, que eu acho grave, assim, é que, existe uma equipe mínima pra trabalhar um hospital-dia com trinta pacientes, e a gente não tem essa equipe. Então assim, eu sinto falta o tempo todo aqui de momentos pra estudar, de momentos pra parar e pensar, de momentos pra discutir, dessas coisas que a gente

pouco tem. Ontem, da hora que eu cheguei a hora que eu fui embora, era escrevendo, escrevendo, burocracia, burocracia. aí enquanto eu tava fazendo triagem, vinha uma pessoa encaminhada não sei da onde pra ser incluída na ambulatório aqui, que não tá mais incluindo ninguém. Ai daqui que eu explique pra pessoa que não tem... Então, assim, você perde um tempo incrível, com burocracia, equipe com superlotação, e que a cabeça não funciona muito legal. Ai fica todo mundo meio que empurrando assim: não, deixa pra lá. E as coisas vão passando sabe? (Boto)

"Também. o que desgasta muito é essa relação do hospital com o hospital-dia por que, muitas vezes, é assim, pra uns é concedido e pra outros não é concedido. Sabe? Então sempre tem o bode expiatório do hospital. E quando você está como bode expiatório, tudo cai em cima de você. E quando você está o menino dos olhos, nada cai em cima de você. Entendeu? E isso aconteceu semana passada e tirou todas as energias da Fênix. Por isso que aconteceu, por que foi concedido pra um e não foi pra outro. (Esfinge)

"Eu não sei trabalhar com dois pesos e duas medidas. Eu acabo de ouvir um não aqui pra uma pessoa e acabo de ouvir um sim pra outra." (Fênix)

Insegurança, falta de preparo técnico, o embate diário com a loucura, a esvalorização profissional, os baixos salários, a burocratização das organizações ospitales; todos esses problemas a equipe do hospital-dia conseguiu identificar como geradores de sofrimentos. Na luta contra todos eles, apesar de não haver uma fórmula universal, pelo menos uma ferramenta foi percebida pelo grupo como bastante eficaz: ter um espaço para poder falar, discutir os problemas é visto pelo grupo como a principal **ponte que nos permite sair das dificuldades:**

"Sabe, por que a gente vem se desgastando tanto com um monte de coisas...então eu acho que a gente tá conseguindo melhorar o relacionamento da equipe, por que a gente tá tendo esse espaço de abertura, que a gente tá podendo chegar e dizer. (Esfinge)

"Bom , eu acho que gente é a coisa mais difícil da gente lutar, como por exemplo, com mais de uma pessoa. É difícilimo, então eu acho que a gente deve ter uma afinidade assim, um entendimento é... a equipe toda tentar se entender, e o que um achar ser debatido, ser discutido, e chegar a uma conclusão.. sem ter aquele medo, sem ter aquele segredo, e se tiver um segredo a gente tem que encarar né? Encarar conversar, discutir. Mesmo que a verdade doa na gente, a gente tem que se conscientizar que tem que ser a verdade. E as vezes eu erro, ou um colega meu, as vezes a gente pode admitir que errou. Mas a gente tem que se reunir e dizer é assim. É tipo o trabalho mesmo, tem que ser trabalhado e enfrentar, e a gente cai na real. Como as dificuldades que a gente tinha aí atras e a gente achava um bicho de sete cabeças e a gente foi enfrentando, através de que ? Das reuniões né? Dos esclarecimentos, e teve horas que doeu, teve horas que foi difícil, teve horas que teve aquele confronto todo, mas a gente chegou a uma conclusão que tá todo mundo se

sentindo melhor, se sentindo bem. Se sentindo mais amigo, mais companheiro, confiando mais no outro. (Yara)

Como diz Marazina (1989, p.73), poder discutir representa a possibilidade de *‘utilizar esse sofrimento como analisador da situação em que o trabalhador de saúde mental se insere, de um social mais abrangente. Para isso, é necessário que esse sofrimento possa ser coletivizado, falado.’*

A equipe sabe que precisa deste espaço e ressalta a importância de haver uma supervisão. A experiência de outros profissionais também confirma isso, como por exemplo, na experiência do hospital-dia “A casa”, Lancetti *et al*, (1989, p. 40) afirma:

“Por isso é necessária a supervisão, para que o saber possa circular e as pessoas disponham de um lugar onde possam referir a angústia e o erotismo que os pacientes colocam em circulação e que atravessa os técnicos intensamente, as dificuldades interequipe; dificilmente isso vai poder ser feito sem alguém de fora”

Mascarenhas (1989, p. 62) também fala da importância da supervisão e que esta teve um papel de destaque na sua formação profissional. Segundo o autor, a supervisão,

“É um lugar de expressão de dúvidas, angústias, dificuldades técnicas, pessoais ou de conhecimentos mais ou menos sistematizados, onde se encontram interlocutores, onde se compartilham e se elaboram essas questões. Podemos chamar de terapia do papel profissional. Lugar privilegiado de articulação entre teoria e prática.”

Abrindo espaços de discussão o grupo descobre, também, que exerce um trabalho importante, que apesar de todas as dificuldades, consegue produzir uma **terra onde crescem as raízes** desse trabalho:

“Uma pessoa só ela atrapalha, mas ela não consegue destruir o que construído pelo grupo. Ela contamina, mas depende de como o grupo se conduz... por que pode haver uma neutralização dessa pessoa. Isso também não é tão difícil não. Dessa ou dessas... e eu tenho que colocar uma coisa muito bem colocada que é a questão da estagnação e do caos, e tem uma coisa muito importante: todo grupo tem que ser competitivo. Se ele não for competitivo, se ele não for competitivo, se ele não brigar pelos seus papéis, ele não existe gente! É um bando de gente fazendo coisa nenhuma, é uma procissão.” (Fênix)

E que essa terra, para ser fértil, precisa estar sempre sendo cuidada, alimentada, enriquecida:

“E a outra coisa, que eu coloquei esses pratos de comida aí, não é que eu tivesse com fome não (risos), mas é que eu acho que a gente tem que tá sempre se alimentando de alguma coisa, e principalmente de coisas boas né? Naquele negócio ali, no morango, ali lá em cima, tem assim: um gole de champanhe primeiro. Eu acho que é também pra gente se sentir mais motivado. (risos) é isso. (Boto)

“Apesar de que, a gente ouve dos usuários, ouve dos familiares, que tá um céu, que a gente trata muito bem. A gente tá tendo todo esse questionamento mas eles, os usuários e os familiares, eles tem outra visão do que tá acontecendo.” (Esfinge)

“É o mínimo mas a gente também não pode perder a noção da importância dessa possibilidade de se trabalhar diferente. Ontem eu fiz a triagem com um paciente, esqueci o nome dele agora. Ele tem uns doze ou treze anos de doença. Ele me falou que passava mais tempo no hospital do que em casa. E há quatro anos ele passa aqui pelo hospital-dia. Faz quatro anos que ele não se interna. então, a gente tem que fazer muita coisa, eu acho que a gente tem muitas dificuldades, de desconhecimento, de limitação e tudo. Mas mas quando a gente vê essas coisas, e essa daí também não é a única, existem outras, várias.” (Boto)

Estas são algumas categorias que encontramos durante o processo de análise de dados. Certamente não são as únicas. O material produzido pelo grupo-pesquisador forma um universo amplo, que não se esgota nesse momento. Vai continuar servindo de subsídio para que muitas outras discussões e análises sejam promovidas pela própria equipe, num processo contínuo de construção de novas territorialidades.

Capítulo 6

F

ECHANDO UMA PORTA, ABRINDO JANELAS

*“Quando se realiza o viver,
pergunta-se: mas era só isto? E a
resposta é: não é só isto, é
exatamente isto.”
(Clarice Lispector)*

6 FECHANDO UMA PORTA, ABRINDO JANELAS

Enfim, chegamos aqui. Certamente, não do mesmo jeito que começamos. O universo com o qual entramos em contato durante a realização deste estudo desencadeou inúmeros afetos que, apesar de não poderem ser classificados, merecem ser destacados.

Em primeiro lugar, gostaríamos de comentar as conseqüências de se abandonar a capa da neutralidade e da objetividade ao realizar uma pesquisa. De utilizar um arcabouço teórico que permita perguntar, a nós mesmos, o porquê da escolha deste tema; explorar que condições nos levaram a tomar determinado caminho e, inclusive, passar para as páginas que escrevemos as angústias e alegrias de se mergulhar numa verdadeira viagem ao fora. Os efeitos produzidos pelo encontro com a esquizoanálise e com a sociopoética foram, sem dúvida nenhuma, uma experiência revolucionária em todos os aspectos.

Passeamos pelos lugares socio-míticos e, através deles, pudemos experimentar os dados, produzindo conhecimentos. Para tanto, não utilizamos apenas a razão, pois sentimos no próprio corpo essa viagem.

Começamos o percurso e, logo de saída, nos deparamos com **a falha entre mim e outro**. De acordo com o Dicionário Aurélio, a falha no sentido geográfico é o plano de separação que se forma entre blocos de uma rocha em conseqüência do deslocamento desta por ocasião dos movimentos tectônicos, ou seja, a falha é a delimitação de um território, marcando onde começa e termina um bloco. Outro detalhe importante é o fato de ela ser conseqüência própria do movimento, da mutação de um terreno.

Mas a palavra falha, de acordo com o mesmo dicionário, pode ter também outro significado: omissão, lacuna, falência, defeito (físico ou moral). Por que uma palavra que na natureza significa apenas a conseqüência do movimento natural constante de um terreno foi aplicada aos processos humanos num sentido tão depreciativo? Então as rochas podem transformar-se e os homens não?

A falha-falta é o fantasma que nos persegue. “Se algo não funciona com certeza existe um culpado pois tudo deveria funcionar como um relógio”. Acreditando nisso passamos a ser nossos próprios carrascos e os juízes daqueles que estão ao nosso redor. Quando dirigimos o veredicto contra nós mesmos, incorporamos o fantasma da falta-falha em mim. Sofremos com o sentimento de culpa e começamos a acreditar que realmente não somos capazes de inovar, de mudar ou crescer. Marcados pelo estigma da falta estacionamos: “não posso superar a falha pois sou eu mesmo a causa desta”.

Por outro lado, podemos considerar que a culpa é do outro, nunca minha. Num trabalho desenvolvido em equipe são previsíveis as conseqüências de assumir essa posição. Sempre que algo dá errado, a culpa é do outro. Esse “outro” começa a tomar vida numa entidade onipresente, que nunca está em lugar algum, mas que, ao mesmo tempo, está sempre presente.

Entretanto, tanto a falha-falta em mim como o falha-falta no outro são filhos da mesma idéia: a de que o mundo é um lugar perfeito e imutável onde todos têm que se encaixar sem falhas. Mas, se nem mesmo a solidez de uma rocha é constante, como podemos exigir constância no mundo social?

Conhecermos também nessa viagem a falha-diferença. Soltamos os freios da culpa e do sentimento de impotência, percebemos que o mundo está em constante movimento e, portanto, sempre vamos depararmo-nos com falhas. Falhas não só nossas, mas também de todos ao nosso redor, das instituições e organizações que compõe a sociedade. Esquecemos assim a pretensão da homogeneidade e nos permitimos criar, liberamos o processo do desejo e procuramos formas de conviver com as falhas-diferenças resultantes desse processo.

Continuamos caminhando e encontramos um **labirinto onde podemos nos perder**. Descobrimos que vivemos constantemente a angústia do “não perder”. É como se a vida fosse um jogo no qual estamos sempre competindo e nunca podemos perder: perder tempo, perder dinheiro, perder a paciência. Essa perda não é apenas relativa a fatores externos. É também sentida como algo interno: quando perdemos algo, também nos perdemos. O que importa é ganhar, acumular, obter

lucros. Entretanto, muitas vezes estamos tão ocupados em não perder, em nos proteger, em segurar o mundo nas costas como um Atlas obcecado,

É tanta coisa caindo...

e eu só tenho duas mãos!

Eu tento segurar tudo

mas sempre cai algo no chão...

que sobra muito pouco espaço para podermos criar algo mais.

Deparamo-nos com o labirinto e, a priori, tivemos duas opções: parar estagnados e perplexos a frente dele, ou, entrar e procurar a saída. Se paramos, temos a segurança de não correr riscos, mas também estamos condenados a inércia. Se entramos, corremos o risco de nos perder, mas as possibilidades de descoberta são inúmeras.

É certo que, não saber nunca que caminho seguir, é extremamente angustiante. Essa angústia pode, ela também, findar por promover a estagnação. Entretanto, não ter caminhos pre-estabelecidos nos impulsiona a construir nossas próprias saídas.

Muitas vezes tivemos que conhecer **o limite onde ficar**. Afinal, precisamos mesmo de limites? Somos feitos de matéria em movimento e de um espírito que ronda inquieto buscando sempre algo mais. Somos fluxo, somos continuidade. Mas usar o verbo "ser" aqui só é possível por estarmos separados de alguma forma do resto que nos circula. A pele é um limite, a forma e a distância com que as pessoas se aproximam para iniciar uma conversa é um limite. Constantemente dizemos: "respeite meus limites" ou ainda "a liberdade de um termina onde começam os limites do outro".

Além desses limites físicos e sociais, também criamos limites para delimitar nosso "eu". Precisamos a toda hora de limites sim, mas precisamos mais ainda aprender a transitar entre vários deles. Quando pensamos que encontramos o limite perfeito, ele sempre começa a incomodar. Quando encontramos aquela pele onde nos sentimos "em casa", percebemos que já engordamos ou que ela cedeu e já não nos serve mais. Por que relutamos em trocar de pele? Por que insistem em nos

encaixar em modelos pre-moldados de concreto e dizer que aquela é a nossa forma ? por que não se admitem alterações no modelo?

Continuando nossa viagem, encontramos também **poços onde nosso pensamento pode cair**. Quantas vezes encontramos ou criamos poços na nossa vida? Poços de vaidade, poços de ódio, poços de criatividade, poços de loucura, poços de prazer, poços de vida e poços de nada. Alguns são escuros e nos sugam buraco a dentro nos digerindo. Outros não tem fundo e nos levam a uma queda infinita. Mas há ainda os que se nos oferecem férteis e insinuantes, capazes de regar toda uma produção.

Caminhamos pelas bordas destes poços nos equilibrando num a linha tênue. As vezes escorregamos e caímos. Noutras, conseguimos nos curvar nessa borda e, com as mãos em concha, juntamos um pouco de líquido e sorvemos. Cair ou equilibrar-se não parece ser a questão, mas sim, a maneira como fazemos uma ou outra coisa.

Mas, o melhor da viagem, foi mesmo conhecer os vários **caminhos por onde seguir**. Como uma rede infinita interligada eles se cruzam, se fundem. A escolha por qual deles seguir é uma mistura de decisões e acaso. Também não são imutáveis, eles se formam e se modificam a medida que caminhamos. A cada passo que damos um novo trecho surge. Bifurcações nos saltam aos olhos por todos os lados: e se ao invés deste caminho tivéssemos tomado aquele? Nunca saberemos. Mas, podemos sim dizer: esse caminho não me serve mais, vou dobrar à direita. (ou à esquerda, ou ainda à outra direção recém-criada). O que vamos encontrar lá também não sabemos, só nos resta andar para ver.

Durante o trajeto foram freqüentes **os fluxos que nos atravessam**. Fluxos e limites, estados em transição. Se somos só fluxo, não existimos. Se somos só limites, morremos. Afetar e deixar-se afetar, talvez seja essa a tarefa mais difícil que enfrentamos. Criar limites, mas sempre provisórios e tendo o cuidado de deixar frestas por onde passem os fluxos. Muitas vezes nos surpreendemos quando isso aconteceu pois descobrimos potências que nem sequer imaginávamos existir.

Encontramos também **pontes que nos permitem sair das dificuldades**. A ponte une dois pontos, os quais, sem ela, não teriam comunicação. Pessoas, sentimentos, acontecimentos, todos podem ser pontes dependendo do lugar em que

estejam, do momento onde aconteçam. Entretanto, nem sempre a saída é uma ponte. Muitas vezes, é exatamente de uma ruptura que precisamos: um movimento, uma palavra, um papel ao vento, os ovos que se quebram e a barata esmagada dos contos de Clarice. A ruptura ocorre e, então, não somos mais os mesmos, tudo muda. Se construímos ou se destruímos uma ponte não é o mais importante. Desde que do outro lado sejamos mais felizes.

Essa foi uma viagem pela **terra onde crescem nossas raízes**. Descobrimos que ela tem falhas e depressões, tem cumes e elevações; planícies e planaltos, abismos profundos e longos prados. Também tem labirintos e caminhos em linha reta. Vivemos entre os limites desta terra e os fluxos que a perpassam. De vez em quando um poço aqui, uma ponte acolá. Deparamo-nos com tudo isso, é certo. Mas o que faremos com a parte que nos cabe nesse latifúndio?

Quando iniciamos essa pesquisa, levei ao grupo-pesquisador a sugestão de pesquisarmos a produção de subjetividade no hospital-dia. Após discutirmos esse tema, o grupo sugeriu que o delimitássemos mais e escolheu pesquisar o relacionamento interpessoal na equipe. Ao perguntar o porquê dessa escolha, obtive como resposta que alguma coisa não estava funcionando e que eles atribuíam isso a problemas de ordem pessoal fazendo assim, uma espécie de *mea culpa*.

Foi interessante, à partir daí, observar como a viagem pelos lugares socio-míticos foi possibilitando descobrirmos que não era bem assim. Aspectos institucionais, sociais, econômicos e pessoais vieram à tona e compuseram um quadro bem diferente daquilo que existia quando começamos.

O reconhecimento da culpabilização a que estava se submetendo; as conseqüências da divisão técnica e social do trabalho; a polarização entre sujeito produtivo e sujeito individual; a escassa oferta de treinamento para as atividades que exercem; a instabilidade muitas vezes provocada pelo contato com a loucura; a transição entre os modelos de atenção em saúde mental e as dificuldades de trabalhar em equipe quando a formação profissional estimula o individualismo; são algumas descobertas que o grupo fez no decorrer desta viagem.

E quanto a validade da pesquisa em si? Será que, apesar de toda as implicações assumidas durante o processo de pesquisa, foi realmente possível construir algo que fosse válido, se não para qualquer pessoa, pelo menos para o

grupo com o qual trabalhamos? Isso, provavelmente, só eles poderão saber. Entretanto, ao retomarmos nossos objetivos iniciais, encontramos algumas ressonâncias entre estes e o resultado final da pesquisa:

1º - Apreender as possibilidades de construção da prática da assistência ao indivíduo em sofrimento mental dentro dos novos serviços – o grupo-pesquisador, no desenrolar das oficinas, soube mostrar como esse processo está acontecendo na sua realidade. Logicamente não é um resultado generalizável. Em cada serviço, em cada equipe, em cada momento, iremos encontrar realidades diferentes. A própria equipe com a qual trabalhamos também já não é mais a mesma. Estamos em permanente mutação. Não necessariamente evoluindo, mas com certeza mudamos.

2º - Identificar linhas de fuga e as territorializações possíveis para a equipe de saúde mental do hospital-dia – As linhas de fuga não param de nos atravessar. São tantas e tão variadas que seria impossível perceber todas elas. Entretanto, durante o processo, o grupo-pesquisador abriu-se para as passagens que estas linhas provocam. Acelerá-las e multiplicá-las, essa é a tarefa que fica.

3º - Criar espaços que possibilitem a auto-análise – o grupo-pesquisador deixou evidente a importância de espaços para discussão. Entendemos que esta foi a principal contribuição desta pesquisa para a equipe de saúde mental. No entanto, ainda é pouco. Para que a equipe pudesse trabalhar os processos institucionais; os afetos que o trabalho interdisciplinar e o contato com a loucura provocam e as tecnologias de controle enxertadas pelo processo de socialização, faz-se necessário que a auto-análise seja um processo contínuo.

É importante destacar, também, algumas singularidades do processo da relação orientadora/orientanda ao utilizar uma metodologia sociopoética. Por seu caráter inovador e desestruturador de muitas verdades já instituídas no meio acadêmico, a sociopoética exige mais audácia, mais coragem de arriscar. E isso, com certeza, nós pudemos encontrar. Essa relação, também, é facilitada pela própria liberdade que o referencial nos dá de discutir abertamente com a orientadora todas as nossas idéias, medos e resistências.

Por último, mas não menos importante, gostaríamos de ressaltar a importância, para a enfermagem, de metodologias que estimulem a criatividade, a análise das implicações e a abordagem da subjetividade enquanto processo.

Trabalhamos a todo momento com corpos. Não só corpos físicos, mas também afetivos, libidinais, entre outros. O que faremos desses contatos é uma questão, acima de tudo, ética, pois, não acreditamos em imparcialidade. Não assumir uma postura é, ao mesmo tempo, concordar com a exploração e dominação daqueles que nos entregam suas vidas. Na pesquisa ou na assistência, despertar potências e promover a criação de territórios habitáveis, essa deve ser a tarefa do profissional comprometido com a produção de vida daqueles a quem assistimos.

Certamente não é tarefa fácil. Despir-se daquilo que, por muito tempo, acostumamos chamar de “verdade”, exige muito mais de nós. Mas,

Na sede de nascer de novo

Dia faz sofrer. De lá será

Partida, pra longe de mim mesmo

Assim, preciso do ar

Desse indivíduo ar, criar.

Agora tenho nova mente

Quem diria a mesma ?

Perdi verdades, vermelhosidades,

Azuliberdades e branquigualdades.

O que ficou é não ficar no mesmo

Lugar assim, preciso do ar

Desindividuar.

7 REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- AGUIAR, M. G. G. **A reinvenção do ser enfermeira no cotidiano da Casa de Saúde Anchieta e núcleos de atenção psicossocial**. 1995. 155 p. Dissertação (Mestrado) - Escola de Enfermagem – USP, São Paulo, 1995.
- ALMEIDA, M. C. P.; ROCHA, J. S. Y. **O saber de enfermagem e sua dimensão prática**. 2. Ed. São Paulo: Cortez, 1989.
- AMARANTE, P. Asilos, alienados, alienistas: uma pequena história da psiquiatria no Brasil. In: _____. (Org.) **Psiquiatria social e reforma psiquiátrica**. Rio de Janeiro: FIOCRUZ, 1994.
- _____. **Loucos pela vida: a trajetória da reforma psiquiátrica no Brasil**. Rio de Janeiro: SNE/ENDP, 1995.
- BANDEIRA, M. **Seleta em prosa e verso**. 2. ed. Rio de Janeiro: J. Olympio, 1975.
- BAREMBLITT, G. **Compêndio de análise institucional e outras correntes: teoria e prática**. 2.ed. Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos, 1994.
- BARROS, R. D. B de. Dispositivos em ação: o grupo *in* **Cadernos de subjetividade**, v. 1, n-1, p. 97 – 106, 1993.
- BOAL, A. **Jogos para atores e não atores**. 14. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1998.
- BORGES, J. L. **Os seres imaginários**. Disponível em www.abordo.com.br/ocaixote/seres_prologo.htm . Acesso em: 11 de novembro de 2000.

BRAGA, J. S. C.; PAULA, S. G. **Saúde e previdência. estudos de política social.**
2. ed. São Paulo: HUCITEC, 1986.

BRAGA, V. A. B., **O Ensino de enfermagem psiquiátrica no ceará e a reforma psiquiátrica: avanços e recuos.** 1998. Tese (Doutorado) - Escola de Enfermagem de Ribeirão Preto – USP, Ribeirão Preto, 1998.

BRASIL. Ministério da Saúde. **Relatório final da 2ª Conferência Nacional de Saúde Mental.** Brasília, 1994.

CAMARGO, L. M. G. de. **Desejos de transformação: 30anos de maio de 68.**
Disponível em <http://www.pr.gov.br/celepar/seec/maio68/maio02.html> . Acesso em 22 de maio de 2000.

CHAUÍ, M. **Convite à Filosofia.** 10. ed. São Paulo: Ática, 1998.

DELEUZE, G. **Foucault.** São Paulo: Brasiliense, 1998.

_____. **Diálogos:** Gilles Deleuze e Claire Parnet. São Paulo: Escuta, 1998.

_____. **Conversações.** Rio de Janeiro: Editora 34, 1992.

DELEUZE, G.; GUATARRI, F. **O Anti-Édipo: capitalismo e esquizofrenia.** Lisboa: Assírio & Alvim, 1966.

_____. **Mil platôs: capitalismo e esquizofrenia.** v 1. Rio de Janeiro: Editora 34, 1995a.

_____. **Mil platôs: capitalismo e esquizofrenia** v. 2. Rio de Janeiro: Editora 34, 1995b

_____. **Mil platôs: capitalismo e esquizofrenia** v. 3. Rio de Janeiro: Editora 34, 1996

_____. **Mil platôs: capitalismo e esquizofrenia v. 4.** Rio de Janeiro: Editora 34, 1997

DELGADO, P. G. Reforma psiquiátrica: Bem-estar e cidadania. **Boletim Pela Vidda**, n. 28 - Abril/Junho/1997. Disponível em www.pelavidda.org.br/public3.htm . Acesso em: 02 de abril de 2000

ELLERY, A. E. L. **Os desafios da luta antimanicomial no Ceará.** 1994. Monografia (Especialização). 1994. Departamento de Enfermagem, Universidade Estadual do Ceará, Fortaleza, 1994.

FOUCAULT, M. **A história da loucura.** 5. ed. São Paulo: Perspectiva, 1972.

_____. **Doença mental e psicologia.** Rio de Janeiro: Tempo Universitário, 1975.

_____. **Microfísica do poder.** Rio de Janeiro: Edições Gerais, 1979.

FRAGA, M. N. O. Uma experiência em ensino de enfermagem psiquiátrica: relato e tentativa de análise **Revista de Psicologia**, vol. 7/8, n. 1/2, p 5 – 14, 1989/1990.

FUGANTI, L. A. Saúde, Desejo e Pensamento. **Revista SaúdeLoucura**, v. 2, São Paulo: HUCITEC, 1990

GADELHA, S. **Subjetividade e minoridade.** Fortaleza: Secretaria da Cultura e Desportos, 1998

GAUTHIER, J. H. M. **Sociopoética: encontro entre arte, ciência e democracia na pesquisa em ciências humanas e sociais enfermagem e educação.** Rio de Janeiro: Editora Escola Ana Nery/UFRJ, 1999a.

_____. **O que é sociopoética,** Coleção Primeiros Passos, Brasiliense, 1999b

- GAUTHIER, J. H. M.; CABRAL, I. E.; SANTOS, I.; TAVARES, C. M. M. . **Pesquisa em enfermagem: novas metodologias aplicadas**. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 1998.
- GAUTHIER, J. H. M; SANTOS, I. **Enfermagem: análise institucional e sociopoética**. Rio de Janeiro: Escola de Enfermagem Ana Nery/UFRJ, 1999
- GUATARRI, F.; ROLNIK, S. **Micropolítica: cartografias do desejo**. 5. ed. Petrópolis: Vozes, 1999
- KINOSHITA, R. T. Uma experiência pioneira. A reforma psiquiátrica italiana. *In: MARSIGLIA, R.; DALLARI, D. A.; COSTA, J. F.; MOURA NETO, F. D. M.; KINOSHITA, R. T.; LANCETTI, A. Saúde Mental e Cidadania São Paulo: 2ª ed. Mandacaru*
- LANCETTI, A. Hospital-dia "A Casa": conversando sobre dez anos de experiência. **Revista SaúdeLoucura**, v.1, p.33 – 45, 1989
- LIMA, A. E. Habitando um paradoxo. **Cadernos de subjetividade**, v. 1, n - 4, p. 162 – 175, 1996.
- MARAZINA, I. Trabalhador de saúde mental: encruzilhada da loucura **Revista SaúdeLoucura**, v.1, p. 69 – 74, 1989.
- MARTINS, A. A. A enfermagem como prática social. **Revista Brasileira de Enfermagem**, v.40, n. 213, p. 132 – 143, 1987.
- MARTINS, F. C. C. L.; SILVEIRA, L. C.; BRAGA, V. A. B. Equipe de saúde mental do hospital-dia: produzindo a interdisciplinaridade *in: FRAGA, M. N. O., BRAGA, V. A. B. & SOUZA, A. M. A.(Org.) Políticas de Saúde, Saúde Mental e Interdisciplinaridade: Avaliação e Métodos*. Fortaleza: UFC, 2001.

- MASCARENHAS, P. Supervisão: múltiplas visões. Ensinando e aprendendo. **Revista SaúdeLoucura**, v.1, p. 61 – 68, 1989.
- MIRANDA, C. M. L. **O parentesco Imaginário**: história e representação social da loucura nas relações do campo asilar. Rio de Janeiro: Editora da UFRJ, 1997.
- MITHOS - **Sistema de Pesquisa Mitológica em Hipertexto**. Disponível em <http://mithos.cys.com.br> . Acessado em 11 de novembro de 2000.
- NICÁCIO, M. F. Da Instituição negada à instituição inventada, **Revista SaúdeLoucura**, v.1, p. 91 - 108, 1989.
- NIETZSCHE, F. *apud* GAUTHIER, J. H. M.; CABRAL, I. E.; SANTOS, I.; TAVARES, C. M. M. **Pesquisa em enfermagem**: novas metodologias aplicadas, Guanabara Koogan, Rio de Janeiro, 1998.
- NUNES, D. E. A questão da interdisciplinaridade no estudo da saúde coletiva e o papel das ciências sociais. *In*: CANESQUI, A. M. (Org.) **Dilemas e desafios das ciências sociais na saúde coletiva**. São Paulo: HUCITEC/ABRASCO, 1995.
- PELBART, P.P. **Da clausura do fora ao fora da clausura**. São Paulo: Brasiliense, 1989.
- _____. Manicômio mental: a outra face da clausura. **Revista SaúdeLoucura**, v.2, p. 131 – 138, 1990.
- ROLNIK, S. **Cartografia sentimental da América**: produção do desejo na era da cultura industrial. São Paulo: Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, 1987.

- ROTELLI, F.; AMARANTE, P. Reformas Psiquiátricas na Itália e no Brasil: Aspectos Históricos e Metodológicos in BEZERRA JUNIOR, B.; AMARANTE, P. (Org.) **Psiquiatria sem Hospício: Contribuições ao Estudo da Reforma Psiquiátrica.** Rio de Janeiro: Relume-Dumará: 1992
- SCHERER, A. E.; CAMPOS, M. A. O trabalho em equipe interdisciplinar em saúde mental: uma revisão de literatura. **Estudos em Saúde Mental.** Curso de Pós-Graduação em Saúde Mental. São Paulo: FMRP/ USP, 1997.
- SILVA, G .B. **Enfermagem profissional** : análise crítica. São Paulo :Cortez, 1986.
- SILVEIRA, L. C.; MARTINS, F. C. C. L.; BRAGA, V. A. B. A Enfermagem nas Teias da Sociopoética *in*: FRAGA, M. N. O., BRAGA, V. A. B. & SOUZA, A. M. A. (Org.) **Políticas de Saúde, Saúde Mental e Interdisciplinaridade: Avaliação e Métodos.** Fortaleza: UFC, 2001.

SUMMARY

The politics of mental health in Brazil have been considerably transformed in the last decades. After the movement of the psychiatric reform, the structure of the mental health services stopped being restricted to the internment psychiatric hospital and started to compose a net. This net is formed by varied services in agreement with levels of attendance and among them, there is the day-hospital. We accomplished this study, from the fact that, it is not enough to change the physical structures, if this attitude is not followed by a change in our way of noticing and, consequently, deal with the madness. In agreement with the presuppositions of the Italian democratic psychiatry, the "life production" is the mental health professionals instrument. To make possible such life production for those we attend, we need, above all, to permit ourselves this experience. We need to ask and mobilize our own papers, so that, we can give place to life production of the people in mental suffering. We aim, at the present study, to apprehend the possibilities of construction of the attendance practice to the person in mental suffering inside the new services. To reach that aim, we understand that is necessary to identify escape lines and possible territories for the professionals team, besides creating places that make possible the self-analysis. As theoretical-methodological referential, we used the sociopoética and the philosophers of the schizoanalysis line ideas. The production of the research data was made through the accomplishment of workshops with the mental health team of a day-hospital of Fortaleza public services net. Through the used methodology, we noticed that the group-researcher, during the workshops development, showed how the process of construction of the attendance practice in mental health is happening on their reality. It was possible to identify escape lines, so many and so varied, that would be impossible to apprehend all of them. However, during the process, the group-researcher opened up it self for the passages that these lines provoke. To accelerate them and to multiply them, is our present main task. This whole process, made possible the creation of self-analysis spaces, leaving evident the importance of this creation for the team's permanent construction. We understand that this was the main contribution of this research for the mental health's team. However, it's still insufficient. For the discussion of the institutional processes, the control technologies grafted in the socialization process, the affections provoked by the contact with the madness, it is necessary that the self-analysis be a continuous process. We accomplished, also, a description of the whole research process with a sociopoética methodology, due to the fact that this approach is innovative and still little published in the nursing. In spite of that, we pointed out the importance of the use of methodologies that stimulate the creativity, the analysis of the researcher's implications and the vision of the subjectivity as a process. Us, nurses, we work at every moment with bodies. Not only physical bodies, but also affective, libidinal, among others. What we will do of those contacts it is something, above all, ethics. We have a commitment with the life production of those we render attendance.

8 ANEXOS

Anexo I - FORMULÁRIO VIVÊNCIA DE LUGARES SOCIOMÍTICOS

No relacionamento pessoal nessa equipe, como é:

- A terra onde crescem minhas raízes?
- poço onde meu pensamento pode cair?
- A ponte que me permite sair das dificuldades?
- A falha entre mim e o outro?
- Os fluxos que nos atravessam?
- cume de onde vejo tudo que acontece?
- túnel onde existem relações secretas?
- labirinto onde a gente pode se perder?
- limite onde ficar?
- A gruta onde me escondo?
- caminho por onde andar?
- A estrada por onde fugir?
- A galáxia onde morar?
- rio onde nadar?
- trilho por onde passa o trem?
- arco-íris onde estou?

Anexo II – CATEGORIAS DE ANÁLISE SÓCIO-POÉTICA

No relacionamento interpessoal da equipe, como é:									
A terra onde crescem nossas raízes	Apesar de ser fértil, não é bem tratada e precisa de cuidados	Aqui me sinto segura e decidida, por mais que em alguns momentos eu sinta algum fracasso, consigo recuperá-los	Exatamente aqui neste lugar que me fez minhas raízes. Aqui elas se tornaram mais fortes, mais seguras. Aqui elas se fortificaram e continuam se fortificando	Na união da equipe	Meu estudo, conhecimento	É úmida e pantanosa	É vermelha, argilosa, misturada as vezes com areia, ora árida, ora mais fértil, absorve muita água e as vezes pode secar com uma certa fragilidade. Não tem raízes	A terra cresce lentamente, mas com fortes raízes	Onde minhas raízes poderão crescerem
O poço onde meu pensamento pode cair	É escuro, medo, fofoca, disse me disse	Eu nunca acho que exista esse poço de verdade	Até pode ser um poço, mas é muito raso, onde eu posso até atravessá-lo. Este poço é como se fosse um poço de testes (exames) onde todos deveriam passar e lutar para atravessá-lo	Quando alguém entra em atrito. Tenho medo do desequilíbrio da equipe	Mesmice, mediocridade	Não me importo se ↑ ↓	Escuro, fundo, amedrontador	Não sabemos qual poço mas temos preocupação com este poço	O rio onde meus pensamentos evoluirão

A ponte que permite sair das dificuldades	O outro. Companheirismo e profissionalismo, em ponte	A comunicação e o entendimento formam o elo	Existem muitas, mas muitas dificuldades. Até parece que quem chega no meio dela fica e não consegue ir em frente nem voltar. Esta ponte é muito carente.	As reuniões de equipe	Auxiliadora	Com diálogo, cooperação, trabalho, unidade	É de bambu, frágil e algo cansada pelo tempo e por certa rotina	Procura estar em cima desta ponte	Na medida em que convivendo com o outro posso superar minhas dificuldades
A falha entre mim e o outro	A comunicação. Os individualismos, vaidades.	É fácil, depende da boa vontade do outro	A minha falha é exatamente a minha falta de expressão, de eu não saber botar o que tem de belo em mim para fora. E aí acabo sendo interpretada mal	Alguns pontos de vista entre mim e uma amiga da mesma função. Não gostaria de comentar	Arrogância, prepotência	Não permitir que o outro erre	É de profundidade variável. Posso cair e me machucar ou puxá-la para o outro lado	Falta de envolvimento	A equipe é espaço para descobrir o outro, para conhecê-lo melhor. Assim como ser conhecida, compreendida e respeitada

Os fluxos que o atravessam	A vontade de fazer bem da maioria, solidariedade do fazer	Alguns são mais difíceis mas com confiança e fé se atravessa	São de altos e baixos		Sérgio, sempre levando a equipe a questionar as atitudes	Vários pensamentos distorcidos (de todos)	São fortes, ora frios, ora aquecidos, ora cortantes, ora acolhedores		Deverão ser sempre enfrentados e superados
O Cume de onde eu vejo tudo que acontece	Na introspecção		É excelente, pois observo os mínimos detalhes, vejo sempre os prós e os contras		Eu observador	Não há cume, só observação	Não é muito alto. Há partes com vegetação e arbustos que atrapalham a visão		Lugar onde podemos ver a vida se processar

O túnel onde existem relações secretas		Esse túnel é muito relativo. Depende de cada situação, global mas isso existe no momento em que se quebram a existência	Não deveria existir este túnel com essas relações, mas existe e isso é altamente prejudicial. Neste túnel é sufocante, mas tem que existir.	Não vejo isto aqui	Pensamento Marluce	Não existem relações secretas	É clandestino, escurinho, abafado e alegre	Túnel às vezes muito secreto	Uma estrada a percorrer
O labirinto onde a gente pode se perder	A insegurança, desconhecimento		Este é um labirinto de fácil acesso, mas para conduzir esse labirinto é muito difícil.	Comentários fora do local adequado causa mal entendido	Seguir sempre o bom senso	Não tenho medo de me perder	É grande, longo, cansativo	O medo de não ter saída para outros espaços, com um pouco de dúvida	Mas pode encontrar maravilhas

O limite onde ficar	É indefinido, instituído	Até o tempo que puder existir	Procuro ver onde encontrá-lo	Não sei. Acho que estou bem	A falta de autonomia, de poder ir além dos limites que impedem o crescimento	Quando não ultrapasso o espaço do outro	É duvidoso, pouco claro e pouco firme		Onde me encontrar
A gruta onde me escondo	O refúgio	Na certeza do mais transparente e mais correto que eu ver	Está visível	Não tenho. Só o pensamento	Minha insegurança	Não me escondo	É secreta, tem uma entrada que só eu conheço	Não sair desta gruta para não machucar	Lugar onde cresço
O caminho por onde andar	Junto com alguém. É longo	Onde me sinto mais firme e mais segura, na certeza	Não tô perdida, mas confusa	Certo, procurando sempre o melhor	Seguindo o que eu acredito	Reto sem tropeço	É tortuoso, estreito, de terra, numa floresta	Mais aberto	E encontrar as mais diversas experiências

A estrada por onde fugir	Não encontrei	Quando não der mais para ficar	Não quero encontrar, fuga é insegurança	Não preciso	Aquele que me dá oportunidade de crescimento	Não gosto de fugir	É uma trilha nomeio do mato; onde vai dar eu não sei bem.		Lugar onde esqueço meus problemas pessoais
A galáxia onde morar	Estou em busca	No apoio das pessoas, compreendidos e sinceros	Está em atrito. Os "astros" não estão completando sua órbita	Terra	Transformação	Não gosto de mudar	É colorida, esfuziante e mágica, grande		Até quando der
O rio onde nadar	É profundo	A felicidade e a liberdade em que me sinto	A água está congelada, mas o sol um dia vai chegar lá e vai derreter todo o gelo e ele vai correr novamente	Rio de pureza, de águas claras	Silvia, aberta colaborar com a equipe nas atividades propostas e (um longo) oportunidade que tem de crescer (extensão do rio), bastando que tenha segurança em si mesma	Sempre a vontade	É pedregoso, com quedas e cachoeiras, devendo Ter muito cuidado pra não se machucar	Que seja livre com correnteza firme e leve, sem ondas fortes	Para encontrar e superar todos os obstáculos

O trilho por onde passa o trem	Está no meio do caminho	Ter muito cuidado com tudo	Teve um rompimento	Trilho sempre bem sinalizado, sem riscos de acidentes	Vivente, sempre alertando a equipe para seguirmos um só caminho e as regras que fazem este caminho. Gostaria que saísse um pouquinho da linha para que pudesse observar/vivenciar novas experiências.	Não me arrisco	É desgastado, não tem manutenção frequente		Convivendo em equipe estamos sujeitos a caminhar com problemas, mas que com certeza serão superados
O arco-íris onde estou	É colorido. Causa bem estar. É a soma das cores. É a soma de pensamentos	Gosto muito	Falta cores	Aqui, agora	Está faltando cores	Não tão brilhante	Não estou num arco-íris	Melhor visão do espaço, construída por todos	Cheguei a pouco tempo nessa equipe mas sinto que ela com certeza será muito importante na minha vida. Pois espero dividir com todos o meu trabalho, angústias que este poderá trazer e a alegria de poder estar sempre convivendo